



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO NOSSA  
SENHORA AUXILIADORA EM SOUSA-PB (1958-1980)**

**ANA PAULA ESTRELA**

**CAJAZEIRAS – PB  
2019**

**ANA PAULA ESTRELA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO NOSSA  
SENHORA AUXILIADORA EM SOUSA-PB (1958-1980)**

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Prof. Orientador: Dr. Israel Soares de Sousa

**Cajazeiras - PB  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Deinize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1069  
Cajazeiras - Paraíba

E823h Estrela, Ana Paula.  
História e memória da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Sousa – PB (1958-1980) / Ana Paula Estrela. - Cajazeiras, 2019.  
125f. : il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.  
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Instituição Educacional Confessional. 2. História oral. 3. Disciplina escolar. 4. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - Sousa - Paraíba - 1958-1980 - memória. 5. História da educação feminina- Sousa - Paraíba. 6. Igreja Católica - orientações educacionais. I. Sousa, Israel Soares de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37(091)

ANA PAULA ESTRELA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO NOSSA  
SENHORA AUXILIADORA EM SOUSA-PB (1958-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

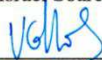
**Orientador:** Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Orientador)



Prof.ª Dr.ª Viviane Gomes de Ceballos



Prof.ª Dr.ª Rosemere Olimpio de Santana

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a história do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - CNSA e as memórias de suas ex-alunas, refletindo acerca dos aspectos disciplinares e cotidianos vividos por elas no seu período escolar neste educandário, localizado na cidade de Sousa-PB. Definimos como recorte temporal o período compreendido entre os anos de 1958 e 1980. Conforme apresentado em seu Regimento Escolar, o CNSA se fundamenta na educação a partir da orientação religiosa, inspirada em princípios católicos de liberdade e solidariedade, bem como na preparação para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho. Analisamos o Colégio enquanto espaço de vivência disciplinar, a partir da perspectiva foucaultiana, identificando como eram voltados os olhares dos gestores do educandário para formação educacional e pessoal de suas alunas. Apresentamos como a influência da Igreja Católica e seus princípios morais tornaram esta realidade disciplinar mais marcante. A pesquisa busca contribuir para compreensão dos estudos da História da Educação feminina na cidade de Sousa e na Paraíba, além de discutirmos o processo de feminização do magistério. Para apoio teórico-metodológico nos utilizamos da História Cultural, Memória e História Oral e utilizamos de fontes, além das fontes bibliográficas, das fotografias do Colégio, da Revista Comemorativa do CNSA, do Regimento Escolar, das obras literárias sousenses e das fontes orais, a partir do depoimento de duas ex-alunas e uma ex-diretora. As suas duas discentes e a ex-diretora entendiam o colégio como um espaço de formação educacional, mas também de formação religiosa, pilares trabalhados de modo conjunto, sendo realizados através das atividades culturais, educacionais e religiosas. As depoentes enxergam o espaço com gratidão e entendendo que as atitudes disciplinares eram seguidas como forma de respeito para com as irmãs e que também era algo que sua família e sociedade buscavam seguir.

**Palavras-chave:** Disciplina – Igreja Católica – Memória – História Oral.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the history of the “Colégio Nossa Senhora Auxiliadora” (CNSA), which is a school located in Sousa, PB – Brazil, and some of its students' memories as a moment of reflection of their experiences regarding discipline and their daily lives as students. The analyzed timeline comprehend the years from 1958 to 1980. As stated in the CNSA's statute, the institution is religiously based and it is inspired by the solidarity and freedom Catholic principles, where the school prepares students for exercising their rights as citizens and for the job market as well. Through a Foucauldian analysis, the institution is studied as a disciplinary site, where the faculty approach towards the students' educational and personal formation is identified. The influence of the Catholic Church and its moral principles marked the school's disciplinary reality. This paper also objectives to contribute to the History of Women in Education in the city of Sousa, as well as in the State of Paraíba, besides the presence of women as teachers. To give theoretical and methodological support to this paper, it was founded on cultural history data, memories, oral history data, photos, the school's commemorative magazine, and the school's statute, besides bibliographic sources and local literary sources; the paper also had the statement of the former principal and two former students as support. These people view the institution as a site of educational foundation as well as a religious foundation, where these two pillars work together through educational, religious and cultural activities. They see the school with gratitude, and they understand that the imposed rules represented a way of respect with the school's nuns towards what their families and society sought to follow.

**Keywords:** Discipline – Catholic Church – Memory – Oral History.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>1- Um espaço de vivências disciplinares e cotidianas.....</b>	<b>16</b>
1.1. O poder de transformação da disciplina nas instituições educativas.....	18
1.2. A disciplina no colégio e as reflexões desse rigor.....	21
1.3. As práticas do olhar hierárquico, da sanção normalizadora e do exame no espaço escolar.....	25
1.4. A função do Panóptico nas instituições disciplinares.....	28
1.5. Um período de conservadorismo na educação feminina.....	30
<b>2- CNSA: O histórico de sua implantação em Sousa.....</b>	<b>36</b>
2.1. O Colégio Auxiliadora e a historiografia sousense.....	36
2.2. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e suas finalidades.....	42
2.3. A influência da Igreja Católica na educação e sua moralidade refletida na disciplina do educandário.....	46
<b>3- Memória e história: discutindo com as fontes.....</b>	<b>54</b>
3.1. A História e a Memória: aproximações e divergências.....	54
3.2. O CNSA na perspectiva de suas ex-alunas e de sua ex-diretora.....	58
3.3. Aspectos educativos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	61
3.4. O papel da mulher: esposa e dona de casa.....	66
<b>Considerações finais.....</b>	<b>74</b>
<b>Referências.....</b>	<b>79</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>82</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>84</b>

Dedico este trabalho ao meu pai (in memoriam). Esse sonho é nosso e tudo que sou e serei eu agradeço imensamente a ti. Obrigada por tudo pai!



## AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão importante que aqui chegamos, quero agradecer as pessoas que foram essenciais nessa trajetória no curso de História e na pesquisa acadêmica, e que sem eles, o meu sonho não teria se concretizado.

Inicialmente, agradeço ao Senhor meu Deus, por tantas e tantas vezes me sustentar nas inúmeras vezes que pensei em desistir, nos momentos de angústias e tristezas. Obrigada pela força, coragem e dedicação que me concedeu em todos esses momentos.

Agradeço a minha família que foi determinante para que eu conseguisse concluir esse curso, através de suas orações, de incentivos, de sua colaboração na caminhada e nos momentos de dificuldade, enfim, vocês estiveram o tempo todo mostrando confiança, carinho e apoio durante esses quase cinco anos de curso.

Agradeço ao meu orientador Israel Soares, que foi mais que um professor, tornando-se um amigo, que entendia meus momentos de preocupação, que me incentivou inúmeras vezes, que se mostrou muito paciente, sereno e que contribuiu de forma determinante para que eu entendesse a minha pesquisa, as discussões, estando disponível para me auxiliar no que precisei. Agradeço também a minha professora Rosilene Alves, que foi quem me ajudou na construção do projeto de pesquisa, quem me auxiliou para compreender a temática e ter uma visão mais crítica do mesmo.

Agradeço à senhora Madre Aurélia, pessoa determinante na continuidade da pesquisa, no qual me disponibilizou as fontes para compreender a história do educandário, quem esteve me auxiliando durante o percurso e que me concedeu uma entrevista bastante esclarecedora. Agradeço também as duas ex-alunas Fátima Elias e Fátima Manguera, pessoas muito especiais e gentis, que tiveram muito carinho e disponibilidade de me atender, de responder as perguntas e de esclarecer mais ainda acerca do colégio.

Agradeço aos meus professores do curso de História, por todo aprendizado, debates, análises, carinho e respeito adquirido, no qual foi muito importante para meu crescimento acadêmico e pessoal.

E agradeço muito aos meus amigos do curso, em especial a minha melhor amiga e parceira Juliana, que sem ela, não teria chegado até aqui, porque foi essencial para chegar até o final. Obrigada minha amiga por tudo que vivemos juntas, pela força, carinho, respeito, por ter sido tão importante na minha vida acadêmica e pessoal.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Sede do Colégio São José .....	38
Figura 2 – Abertura oficial do Colégio N. S. Auxiliadora em 1958.....	40
Figura 3 – Entrada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	41
Figura 4 – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: parte interna.....	41
Figura 5 – Alunas em desfile festivo para receber autoridades.....	42
Figura 6 – O bispo Dom Quintino .....	44

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CNSA	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora
EMC	Educação Moral e Cívica

## INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como objetivo analisar a história do educandário e as memórias de suas ex-alunas, refletindo acerca dos aspectos disciplinares e cotidianos vividos por elas nos seus períodos escolares no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB, no período compreendido entre os anos de 1958 e 1980. A pesquisa se insere na perspectiva da História Cultural, através da memória e da história, o que permite uma visão ampla da temática. Direcionamos a análise para questões de vivências cotidianas na plena juventude dessas ex-alunas.

Desenvolveram-se ao pensar a problemática, questões que nortearam para o avanço da pesquisa. Como se relacionavam essas jovens nesse ambiente escolar, baseado em princípios religiosos? Quais as histórias de vida perpassavam uma influência para vida toda? Havia uma rigidez para o cumprimento das normas estabelecidas? Como eram desenvolvidas as relações disciplinares e normativas no Colégio? Qual a relação da direção da instituição com as alunas nesses aspectos acima questionados?

Com leituras sobre o livro clássico *A Escrita da História*<sup>1</sup>, de Michel De Certeau (2002), entendemos que o lugar é aquele vivenciado pelo sujeito na pesquisa, no nosso caso o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde ocorreram as formações, o cotidiano, os aspectos disciplinares e as influências da Igreja Católica na vida dessas jovens durante seus períodos escolares. Este Colégio está situado na cidade de Sousa-PB, ainda desenvolvendo uma educação com ideais e princípios católicos, através da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Assim, a educação proposta nesse educandário é motivada na perspectiva da Congregação, pelas práticas dos bons costumes, da fé, da solidariedade e dos valores morais, com ética. Atualmente, o colégio oferece uma educação mista, tanto no Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais, quanto no Ensino Médio. A escola apresenta desempenhos satisfatórios dos seus educandos no Enem e, portanto, ao longo de sua história vem adquirindo respeito e importância para História da Educação sousense.

A perspectiva teórica está contida nos estudos e perspectivas da História Cultural e da História da Educação, a partir dos quais a nossa problemática sobre o cotidiano e disciplina escolar está respaldada. Autores como Michel Foucault (2014), Guacira Louro (1994), Durval Muniz (1994), Ecléa Bosi (1994) e Mary Del Priore (2007) são

---

<sup>1</sup>CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

clássicos da historiografia dos estudos culturais e seus pensamentos também estão problematizados nas perspectivas educacionais. Nesse sentido, nossa pesquisa apresenta uma abordagem específica, a partir dos conceitos de memória e história; juntamente com os de verdade, poder e disciplina, dialogando entre si, apontando uma multiplicidade de perspectivas que se aproximam e que aconteceram após uma virada de temáticas, propostos pelos estudos culturais.

Assim, refletimos as vivências cotidianas dentro do Colégio citado, através dos depoimentos de suas ex-alunas e de sua ex-diretora, nos debruçando nas discussões a partir de suas vivências, das suas memórias, das influências recebidas, da relação com as irmãs e com a sociedade.

A partir da perspectiva foucaultiana, percebemos o Colégio enquanto espaço de disciplina, imposição de “verdade” e poder, identificando como, naquele determinado contexto histórico, os olhares dos gestores do educandário eram voltados para formação de sujeitos dóceis, passivos e submissos. Além disso, apresentamos como a influência da Igreja Católica e seus princípios morais tornaram esta realidade disciplinar mais presente.

Ao nos debruçarmos com a historiografia de Michel Foucault (2014), refletimos e chegamos à conclusão que a escola/colégio é um espaço transformador social e intelectual, mas também de formações subjetivas. Foucault tem sido bastante importante para analisar as problemáticas educativas atuais e era um crítico de instituições que propagavam discursos de verdade, problematizando o poder e a disciplina existentes nesses espaços e como isso modificava e influenciava para produção de sujeitos cada vez mais voltados a passividade e submissão.

O filósofo em seu livro clássico “*Vigiar e Punir: O nascimento da prisão*”<sup>2</sup>, analisou historicamente exércitos, fábricas, prisões, asilos e escolas, percebendo atitudes de modificações no corpo e na mente dos sujeitos, identificando que o homem pode ser moldado, disciplinado e submisso, através de normas e punições, pois o objetivo era que exercessem suas atividades como cidadãos “dóceis” para não desrespeitarem as normas estabelecidas pelo poder do Estado. Nesse sentido, no colégio analisado, percebemos que houve transformações realizadas na vida das ex-alunas a partir da educação desenvolvida na instituição, onde os ensinamentos e valores repassados, a partir da

---

<sup>2</sup>FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: O nascimento das prisões**. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

orientação religiosa, tiveram um papel importante para construção, em cada uma, do ideal de mulher naquele contexto vivenciado.

As instituições educativas apresentam assim discursos de “verdades” para que sejam assimilados e respeitados. Essas noções de ‘verdade’ estão ligadas ao que Foucault analisou. O poder está relacionado não apenas à professora, como também aos diretores, supervisores do espaço escolar, aos pais e o governo, que possuem e exercem seus poderes nas instituições educativas. Assim, no nosso espaço de pesquisa que é um colégio religioso, buscamos essa análise sob esta perspectiva foucaultiana e identificamos como o papel e a influência da Igreja Católica está diretamente articulada a esses aspectos disciplinares.

Em relação aos recursos metodológicos temos as fontes orais, a partir das quais o historiador problematiza as memórias dos sujeitos, possibilitando a compreensão da vivência relatada dos fatos e fazendo uma relação com o contexto histórico. Apresentamos uma variedade de fontes, tais como: a escrita, a oral e a iconográfica, fazendo com que ocorra assim, uma relação no campo da História Cultural.

Utilizamos da História Oral, realizando entrevistas gravadas com duas ex-alunas e uma ex-diretora que vivenciaram esses momentos nesse determinado período, no qual estas participaram do passado e estão nos possibilitando com seus depoimentos compreender o presente.

Compreende-se que a entrevista é uma técnica da História Oral que requer muita atenção e cuidado, desde o planejamento, passando pela própria transcrição dos depoimentos, que foram analisados como fontes, em seguida fazendo os questionamentos considerados necessários e evidenciando os elementos que serviram para responder os problemas levantados na pesquisa.

Ecléa Bosi (1994) problematizou o conceito de memória histórica, sobretudo dos idosos, e enfatizou que “a lembrança é a sobrevivência do passado”, e que este “aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”. Ela explica que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p.55).

A autora contribuiu para um avanço na compreensão do conceito de memória, este aspecto que está inserido em um lugar social, que permite a compreensão disso ao fazermos nossa análise dos relatos das ex-alunas do CNSA, possibilitando o entendimento do colégio em que a experiência foi vivida, e como isso transformou e

marcou a vida delas. A memória se faz importante na vida e ela “está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado” (BOSI, 1994, p. 60).

O historiador Durval Muniz<sup>3</sup> (1994), analisa a memória e sua relação com a história, percebendo que o historiador manipula memórias e que muitos tomam o depoimento como verdade em si e reproduzem sem fazer uma análise crítica, entendendo que está dando voz aos vencidos. Essa noção de dar voz aos vencidos ocorre por causa do longo período em que a fala das mulheres estava silenciada e que não havia o entendimento que elas seriam sujeitos históricos e que poderiam contribuir para compreensão de determinado momento ou fato histórico.

Percebemos, com o levantamento bibliográfico, como os estudos relacionados com a educação têm tido um crescente interesse na academia e um número significativo de análises é desenvolvido através da perspectiva do filósofo Michel Foucault e nossa pesquisa aborda o poder disciplinar, que impera na educação religiosa. Assim, quando se perpetuou a “verdade” de que a mulher deveria ser uma boa mãe-esposa-dona do lar, nessas palavras havia uma relação de que os homens tinham o seu poder de dominação e as mulheres os seus aspectos de submissão. Esse discurso foi uma construção para produzir nas mulheres os efeitos apropriados para a sociedade da época.

A relevância da pesquisa está em perceber, problematizar e desvendar o que se passava nesse espaço educacional religioso, através dos depoimentos dos próprios atores, isto é, as ex-alunas. Estas ao descreverem suas lembranças, pela memória, colocaram uma nova visão do Colégio.

O recorte temporal tem como marco o ano de 1958, ano de criação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Sousa, período no qual o mesmo era destinado apenas para educação de jovens moças da cidade sousense e da região e vai até o ano de 1980, momento que o colégio passa por uma transformação no seu ensino que vai se tornar misto. O que se percebe de destaque nesse recorte é o contexto político do nosso país, no qual, em parte dele, a Ditadura Militar estava instaurada, reforçando um momento onde o conservadorismo era forte, se revelando também na educação. Esta esteve ligada a esse processo histórico e assim, iremos perceber até que ponto o Estado esteve relacionado com a disciplinarização e a moralidade católica neste educandário sousense.

---

<sup>3</sup>MUNIZ, Durval. **Violar memórias e gestar a História**: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. *Clio - Série História do Nordeste*, nº 15, p. 39-52, 1994.

Diante disso, o primeiro capítulo aborda a parte teórica da pesquisa, debatendo sobre a disciplina, verdade e o poder em instituições educativas, no qual utilizamos dos estudos foucaultianos, fazendo análises de trabalhos que trazem em perspectiva a obra do filósofo e de como esse poder disciplinar esteve presente no colégio. O contexto político e social do Brasil no período da Ditadura Militar é discutido, permitindo debater acerca dos discursos predominantes da época e da educação desenvolvida no Brasil durante o período Militar.

O segundo capítulo traz a discussão de como se configurou a implantação do colégio na cidade sousense; o processo de feminização do magistério no Brasil; a influência da Congregação; as memórias das obras literárias acerca do educandário e como o espaço escolar estava perpassado por uma disciplinarização muito marcante através do Estado, da sociedade e das autoridades.

O terceiro e último capítulo debatemos sobre as aproximações e divergências da História e a Memória. É a parte que discutimos sobre a metodologia da pesquisa e um aprofundamento dos depoimentos das entrevistadas, fazendo um confronto de discursos e identificamos as resoluções de nossos questionamentos.



## 1. UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS DISCIPLINARES E COTIDIANAS

A escola, nosso objeto de pesquisa, é uma instituição disciplinar, no qual segundo Raphael Valério (2014) passou por mudanças no tempo e na sociedade, tendo que se adequar, sofrendo com as transformações em suas diretrizes, seus currículos, suas normas, entre outros aspectos, para que não se tornasse diferente aos momentos políticos vivenciados.

Com isso, discute-se que as instituições disciplinares tiveram origem no final do século XVIII, momento no qual estavam inseridas no contexto de mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais que a Europa passava. O surgimento das ideias iluministas, a Revolução Industrial, a ascensão da burguesia e a consequente opressão da classe trabalhadora proporcionaram transformações que fizeram com que ocorresse a necessidade de um disciplinamento da sociedade, sobretudo aqueles menos favorecidos.

Valério (2014) explica que o disciplinamento na escola tinha como função procurar formar ou corrigir os defeitos. Nesse sentido, qualquer deformidade na sociedade deveria passar por uma correção e reeducação nesses espaços disciplinares, tais como escolas, prisões, manicômios, hospitais, asilos, entre outros.

No caso específico da escola, houve a racionalidade disciplinar através de determinados mecanismos, tais como

o controle do tempo, a ordenação dos corpos, a organização do espaço, os exames, as punições, as recompensas, as hierarquizações e principalmente a extração de um saber por meio da vigilância de todos os institucionalizados (VALERIO, 2014, p. 106).

Diante disso, o autor discute através do filósofo Michel Foucault que houve o nascimento do saber pedagógico, com o objetivo específico de produzir um tipo de sujeito e de sociedade. Ou seja, os alunos de determinada instituição escolar estariam vivenciando as normas, as regras e as disposições para seguir e obedecer a suas diretrizes conforme era vivenciada na sociedade. No caso da nossa pesquisa, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que tem como um dos seus princípios básicos a influência religiosa.

Cargnin et al (s/d)<sup>4</sup> debate que a disciplina escolar se aprende dentro das instituições escolares, através de ações e construções coletivas feitas por todos que participam da escola e que buscam um mesmo ideal pedagógico.

Os autores supracitados apontam que o conceito de disciplina possui uma conotação voltada para o comportamento e as atitudes desenvolvidas pelos alunos em sala de aula, no espaço escolar e em outros locais. A falta de disciplina gera então a chamada indisciplina, termo este que é bastante usado no cotidiano escolar pelos docentes.

Os autores analisam, através do texto de Vasconcellos (1995), que existem duas formas de conseguir disciplina, tais como por coação ou por convicção. Essas duas ideias são distintas e apresentam caminhos específicos para obtenção da mesma. A coação está baseada na punição, fazendo uso de ameaças e de práticas autoritárias, levando o indivíduo a desenvolver a heteronomia, ou seja, os alunos são governados por outras pessoas e não conseguem atingir a sua própria autonomia. A segunda forma – convicção – trata-se do aluno conseguir dar conta da sua autonomia, tendo o auxílio do professor, proporcionando a formação de um indivíduo criativo, maduro e que percebe os seus erros e acertos.

Outro ponto importante a ser discutido são os dois tipos de indisciplina. Apresenta-se a chamada indisciplina ativa, que gera atitudes de desordem e a indisciplina passiva, na qual o aluno pode apresentar comportamento pacífico, porém o professor não consegue interagir com ele. A indisciplina passiva ocorre através do autoritarismo, da imposição, de atitudes severas realizadas pelo professor. Porém, não significa que o aluno está conseguindo ter interesse na aula ou tenha respeito pelo educador.

A conquista da disciplina na escola e na sala de aula passa por diferentes agentes, tais como a sociedade, a família, o aluno, a própria escola e o professor. Todos esses agentes em conjunto, realizando atitudes coletivas que visam o bem comum, a valorização e participação do alunado, possibilita um grande avanço na obtenção da disciplina. Esta não está voltada para função do professor sozinho e isolado, ela parte do princípio que todos devem realizar suas funções em conjunto e de forma continuada, buscando chegar a seu objetivo principal.

---

<sup>4</sup> CARGNIN, Elisane Scapin, et al. **Disciplina escolar**. P. 1-9. (s/d)

Com isso, Silva (2013) discute que a escola utiliza desses mecanismos disciplinares com o intuito de domesticar os corpos e que este espaço educacional está constituído com o poder disciplinar e normalizador, que produz homens submissos às técnicas de poder.

A autora explica que a escola é um dispositivo disciplinar como também um espaço social que possui resistências e oposições inseridas. Nesse contexto, a escola partia da estratégia de inibir a desordem social tendo a utilização dos padrões de valores sociais, religiosos e morais, que estão bastante presentes nas diferentes temporalidades que a educação possui.

A partir do momento que a escolarização tornou-se obrigatória, as escolas foram sendo submetidas ao controle estatal, no qual os conteúdos, os métodos de ensino e a formação de educadores foram sendo definidos pelos agentes do governo. Os cidadãos foram sendo produzidos pelo projeto que o governo vigente determinava, acarretando na produção de indivíduos submissos, passivos e obedientes as leis, regras e normas estabelecidas. No entanto, isto não significa que não houvesse resistências e críticas a essa forma de controle na educação, ocorrendo contestações, reivindicações dos professores, manifestações dos estudantes e debates em esfera social no país.

O que se percebe é que houve a interferência direta do poder político na educação, nos conteúdos, nos saberes que são transmitidos, na forma de como organizar esses saberes, sobretudo em destaque para o recorte temporal da nossa pesquisa entre os anos de 1958 a 1980. Isso tendo a intencionalidade de colocar os estudantes numa posição de submissos, no qual reproduziriam esses saberes que foram impostos, mas que os próprios não conseguiriam identificar tal imposição, por terem sido feitos através de símbolos que mascaram tal realidade.

### **1.1. O poder de transformação da disciplina nas instituições educativas**

Na visão foucaultiana, a escola é um “espaço que articula o saber e o poder na constituição do homem” (SILVA, 2013, p. 8). A partir disso, ela passa a utilizar de tecnologia disciplinar e de impor disciplinas que visam à construção de sujeitos dóceis e também úteis, para que ocorra a eliminação dos conflitos entre as classes sociais.

Lilian Santos (2011) analisa que a educação na perspectiva foucaultiana tem sido importante para compreender a mesma como um instrumento de transmissão de saberes e de normalização das condutas, que possibilita a transformação dos indivíduos

em sujeitos dóceis. Essa perspectiva permitir entender como as instituições funcionam; quais os seus objetivos; os mecanismos de saber-poder; identificar que indivíduo busca formar, entre outros aspectos. Nesse sentido, Santos (2011) alerta que essa perspectiva teórica não visa encontrar respostas prontas, mas ajudar as pessoas a libertar-se de conceitos, padrões, estereótipos, buscando tomar distância, afastarem-se e questionar para conhecer a fundo suas intencionalidades.

Michel Foucault (2014) analisa que foi durante a Época Clássica que descobriram o corpo como um objeto e alvo de poder, sendo esse corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado, no qual obedece e são bastante hábeis. Segundo o filósofo, a definição de um corpo dócil é aquele que “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Nesse sentido, segundo o autor supracitado (2014, p. 135), as disciplinas são “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. O principal objetivo da disciplina é a fabricação dos corpos submissos e exercitados, ou seja, a formação dos corpos dóceis. A disciplina tem o intuito de aumentar as forças dos corpos de forma econômica havendo utilidade.

Michel Foucault explica que não pretendeu fazer a história das diversas instituições disciplinares, mas sim de localizar exemplos de suas técnicas essenciais nesses espaços, que se apresentam de forma minuciosa, íntima e que tem uma importância, pois definem o modo de investimento político e detalhado do corpo, como se fosse uma nova “microfísica” do poder e entende que a disciplina é uma anatomia política do detalhe, devido dar uma maior atenção às pequenas astúcias, as minúcias e os arranjos sutis.

O filósofo explica acerca das técnicas da disciplina e optamos por discutir aquelas que foram desenvolvidas no CNSA, por isso, algumas destas técnicas não foram citadas. Segundo Foucault (2014), a disciplina tem características de disposição em fila e técnica para transformação dos arranjos, o qual permite a individualização dos corpos por uma localização que não os implanta, mas que permite a distribuição e os faz circular numa rede de relações.

O autor exemplifica com a realidade escolar, em que no século XVIII havia a ordenação por fileiras que definia a forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar; como também a colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e prova; colocação que o aluno obtém em semana, meses e ano relacionada a desempenho

de atividades; o alinhamento das classes de idade umas depois das outras; a sucessão dos assuntos ensinados, entre outras formas. Com esse conjunto de alinhamentos obrigatórios o aluno vai se deslocando o tempo todo numa série de casas, que vai permitir a hierarquia do saber ou das capacidades. Atualmente, existem essas formas de alinhamento e hierarquização em muitas escolas do nosso país.

Foucault (2014) analisa acerca do controle da atividade, explicando sobre o controle das horas, apontando que essa organização escolar controladora parte de modelos advindos das comunidades monásticas e que se difundiram para os colégios. Estes apresentam as características de rigor do tempo baseada nos princípios católicos, nos quais as alunas, por exemplo, deveriam respeitar os momentos de orações, as festividades religiosas da cidade e participar como boas seguidoras das propostas educacionais desenvolvidas.

O autor supracitado (2014, p. 147) discute que as ordens religiosas foram mestras de disciplinas, devido serem consideradas as especialistas do tempo, os grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares. Nesse sentido, nas escolas ocorre uma divisão do tempo de forma mais esmiuçante, ou seja, “as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente”.

Porém, esse controle do tempo tinha um objetivo de torná-lo útil, ou seja, buscava garantir a qualidade do tempo empregado, havendo um controle ininterrupto, a busca pela anulação do tempo podia perturbar ou distrair os discentes, pois o intuito era constituir um tempo que fosse proveitoso. Diante disso, Foucault (2014, p. 148) interpreta:

O tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar.

Analisando o nosso objeto de estudo que é o Colégio Auxiliadora, fazendo um paralelo com as ideias de Foucault identificamos que os espaços educacionais intensificaram a utilização do tempo, devido regular cada instante para o desenvolvimento das atividades múltiplas e também o ritmo imposto através de sinais, de apitos e comandos, que impunha aos alunos normas temporais que devem acelerar a aprendizagem e ensinar a rapidez como sendo uma virtude.

Esse controle do tempo reflete no controle sobre o corpo que se tornou alvo dos novos mecanismos do poder e que se oferece a novas formas de saber. Assim, o corpo

passa por esse treinamento útil, que será exigido e sofrerá também limitações com todas as formas de controle, correção e novos mecanismos sobre o si.

## **1.2. A disciplina no colégio e as reflexões desse rigor**

A escola com suas normas e poder disciplinar institui os padrões de (a)normalidade, havendo uma relação com as percepções familiares e da sociedade. Assim, o corpo das mulheres foi, durante muito tempo, interpretado e definido pela visão masculina, dessa forma as práticas discursivas foram moldando e impondo limites, papéis sociais, normatização para mulheres.

Essa prática discursiva sobre o corpo feminino pesa mais ainda nos espaços educacionais com viés religioso, pois as alunas são controladas pelo poder disciplinar para que não caiam em desejos pecaminosos e atitudes incorretas, sob o discurso do ideal religioso. O poder disciplinar que Foucault aborda esteve desenvolvido em tais espaços escolares, naturalizado pelas alunas que não percebiam o quanto eram influenciadas pela visão dos projetos políticos vigentes.

Na visão da ex-diretora, por apresentar essa educação religiosa, havia normas consideradas especiais nesse espaço. Essas normas estavam relacionadas ao modo de se vestir e de se comportar das alunas.

[...] todo colégio religioso ele tem assim normas especiais em relação a roupa... as meninas assistiam aulas com as mangas compridas [...], colégio de freira sempre tinha aquele cuidado pra que a roupa correspondesse a dignidade humana, a educação. (GRECY, 2019).

Com base nessa citação, percebe-se o cuidado com as roupas das jovens, pois era algo que dizia a respeito de seu caráter e de sua formação. A mãe explica que muitas alunas questionavam essas vestimentas, pois não gostavam e que as alunas internas não podiam sair na rua sem o acompanhamento de uma religiosa. Ela explica que havia alunas que queriam ir para rua e que ficavam insistindo, porém, não houve expulsão nesse contexto.

Nesse sentido, de acordo com Fátima Elias, os principais deveres estavam relacionadas com a obrigatoriedade do uso da farda, de um respeito aos professores, aos colegas e que ela concordava com essas regras, pois “gostava muito de estudar, [...] gostava muito do colégio, do trabalho e da linha de formação das irmãs, então pra mim,

nenhum problema assim, que eu lembre para o tempo que eu estudei lá” (RAMOS, 2019).

Segundo as ex-alunas, havia as exigências de roupa e muito cuidado das irmãs religiosas com a vestimenta e o comportamento, sendo considerado algo que não se controla mais hoje em dia. Elas descrevem que o fardamento era uma blusa com manga comprida, saia e meias longas e um tênis de cor preta, sendo uma exigência do educandário que fossem com o fardamento conforme a indicação.

Questionada se gostava de vestir esse fardamento, Fátima Elias explica que, por não ter muitas condições financeiras para adquirir e usar outras roupas, aceitava vestir, sem problema, porém outras alunas não gostavam, por estarem na fase da adolescência, no curso pedagógico, pelo fato de terem namorados, então, muitas alunas, não gostavam do fardamento comprido.

A disciplina do educandário era entendida por Fátima Elias como uma prática rigorosa, como no caso dos aspectos de entrada e saída do colégio. Nesse sentido, a depoente explica que havia normas para não ficar fora da sala de aula, não passear nos corredores e que quem precisasse sair para casa antes do horário tinha que falar com a direção ou com a coordenação. Em relação ao comportamento em sala de aula as principais regras mencionadas foram: ter o seu lugar de sentar na sala de aula, fazer silêncio, participar e estar presente nas aulas e não sair durante as mesmas, pois ela explica que “mesmo se você quisesse resolver algo, você tinha que falar com a professora e também com a coordenação de sua turma” (RAMOS, 2019).

Fátima Manguiera concorda que havia uma orientação que existia no educandário e também em sua própria família, orientações relacionadas sobre o cuidado com o comportamento e orientações que diziam quais as normas, regras e deveres que cada aluna tinha.

[...] mas quando a gente chegava a madre já dizia as normas da escola: - “Nós temos normas assim, em relação a horário de chegada, horário de saída...”. Quem era interna sabia que... [...] era mais, mais rígido, porque morava aqui no colégio [...]. Então elas moravam e tinha um regimento diferente. [...] Não podia sair a hora que quisesse não. Tinha uma regra. A gente não. Quem tinha suas famílias pra morar, então a gente chegava na hora certa e saía na hora certa. As internas eram que continuava. Então, como tudo tem regra né, tudo tem norma, a escola tinha também e [...] como a gente procurou uma escola de... assim né religiosa, a gente já sabia que tem seus limites. A gente procurava sempre cumprir com as normas, com essas regras. (PEIXOTO, 2019).

Esta ex-aluna explica que buscou cumprir com as normas, pois era algo que estava determinado e explicado desde o início, então havia essa obediência. Mostra também, que as normas eram mais rígidas com as internas, pois o controle sobre elas era maior e que deveria ser obedecido. Havia no colégio uma irmã responsável pela disciplina do educandário, chamada de Irmã Irene. Esta era considerada muito exigente e que media o tamanho das saias das discentes. Fátima Mangureira destaca que cumpria todas as regras do fardamento, porém havia outras colegas que praticavam de forma disfarçada suas resistências contra essa rigidez da vestimenta.

[...] tinha uma irmã, e a gente gostava muito dela, ela era bem exigente, Irmã Irene, ela era quem media o tamanho da saia. Assim né, mas a gente sabia. Então, minha mãe como gostava de cumprir, ela já fazia uma saia no tamanho certo, né? Agora tinha meninas não, que elas faziam, mas elas enrolava o cóis da saia pra chegar bem curtinho ou sair na rua com a saia curta. Mas assim, eu nunca tive esse [...] problema não, porque [...] eu achava que tinha que ser daquele jeito. Eu achava que tinha. Eu e minha irmã a gente nunca teve esse problema, a gente vestia a saia cumpridinha mesmo, do jeito que era, que mandava o figurino, o tênis tinha que ser também todo preto. (PEIXTO, 2019).

Observa-se que essas colegas que não gostavam do cumprimento das saias criavam suas resistências, mas Fátima Mangureira destaca que cumpria e aceitava, pois entendia que era o jeito certo. Aquelas que não fossem conforme o combinado não poderia entrar em sala de aula e com essas atitudes a aluna compreende que ela e suas colegas foram se acostumando com as regras.

No entanto, entendemos que o cumprimento dessas normas mostra que o colégio apresentava um rigor para internalizar nas suas discentes uma passividade e obediência diante das exigências. Isso foi percebido quando a aluna entende que “é bom até pra vida da gente, o dia a dia. Quando a gente é acostumado a cumprir regras, a gente não quer sair fora, né?” (PEIXOTO, 2019). E ela explica que colocou essa aprendizagem em prática na sua atuação enquanto docente, na qual cobrava de seus alunos que cumprissem com suas atividades e com os seus deveres.

Mangureira rememora que a ex-diretora organizava os códigos de sala de aula, as regras do educandário, todos os cumprimentos de horário, das normas de respeito aos professores e aos colegas. Ela explica também que, por essa época, o educandário tinha menos discentes, então, para ela, era uma realidade mais fácil do que atualmente, quando o colégio comporta mais de mil alunos. Até o final da década de 1970, havia



poucas turmas e poucos alunos, então era mais fácil de controlar e de manter a disciplina.

A Irmã Irene atuava enquanto secretária e na disciplina, ela é lembrada pelas alunas como uma pessoa que mantinha uma boa relação e apresentava como característica ser “uma pessoa muito disciplinada, muito organizada” e que ela ensinava às alunas as funções na secretaria. Segundo Manguiera, isso foi interpretado como um objetivo de que as alunas “não aprendessem só a parte de pedagógico da escola, mas que a gente também aprendesse um pouco da parte burocrática” (2019, p. 6). A mesma era a mais exigente no quesito do fardamento, pois compreendia que deveria ser impecável e dava sugestões e ensinamentos de como deixar a farda bem arrumada e organizada.

Nas décadas de 1960 e 1970, para manter a disciplina, o uso de castigos físicos era frequente em muitas escolas brasileiras. Com isso, questionamos a ex-diretora e as alunas se os castigos físicos eram práticas comuns. Ambas explicaram que não havia. A diretora afirmou que não houve, que “nem as crianças foram punidas, nem professor, e nem nós [irmãs]... nós nunca fomos punidos, nós tinha cuidado” (GRECY, 2019). Também não havia a utilização da palmatória, que foi um instrumento disciplinador usado nas escolas, sobretudo nesse contexto.

Elias frisou que não houve durante o período que estudou qualquer lembrança, conversas ou ter visto ações de castigos físicos ou psicológicos para os discentes do colégio analisado. Ela explica que, na escola pública onde estudava, na cidade de São Francisco, na Paraíba, havia esse tipo de castigo, tendo como exemplo a palmatória, mas ela, individualmente, não vivenciou tal realidade.

O que ocorria com os alunos que não prestassem atenção nas aulas ou outra situação semelhante era que os professores chamava atenção e nos “casos mais graves, aí seriam levados a coordenação e aí a coordenação faria advertência, [...] para aluna e depois se fosse preciso para família” (RAMOS, 2019).

Manguiera explica o que as crianças do primário tinham medo era de ir para sala da direção de Madre Aurélia, porque ela era a maior autoridade da escola e havia momentos que “ela tinha a hora de ser dura. Não era ameaça, mas tinha que ser dura, de dizer como se comportar, como deve ser uma pessoa, assim, assim...” (PEIXOTO, 2019). Ela explica que isso não acontecia com as discentes do pedagógico e sim com as mais novas, e que apenas a diretora era a responsável por resolver as atitudes de

indisciplina, enquanto, atualmente, o colégio apresenta uma equipe técnica composta por psicóloga, psicopedagogo, coordenadores de área e coordenadora geral.

No colégio, não houve a prática da palmatória e, mesmo as internas fazendo algumas atitudes consideradas erradas, não recebiam qualquer castigo físico, sendo utilizadas mais advertências e conversas com os pais. Em uma dessas atitudes, Mangueira recorda a história de uma colega, que era interna, e que fugiu do colégio para se encontrar com o namorado. O castigo recebido foi rezar um mistério do terço na capelinha que tinha em frente da igreja e pensar na atitude que fez. A referida aluna fez o que a religiosa mandou e escreveu uma carta dizendo que se arrependeu e que não faria mais aquilo. Porém, ela voltou a fugir do colégio e a atitude da mãe foi de entregar a carta para essa aluna. Desde então, a aluna introjetou a lição e o seu comportamento, que era de quebras de regras, foi de alinhamento e aceitação das normas. Então, as alunas consideradas indisciplinadas eram chamadas para conversar com a mãe diretora e deveriam rever o que tinham feito.

### **1.3. As práticas do olhar hierárquico, da sanção normalizadora e do exame no espaço escolar**

Foucault (2014, p. 167) analisa que a chamada “correta disciplina” se dá pelo bom adestramento. Nesse sentido, ele explica que:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.

Segundo o filósofo, a disciplina permite a fabricação do indivíduo, por ser uma técnica específica de um poder que toma os indivíduos como objetos e como instrumentos de seu exercício. Com base nisso, a hegemonia que o poder disciplinar adquiriu ocorre devido ao uso de instrumentos simples, tais como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. Analisaremos cada uma delas para compreender os significados e práticas desses instrumentos no espaço escolar.

O primeiro instrumento corresponde à vigilância hierárquica que tem o dispositivo do jogo do olhar. Segundo Eli (2014), esse instrumento tem o intuito de controlar o próximo, vigiando-o para conseguir qualificar, classificar e punir os

desobedientes. Tem a premissa de docilizar e adestrar as pessoas. Nesse contexto, a escola-edifício é visto como um operador de adestramento, pois consegue controlar os corpos vigorosos, obter alunos competentes, obedientes e busca preveni-los da devassidão.

Segundo Foucault (2014), a intencionalidade das instituições disciplinares é de produzir uma maquinaria de controle, funcionando como um microscópio do comportamento, apresentando divisões que funcionam como um aparelho de observação, de registro e de treinamento. O ideal do aparelho disciplinar estaria naquele que possibilita um único olhar que vê tudo de forma permanente.

Com a vigilância hierarquizada, o poder disciplinar tornou-se um sistema integrado, que liga a economia e os fins do dispositivo onde é exercido. Para Foucault (2014, p. 174), é um poder múltiplo, automático e anônimo. “O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina”.

O poder disciplinar é visto como indiscreto devido estar em toda parte e sempre em alerta, não deixando nenhuma parte às escuras e controla os mesmos que estão encarregados de controlar, funcionando de forma silenciosa. Assim, Foucault (2014, p. 174) enfatiza que “a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados”.

O segundo instrumento analisado pelo autor chamado sanção normalizadora discute que na escola ocorre uma micropenalidade do tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo, da sexualidade. Assim como é utilizado uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve às privações ligeiras e a pequenas humilhações. A intenção disso é tornar esses comportamentos e atitudes penalizáveis e de dar uma função punitiva aos elementos indiferentes do aparelho disciplinar, no qual tudo serve para punir a mínima coisa e que o aluno se encontre preso num espaço punível-punidora.

Antes para corrigir os que não seguiam as regras ocorria o uso de sanções, ou seja, de castigos físicos. No entanto, essa prática na sociedade atual foi substituída pela chamada “violência simbólica”, no qual faz uso de restringir a liberdade e os direitos dos indivíduos. Segundo Silva (2013), o poder normalizador e disciplinar no espaço escolar e suas consequentes punições aos que não seguem o padrão, tem o objetivo de

diferenciar os infratores dos considerados normais, para que eles não incitem a desordem aos normalizados.

Eli (2014) analisa que a temática sobre os castigos escolares tem ganhado notoriedade nas pesquisas educacionais. No nosso país, os castigos físicos eram proibidos, porém havia os castigos morais, que tinham o intuito de envergonhar e humilhar os estudantes. Mesmo sendo proibidos por leis, os castigos físicos foram praticados nas escolas por muito tempo, em destaque no período da Ditadura Militar.

A autora analisa a obra de Foucault, no qual cita algumas atitudes e comportamentos que eram consideradas infrações e que eram passíveis de punições. Estas seriam as seguintes:

Micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações (FOUCAULT, 1994, p. 159, apud, ELI, 2014, p. 3).

A intencionalidade dos castigos disciplinares é reduzir os desvios, ou seja, eles são entendidos como corretivos. Analisando isto, Foucault (2014) compreende que nos sistemas disciplinares privilegiam as punições que são da ordem do exercício, tendo como exemplo o aprendizado intensificado, multiplicado e repetitivo. Para a punição disciplinar, o castigo é um ato de exercitar suas falhas até que consigam atingir o progresso e o aprendizado.

Nesse contexto, compreende-se que a “penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui, [...] normaliza” (FOUCAULT, 2014, p. 180).

Analisando o exame, que é o terceiro instrumento, o filósofo entende que o mesmo combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza, sendo considerado um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir, estabelecendo sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados.

Na realidade escolar, ocorre uma comparação entre os alunos, que permite medir e sancionar ao mesmo tempo. Segundo Foucault (2014, p. 183), “o exame permite ao

mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos”. Com isso, a escola “examinatória” marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência e o exame supõe um mecanismo que possibilita a ligação de certo tipo de formação de saber a certa forma de exercício de poder.

Portanto, o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder e de saber, combinando a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora, para conseguir realizar as funções disciplinares de repartição e classificação, de extração das forças e do tempo.

#### **1.4. A função do Panóptico nas instituições disciplinares**

Foucault (2014, p. 194) compreende que a divisão constante entre o normal e o anormal, no qual todo indivíduo é submetido, leva a marcação binária e a “existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais”, fazendo funcionar os dispositivos disciplinares. Assim, todos os “mecanismos de poder que [...] são dispostos em torno do anormal, *são* para marcá-lo como para modificá-lo”. Nesse sentido, o Panóptico de Bentham é a representação arquitetural dessa composição.

Segundo Foucault (2014), o dispositivo Panóptico, que foi criado pelo inglês Jeremy Bentham, tem a função de organizar unidades espaciais que possibilitam ver sem parar e reconhecer imediatamente. Assim, a visibilidade é tida como uma armadilha. É uma forma arquitetônica que deveria ser usada nas instituições disciplinares, cujo objetivo estava em vigiar muitas pessoas de forma mais eficiente, sendo uma forma de controlar os sujeitos. As pessoas estavam sendo vigiadas, disciplinadas em si mesma, depois de atingir o seu próprio disciplinamento, estariam aptas a serem vigilantes dos outros.

Esse modelo arquitetônico baseado no olhar do outro não obteve muito sucesso, porém esteve presente no interior das instituições de forma muito marcante e que perdurou por muito tempo, tendo reflexo até hoje. Segundo Valerio (2014, p. 106):

Tal saber era utilizado para avaliar as ações do sujeito, para confirmar se ele estava agindo como se devia, conforme a regra, a norma. Caso agisse como o esperado haveria uma recompensa, caso contrário, seria corrigido por meio de punições. O duplo recompensa/punição era a

chave que fazia funcionar com maior eficiência todo o mecanismo disciplinar das instituições.

Esse tipo de dispositivo no espaço escolar permite que as crianças não colem, não façam barulho, nem conversem e nem ocorra dissipação. Assim, Foucault (2014, p. 195) compreende que o efeito mais importante do Panóptico é “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”.

O poder nessa realidade pode ser exercido por um indivíduo qualquer para fazer funcionar a máquina, sendo o diretor, a família, os amigos, as visitas e até os criados, envolvidos nesse processo. Foucault entende que quanto mais observadores anônimos e passageiros, mais aumenta o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. Por isso, o Panóptico é uma máquina que fabrica efeitos homogêneos de poder.

Para aplicar esse dispositivo não é necessário recorrer à força, pois para conseguir nos alunos a aplicação, as instituições panópticas precisam ser leves, apresentando o fim das grades, das correntes, das fechaduras pesadas, bastando às separações nítidas e as aberturas bem-distribuídas.

O esquema Panóptico é utilizado nos espaços que tenham uma multiplicidade de indivíduos que deve impor uma tarefa ou um comportamento. Foucault (2014, p. 199-200) explica a eficácia do esquema Panóptico:

O esquema Panóptico é um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegura sua economia (em material, em pessoal, em tempo); assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos.

Outra importante característica das instituições panópticas é que apesar de serem fechadas, as mesmas podem ser submetidas a inspeções aleatórias e incessantes, tanto por parte dos controladores como também por parte do público. Foucault (2014, p. 200) evidencia que “qualquer membro da sociedade terá o direito de vir constatar com seus olhos como funcionam as escolas, os hospitais, as fábricas, as prisões”.

Com isso, não há o risco da máquina panóptica degenerar em tirania, pois esse dispositivo disciplinar é democraticamente controlado, sendo acessível às pessoas e que permite também que qualquer pessoa vigie o próprio vigia.

O filósofo compreende que o panoptismo tem como princípio geral uma nova “anatomia política”, no qual tem como objeto e fim as relações de disciplina. Este panoptismo apresenta um programa de funcionamento de uma sociedade que seja toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares.

As disciplinas nesse espaço visam funcionar suas técnicas para que fabriquem indivíduos úteis, para que elas se libertem de uma posição marginal na sociedade, passando a se fixarem nos setores mais produtivos da sociedade com funções essenciais. Exemplificando na realidade escolar, Foucault diz que as escolas não devem apenas formar crianças dóceis, mas também permitir vigiar os pais, se informar dos modos de viver, seus recursos, seus costumes. Ele discute que a escola constitui minúsculos observatórios sociais para penetrar também nos adultos e exercer sobre eles um controle regular, seja o mau comportamento da criança ou sua ausência.

Foucault (2014) discute que a disciplina é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo e que apresenta um conjunto de instrumentos, de técnicas, procedimentos, níveis de aplicação e de alvos. A mesma pode ficar a cargo de instituições especializadas, de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado, de instâncias preexistentes que encontram maneira de reforçar ou reorganizar seus mecanismos internos de poder, de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior e também de aparelhos estatais que têm por função fazer reinar a disciplina na sociedade.

### **1.5. Um período de conservadorismo na educação feminina**

Diante dessas análises foucaultianas, compreendemos ser importante discutir como estava a educação brasileira no recorte temporal proposto. Percebemos que foi um período no qual se iniciava a Ditadura Militar e que possibilitou transformações no sistema educacional, influenciando de forma determinante na realidade social das ex-alunas.

Pelegri (2011) analisa como ocorreu o processo político que ocasionou o golpe militar de 1964, no qual foi durante o período de governo do então presidente João Goulart, que apresentava os planos para reformas de base no Governo Federal e os seus opositores interpretaram como sendo propostas de ideário comunista e que ele poderia implantar esse sistema no país. Como os militares tinham uma linha de pensamento voltado para o governo norte-americano, eles combatiam o comunismo e as

organizações de esquerda. Os militares têm essa forte característica e princípios de defender a ordem do país e que para isto, poderia intervir no setor político brasileiro.

A autora discute que aliado aos princípios dos militares estava à direita e os conservadores moderados, que deram apoio ao que chamavam de “revolução” contra a luta de classe proposto pelo marxismo, contra os sindicatos e o avanço do comunismo. Nesse contexto, foi deflagrado o golpe de 1964. Após a concretização do golpe, ocorreram intervenções nas instituições através dos Atos Institucionais, no qual “tinham como justificativa a urgência do exercício do Poder Constituinte, posicionamento que segundo os responsáveis pelos governos militares fazia parte de todas as revoluções” (PELEGRINI, 2011, p. 31).

Segundo Pelegrini (2011), diante do Regime Militar em 1964 foram realizadas políticas educacionais em todos os níveis de ensino no Brasil. Devido esse contexto político, houve a criação de dispositivos que visavam legitimar tal realidade política. Esses dispositivos ocorreram através dos Atos Institucionais e das duas reformas educacionais que modelaram a forma como as escolas funcionariam.

Com esse cenário político estabelecido, a escola passou a desempenhar a função de formar cidadãos, discipliná-los e corrigir quaisquer erros ou desvios que sejam tidas como desordem na sociedade da época. Pelegrini (2011) analisa que esta função da escola está relacionada à cultura escolar, que também diz respeito às normas e práticas voltadas para questões que estão inseridas em determinadas épocas, sejam elas de esfera social, religiosa ou política.

Nesse contexto, o debate proposto por Pelegrini (2001) acerca da disciplina de Educação Moral e Cívica se faz necessário, devido ter sido desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em que foi confirmado pela ex-diretora em seu depoimento, a qual visava à restauração da ordem, uma maior manifestação do patriotismo, o desenvolvimento do comportamento dos sujeitos voltados para o crescimento social e econômico do país. Esta disciplina esteve relacionada aos aspectos políticos, econômicos e socioculturais do período, pois contribuiu para constituição de um saber relacionado com o projeto de sociedade que o Regime Militar queria. Por isso, tal disciplina teve todo o aparato da legislação que lhe dava legitimidade para ser instaurada em toda esfera educacional do país.

Nesse sentido, houve a necessidade de intensificar a disciplinarização, tendo como alvo principal a população e a justificativa de segurança nacional como forma de dar subsídio para realização desses mecanismos. Houve diante desse cenário várias



medidas de repressão, pois a busca pela manutenção da vigilância sobre os alunos e a punição aos que desobedeciam era uma característica marcante do contexto da década de 1960 a 1980. Segundo Pelegrini (2011, p. 17), “a partir da disciplinarização dos corpos em um sistema minucioso de coerções materiais, buscou-se extrair a maior eficiência nos gestos e comportamentos”.

A disciplina de Educação Moral e Cívica foi um dos mecanismos de poder dos quais o governo militar se utilizou, tendo como objetivo diminuir as resistências às suas imposições governamentais e as formas de subversão que poderiam ocorrer no período. Implementou-se a necessidade de formação de sujeitos dóceis, obedientes e produtivos, no qual eles deveriam ser cidadãos que trabalhavam para o bem da nação.

Então, o conceito de doutrina se “difundiu no corpo social a partir do reconhecimento das mesmas verdades e da aceitação que os indivíduos tinham dela. Refere-se a um instrumento de manifestação e de pertença prévia” (PELEGRINI, 2011, p. 18). O conceito de verdade também estava inserido, por ser produzida em cada sociedade e que se mantém pelos seus discursos que legitimam a doutrinação, como por exemplo, o discurso de proteger a segurança nacional.

A autora supracitada analisou livros de Educação Moral e Cívica e a partir deles nos aponta que não havia a explicitação do autoritarismo dos governos militares, “pois a realidade da organização política nacional era apresentada nestes documentos e livros didáticos como democrática e constitucional” (PELEGRINI, 2011, p. 32).

Pelegrini (2011, p. 34) destaca que a promulgação do Decreto-Lei 869/1969 que instituiu a disciplina de Educação Moral e Cívica, tinha como objetivo disciplinar o estudante devido aos perigos de disseminação subversiva nos espaços escolares e universitários. Esta disciplina possibilitaria coibir a subversão e tornava a população mais patriota e nacionalista. Segundo a autora, “o ideário educacional suscitado pelas reformas educativas serviu aos governos militares como elemento reforçador da ideologia do desenvolvimento”.

A escola também passou por transformações, sendo reestruturada para que acontecesse a divulgação de ideias que favoreciam o Regime Militar, possibilitando sua sustentação e tornando-se mais um mecanismo de poder do governo militar. A utilização da EMC<sup>5</sup> no currículo escolar teve como intuito a preservação da ordem. Em diversos momentos da história brasileira, o discurso de colocar ordem no país como

---

<sup>5</sup>Abreviatura da disciplina Educação Moral e Cívica.

forma de criticar os governos anteriores, tornou-se algo a ser seguido e com esta disciplina seria concretizado tal objetivo em todas as escolas do país.

Destacando o período do nosso recorte temporal (1958-1980) a disciplina EMC esteve voltada para perspectiva da Segurança Nacional, que buscava prevenir os jovens brasileiros da influência subversiva comunista. Para isso, os jovens seriam educados nos caminhos que o governo almejava atingir. Segundo Pelegrini (2011), o decreto nº 58.023 de 1966 publicado pelo presidente Castello Branco traz as seguintes atribuições da EMC:

Formar nos educandos e no povo em geral o sentimento de apreço à Pátria, de respeito às instituições, de fortalecimento da família, de obediência à Lei, de fidelidade no trabalho e de integração na comunidade, de tal forma que todos se tornem, em clima de liberdade e responsabilidade, de cooperação e solidariedade humanas, cidadãos sinceros, convictos e fiéis no cumprimento de seus deveres (BRASIL, 1966, apud, PELEGRINI, 2011, p. 47).

Essa proposta deveria e foi aplicada em todos os graus de ensino e ao longo do governo militar foi tornando mais marcante. Nesse sentido, a disciplina tornou-se um mecanismo de poder do governo vigente diante da sociedade, produzindo sujeitos que aprenderiam a obedecer às normas e regras de uma sociedade autoritária.

Pelegrini cita o autor Andre Chervel (1990) ao discutir sobre as finalidades das disciplinas escolares, apontando para isso uma ordem sócio-política. Ou seja, tem “finalidades [que] marcam os objetivos da sociedade dentro de um contexto histórico específico” (2011, p. 49). Nesse sentido, as mudanças ocorridas na disciplina EMC se deram devido “às finalidades atribuídas à escola pela sociedade” (p. 51).

A disciplina conseguiu atingir essas finalidades, pois foram baseadas nos discursos dos militares de proteção nacional e de difusão de uma sociedade moralizadora, no qual a escola formava cidadãos disciplinados e adequados ao sistema político vigente. Ou seja, os cidadãos não criticariam o governo e se manteriam presentes apoiando o regime. Segundo Pelegrini:

Deve-se observar que a disciplina de Educação Moral e Cívica atendeu a finalidades de diferentes ordens, com grande ênfase aos interesses sócio-políticos definidos pelos governos militares, que resultaram na utilização da disciplina como mecanismo de controle e adestramento do corpo estudantil (2011, p. 51).

A autora discute que a disciplina apresenta características da presença religiosa, pois nos seus textos, conteúdos e materiais têm indícios religiosos que são defendidos pela Igreja Católica. O que deixa isso em mais evidência são os organizadores da disciplina serem ligados à Igreja Católica, ocupando cargos relacionados e entendendo que a moral está fundamentada na religião. Uma característica importante diz respeito aos que são designados para ministrar a disciplina de Educação Moral e Cívica, sendo preferencialmente para padres, freiras e militares.

A disciplina EMC estava presente e relacionada a outras disciplinas curriculares, com o intuito de formar os estudantes baseados nos princípios doutrinários do sistema político vigente. A área de Ciências Humanas foi mais presente nessa relação, por ser considerada uma área que poderia despertar nos estudantes questionamentos ao governo e levar a desordem e as atitudes subversivas.

É importante salientar que todas as medidas, os decretos, as leis e as diretrizes estavam sendo desenvolvidas no Regime Militar como se fossem atitudes de um sistema político democrático e não autoritário e repressivo. No entanto, eram consideradas uma infração todas as manifestações feitas contra o governo, críticas ou quaisquer formas de mobilização política. O movimento estudantil nesse contexto sofreu com perseguições, mortes e outras arbitrariedades por realizar resistência, críticas e lutas contra o governo vigente. Segundo Pelegrini (2011), o que ocorria era aceitação de manifestações que legitimasse o governo militar, do contrário, sofreriam com graves consequências.

Os docentes que ministravam essa disciplina eram formados em cursos de Estudos Sociais, cujo modelo da licenciatura era curto, sendo também muitas vezes desempenhado por pessoas que não eram docentes, mas que estavam ligadas com os princípios doutrinadores do governo. Segundo Pelegrini (2011), essas licenciaturas curtas mostravam que o governo estava mais voltado para o aspecto econômico, do que para uma formação solidificada e consistente. Quanto mais rápido terminar o curso, mais rápido esses educadores estariam inseridos no mercado de trabalho e consequentemente produziram os ideais ideológicos que beneficiam o sistema político militar. Estes docentes estavam pouco preparados para sua função e acabavam por reproduzir o que estava nos livros didáticos e a enfatizar os aspectos do governo como, por exemplo, o civismo, o moralismo, a religiosidade cristã, entre outros. Segundo Pelegrini, a disciplina EMC tinha como “principal característica utilizar o poder disciplinar como forma de mecanismo de controle dos estudantes” (2011, p. 62).

Porém Pelegrini (2011) analisa que houve formas de resistência contra a EMC, e professores da própria disciplina a substituíram por História do Brasil e faziam, de forma sutil, críticas ao regime autoritário. Segundo a autora, “confirma-se, portanto, que apesar da grande pressão e repressão imposta pelo regime militar, o controle e a dominação não foram realizados de forma absoluta” (PELEGRINI, 2011, p. 64).

## **2. CNSA: O histórico de sua implantação em Sousa**

Iniciamos este capítulo discutindo como se configurou a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Sousa-PB, fazendo uma análise das produções literárias presentes no município, como também investigando a *Revista Comemorativa dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (2008)*, o que nos permite compreender como foi desenvolvido e pensado este Colégio, como ocorreu esta ligação da educação com a Igreja Católica, além da influência que a mesma tem na História da Educação brasileira.

Temos como base também as literaturas memorialistas de autores sousenses, que desenvolvem uma breve explicação sobre o Colégio Auxiliadora, alguns artigos acadêmicos e livros que se debruçam para análise da História da Educação, buscando dialogar entre estas produções para desconstruir, problematizar e reconstruir aspectos pouco analisados desse educandário, entendendo o mesmo como um espaço de vivências cotidianas, disciplina e religiosidade.

Portanto, nosso objetivo é desenvolver uma análise bibliográfica relacionando a construção da instituição educativa e suas problemáticas, à influência que a Igreja Católica desempenhou e desempenha nesse espaço escolar, percebendo que isto perpassava na disciplina, na moralidade e no cotidiano das ex-alunas, em um período de forte conservadorismo diante do papel da mulher perante a sociedade sousense e brasileira.

### **2.1. O Colégio Auxiliadora e a historiografia sousense**

Fizemos um levantamento por meio da pesquisa na cidade de Sousa com relação às obras historiográficas acerca do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora para problematizar o que foi discutido sobre a implantação desse educandário, que transformou a educação da cidade. Conseguimos ter contato com as seguintes obras: *Antes que ninguém conte (1986)*; *Além do Rio (2012)* e a *Revista Comemorativa dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (2008)*.

O primeiro livro foi produzido pela escritora Julieta Pordeus Gadelha, em 1986, no qual a autora discute sobre a história de Sousa, fazendo um trabalho memorialista da cidade desde a sua fundação até a década de 1980. Seu trabalho tem a finalidade de exaltar ou destacar os grandes acontecimentos e personagens da história da cidade, sendo algo comum nas historiografias da época, sem ter uma preocupação de se discutir

os significados e divergências desse tipo de narrativa. A autora Rafaela Dário<sup>6</sup> explica sobre esse tipo de historiografia marcante, destacando a desenvolvida na cidade de Sousa:

Até a década de 1980 era muito comum se deparar com trabalhos sobre as cidades onde a preocupação maior era elevar os grandes vultos, evocar sobre a fundação da urbe, sem, contudo, realizarem análise crítica em seus conteúdos, ou seja, tais trabalhos refletiam a postura da época, não podendo ser considerados inferiores por conta disso, tendo em vista a grande contribuição dos mesmos na e para a história das cidades (DÁRIO, 2012, p. 45).

Gadelha (1986) faz uma narração da fundação de cada escola e colégio existentes na cidade no período que desenvolveu seu livro. Não cabe aqui analisar cada um deles, pois nosso objeto de estudo é o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Ela faz um breve comentário sobre o Colégio, sem fazer uma análise crítica do mesmo, destacando a fundação do educandário:

O Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora chegou, depois de uma série de trabalhos sem êxito, pelo Cônego Oriel Fernandes, cabendo ao padre João Cartaxo Rolim, vigário da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, o mérito de sua instalação, através da orientação de irmãs religiosas, Ordem de Santa Teresa, do Ceará. Foi fundado em março de 1958 e funciona no Antigo prédio da Caridade, doado pelos herdeiros, com a condição de que, no momento em que deixar de servir à causa educacional, voltará aos seus legítimos donos (GADELHA, 1986, p. 70).

De maneira semelhante, o livro *Além do Rio* (2012) de Augusto Ferraz é uma obra que apresenta um panorama fotográfico da cidade sousense. Ele destaca que a finalidade de seu trabalho era registrar a evolução arquitetônica da cidade no século XX, mostrando as manifestações dos costumes, as atividades sociais, comerciais e de lazer durante este período, possibilitando aos pesquisadores em geral uma fonte de pesquisa.

O trabalho apresenta mais de duzentas imagens em diferentes épocas da cidade, fazendo uma breve narrativa da história sousense, sendo um trabalho também memorialista das grandes mudanças e transformações ao longo do século anterior.

---

<sup>6</sup>DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização:** representações da cidade de Sousa-PB. Dissertação – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.

Nas páginas do livro, encontramos imagens do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, e como Julieta Pordeus havia explicado, o espaço de funcionamento atual está situado onde ficava a Casa da Caridade e logo depois, o Colégio São José.

**Figura 1** - Sede do Colégio São José.



**Fonte:** FERRAZ, Augusto. Além do Rio (2012).

Segundo Ferraz, a Casa da Caridade foi criada pelo Padre Ibiapina, no momento em que ele desenvolvia trabalhos sociais na cidade, sendo esta Casa uma doação do Padre José Antônio Marques Guimarães, no ano de 1860. Após anos de funcionamento da Casa da Caridade, o prédio se tornou a sede do Colégio São José até o ano de 1957.

Antes porém, por volta de 1948, o prédio que pertencia à família Mariz fora doado, por solicitação de “Nozinho” Gonçalves da Silva, para continuar como estabelecimento de ensino. Em 1957 o padre João Cartaxo Rolim convida para Sousa a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e implanta, junto com as Irmãs, o Colégio N. S. Auxiliadora inaugurado em 1958 (FERRAZ, 2012, p. 29).

A vinda da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus para cidade ocorreu após a chegada de Padre João Cartaxo Rolim que se encarregou de ir até a cidade do Crato, sob a orientação do bispo Dom Zacarias Rolim de Moura. Chegando à cidade, Padre João conseguiu trazer a Madre Teresa Machado à Sousa, que na época era Superiora Maior da Ordem, e a mesma aceitou o pedido de implantar um colégio religioso.

Percebemos que nestas produções havia uma visão de que devido à cidade ter uma forte religiosidade, que foi marcada pelo suposto Milagre Eucarístico,<sup>7</sup> a necessidade de um colégio religioso em Sousa foi marcante. Isto é bastante presente na *Revista Comemorativa dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora*. A mesma foi uma edição festiva do Colégio, que visou relatar momentos, vivências, contextos e depoimentos para homenagear essa data significativa. Assim como nos dois principais trabalhos de referência, não havia uma análise problemática da revista, porém alguns depoimentos e textos escritos nos auxiliaram para investigar sobre o CNSA.

A princípio, a ex-gestora Madre Aurélia, tem em várias páginas seus textos sendo destacados, que relatam vivências no período em que a mesma foi diretora desse espaço, chegando à cidade em 21 de abril de 1965 e foi a quinta Superiora Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, mostrando ter um conhecimento do Colégio e também do papel desta Congregação.

Ela faz um panorama da implantação do Colégio, afirmando que a influência católica presente no lugar, possibilitou crescer o desejo do “povo” por um educandário religioso. Com isto, uma questão surgiu: quem era este povo que desejava um educandário religioso? Era a elite sousense, que até então não dispunha de um colégio que fosse de influência religiosa e que supostamente propiciasse um ensino melhor do que o público? Ou seria a maioria da população, que nesse contexto da educação nacional, mantinha uma pequena parcela de seus filhos na escola?

Entendemos que as congregações religiosas, a princípio, têm um ideal de servir a sociedade e, sobretudo, aqueles mais necessitados. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus através do bispo Dom Quintino tinha esse pensamento, mas que ao longo do tempo, as instituições educacionais foram destinadas a elite, que tinha recursos para colocar suas filhas nos educandários. O mesmo aconteceu em Sousa, pois o Colégio passou a ser destinado às jovens moças da elite sousense, ganhando o

---

<sup>7</sup>Na cidade de Sousa-PB um suposto Milagre Eucarístico aconteceu despertando em sua população muita fé e devoção. Segundo Gadelha (1986), após a entrega da hóstia ao homem negro, ele saiu correndo e retirou a hóstia da boca. Os fiéis viram a situação e saíram atrás desse homem, no qual acabou deixando “cair a partícula num matagal ali existente, onde também existia uma grande lagoa, chamada do Carão” (GADELHA, 1986, p. 33). O homem negro era, segundo os relatos apresentados por Gadelha em seu livro memorialístico, um feiticeiro e que usaria a hóstia para alguma feitiçaria. Após o ocorrido, um pastor de ovelhas encontrou a hóstia através das ovelhas que em círculo estavam vendo a mesma. O pastor avisou ao vigário, que por sua vez convocou os moradores ao redor da então Igreja do Rosário e nesse local foi feito uma capelinha para representar o ato milagroso. Gadelha analisa que o Milagre Eucarístico foi muito chamativo para uma então cidade pequena e com moradores bastante católicos. Isso provocou um sentimento de devoção e crença. Porém, ela chama atenção para os que relataram essa realidade exposta, pois não apresentam a veridicidade das datas, os relatos podem ter partes que foram possivelmente deturpadas e o nome do padre que realizou a missa no ocorrido acima não foi citado.



educandário um prestígio sem igual. Porém, o colégio proporcionava bolsas filantrópicas para aquelas jovens que residiam em cidades da região de Sousa e que não podiam pagar a mensalidade. Assim, vai surgir no educandário o internato, para que essas jovens dêem prosseguimento aos seus estudos.

No dia da inauguração do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Madre Aurélia após o contato com o Livro de Ata da Fundação do educandário, explica que na data de 23 de março de 1958, a cidade foi acordada com vários fogos para o início da solenidade de abertura do educandário, contando com a participação da sociedade sousense, de políticos e vários religiosos.

**Figura 2** - Abertura oficial do Colégio N. S. Auxiliadora em 1958



**Fonte:** Revista Comemorativa dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (2008).

Um aspecto que nos chamou a atenção foi à escolha pelo nome do Colégio, sendo escolhido por meio de um sorteio, em que estava para se decidir entre Dona Silvia Mariz – esta doou o prédio onde se localiza o Colégio Auxiliadora a Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, para que fosse instalada uma escola mantida e dirigida por uma congregação religiosa – e o outro nome era Bento Freire de Sousa – este foi considerado o fundador da cidade sousense. Segundo Aurélia, “a sorte recaiu sobre o nome “Nossa Senhora Auxiliadora”, devoção trazida para Cajazeiras e, conseqüentemente, para a região, pelos Padres Salesianos”. (AURÉLIA, 2008, p. 7).

Nas imagens abaixo apresentamos a estrutura física do educandário atualmente, que apresenta uma ampla instalação, com salas climatizadas, ginásio esportivo,

memorial do educandário apresentando fotos e recordações daqueles que foram importantes para a ampliação do mesmo.

**Figura 3 -** Entrada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



**Fonte:** Site oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Disponível em: <<http://cnsasousa.com.br/>>, acesso em: 21 de abril, 2019.

**Figura 4 -** Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: parte interna



**Fonte:** Site oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Disponível em: <<http://cnsasousa.com.br/>>, acesso em: 21 de abril, 2019.



Aurélia destaca as vestimentas das religiosas, sendo hábitos de cor marrom, numa referência a Santa Teresa, em que elas tinham um ideal de amor, mas também de temor. Na imagem abaixo vemos o dia da inauguração do educandário, apresentando as características do fardamento escolar, sendo saias e mangas das blusas compridas juntamente com um tênis preto e as irmãs com sua vestimenta tradicional.

**Figura 5** - Alunas em desfile festivo para receber autoridades



**Fonte:** FERRAZ, Augusto. Além do Rio (2012).

Nos colégios religiosos apenas as meninas estudavam, em um aspecto da educação nacional conservadora, com as mulheres sendo destinadas a terem como profissão a dedicação religiosa ou a profissão de professoras, como também voltadas para serem uma boa esposa e mãe.

## **2.2. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e suas finalidades**

Historicamente, nossa educação formal se inicia com a chegada dos jesuítas, que aportaram no Brasil em 1549, com a missão de catequizar os índios na fé católica e desenvolver as atividades educacionais, tendo influência na formação da sociedade. Este foi o primeiro momento da influência católica na educação brasileira, havendo uma relação marcante entre a Coroa Portuguesa, a Igreja Católica e a família patriarcal. Por conta disso, a educação brasileira desde o período colonial tinha como característica ser religiosa, com os elementos desse tipo de educação se fazendo presentes nas

congregações religiosas, através de aspectos como a rigidez, a moralidade e os valores cristãos.

Segundo Guacira Louro<sup>8</sup> (2004), após a proclamação da Independência, o discurso oficial propagava a necessidade de construir uma nova imagem do país, diferente da estabelecida no tempo colonial, que era considerada atrasada, inculta e primitiva. Porém, muitos homens e grupos sociais continuaram tendo seu prestígio e houve a necessidade de criar novos dispositivos e técnicas para práticas sociais transformadas.

Nesse sentido, o discurso sobre a importância da educação como forma de modernizar o país passou a ser proferido. Em vários setores da sociedade, houve essa cobrança por transformações na realidade educacional, pois a maioria da população era de analfabetos.

Louro (2004), explica que havia escolas para meninas e meninos, e muitas foram fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas. Nesses espaços, eram escolhidas pessoas consideradas de moral para ensinar, pois as famílias estavam confiando seus filhos e filhas. No entanto, havia algumas diferenças no ensinamento dos estudantes e esta estava relacionada com a realidade e condição social que as mulheres e homens tinham na sociedade da época.

A realidade educacional das meninas pobres estava relacionada às tarefas domésticas, havendo a necessidade de elas ajudarem seus pais no trabalho na roça, no cuidado com os irmãos, sendo isto considerado uma prioridade para elas, mais do que a escolarização. No Brasil, várias ordens religiosas femininas desenvolveram atividades, apresentando uma dedicação às meninas órfãs, pois segundo Louro (2004), existia a preocupação com os vícios, com as moças que estavam desempregadas, pois poderiam adentrar no mundo da prostituição.

Nesse contexto, a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, fundada por Dom Quintino tinha esse propósito inicial de ajudar as jovens moças órfãs da cidade do Crato-CE, percebendo que havia a necessidade de educá-las, tendo como base os princípios cristãos e encaminhá-las para a devoção. Esta região tinha problemas em relação aos estudos, devido às filhas não terem condições de estudarem por falta de instituições que estivessem próximas.

---

<sup>8</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2007.

Com isso, Dom Quintino resolveu ajudar as famílias desenvolvendo as suas ações educacionais. Ele teve o intuito, com a ajuda de quatro moças, de fundar uma congregação, que tivesse a finalidade de oferecer uma formação integral à juventude. As quatro irmãs se chamavam: Madre Ana Couto, Madre Vitorino, Madre Freitas e Madre Tavares. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus foi fundada pelo bispado do Crato, na pessoa de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, na data de quatro de março de 1923, com a finalidade de prestar serviço educacional às meninas de classe pobre no município cearense.

**Figura 6 - O bispo Dom Quintino.**



**Fonte:** Revista Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus (2003).

Segundo Ivaneide Goiana e Zuleide Queiroz, a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus foi considerada a pioneira no desenvolvimento de um sistema de educação sob a influência da Igreja Católica na região do cariri cearense, tendo como finalidade de:

[...] além de formar religiosas, dedicou-se à educação da juventude feminina no Cariri cearense, através do Colégio Santa Teresa de Jesus, tendo sido o primeiro colégio do sul cearense a se dedicar à formação de professores para o magistério, inicialmente chamado de Santa Matriarca do Carmelo, a quem o Bispo Dom Quintino dedicava especial devoção (GOIANA; QUEIROZ, p.1).

A finalidade deste Colégio era a formação das moças, baseada na instrução oficial, tendo uma preocupação com a disciplina, considerada algo necessário ao

convívio em sociedade. Assim, entende-se o desenvolvimento de um ensino voltado para os valores morais, seguindo os costumes de formar a mulher para ser boa esposa, mãe e professora que seguisse os princípios morais e éticos propostos pela Igreja Católica. Percebemos que as instituições escolares religiosas são criadas para o desenvolvimento da obediência e disciplinamento das mulheres, através de suas práticas políticas, pedagógicas, religiosas, que estavam sendo determinadas pelas regras da sociedade. Segundo Paula Cristiane Santos (2010, p. 10):

Por exemplo, no caso específico da formação das mulheres, muitas delas frequentaram o Curso Normal, ministrado por congregações religiosas, como a das *Filhas de Santa Teresa de Jesus*, com o objetivo principal não de se qualificarem para assumir a profissão de professora, mas para se preparem para casar, ser boas esposas e mães de famílias cristãs. Nestas instituições, por outro lado, mulheres que já tinham feito a opção por entrar em uma ordem religiosa, podiam estudar, com o objetivo de aprender outros saberes a serem colocados também a ser serviço do seu estado religioso. Como também não se excluía a possibilidade de se fazer a opção pela vocação religiosa, a partir do ingresso na instituição de ensino confessional (SANTOS, 2010, p. 10).

No entanto, as escolas que foram fundadas por meio dessa Congregação se destinaram aos filhos das classes médias e altas da sociedade. Nesse contexto, o Colégio problematizado também teve sua implantação destinada às filhas da sociedade sousense, sendo concretizada através da chegada a Sousa, em 1957, do vigário da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, o padre João Cartaxo Rolim.

Com base nisto, entendemos que a história das instituições educativas também está voltada para as políticas locais, em suas relações com o poder econômico e ao social. Percebemos isto ao fato de a elite sousense ter tido a participação nesse processo de implantação do educandário nesta cidade.

Entendemos que é por meio da História da Educação que conseguimos reconstituir as transformações que ocorreram no campo educacional, de ensino e de pesquisa, através das diversas instituições escolares e suas relações políticas educativas, suas ideologias e o âmbito social.

A História da Educação permite a reflexão, investigação e problematização da atuação das instituições escolares, fornecendo uma compreensão do processo evolutivo da educação, da sociedade e da cultura.

Portanto, é por meio da investigação das instituições escolares que percebemos o mesmo como lugar de práticas políticas, pedagógicas, religiosas e culturais, permitindo

entender como se configurou este espaço, o cotidiano, a disciplina, as questões econômicas e sociais.

### **2.3. A influência da Igreja Católica na educação e sua moralidade refletida na disciplina do educandário**

A Igreja Católica tem forte influência na participação das construções das instituições de ensino, consolidando sua hegemonia na formação das elites dirigentes por meio da criação de vários colégios católicos. Segundo Robson Silva (2014), a atuação de Dom Aduino deu apoio à instalação de Colégios Católicos na Paraíba do Norte, legitimando ações para formação de sacerdotes que iriam ensinar em tais Colégios e trouxe ordens e congregações católicas para administrarem as escolas locais, consolidando a instrução confessional na Paraíba. Dom Aduino a partir de sua atuação na educação tem semelhança com a influência que Dom Quintino e Padre João Cartaxo Rolim tiveram na realização da educação feminina, no qual foram importantes para concretização da implantação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, compreendendo que a fundação desses colégios religiosos era realizada sob a forte predominância de pessoas religiosas da Igreja Católica.

Segundo Silva (2014), nas grandes escolas e colégios privados havia o interesse de manter a elite longe de meios não católicos, evitando a adesão para outras doutrinas religiosas, com a maioria dos professores ligados a Igreja ou Ordem Religiosa, sendo padres, freiras ou beatas, que desenvolvem um ensino rígido. A disciplina que, historicamente imperou nos colégios religiosos se volta para uma rigidez com suas alunas, sendo uma característica marcante da educação religiosa, tendo além dos conteúdos escolares, uma preocupação com a oração, o cuidado com o comportamento das meninas, os valores éticos, entre outros aspectos.

Ao longo dos séculos, o papel dado às mulheres no nosso país foi de submissão aos homens, sofrendo com as desigualdades, os preconceitos e a moralidade que as prendiam diante da sociedade. No período republicano, essa mentalidade se perpetuou e durou por um longo período, em que até hoje percebemos o reflexo disso no nosso cotidiano e na sociedade.

Nesse contexto, as jovens moças que tiveram suas vidas entrelaçadas aos costumes e valores da época sentiram as consequências do extremo moralismo e de suas

funções já preestabelecidas pelas suas famílias. A elas caberiam as funções de uma boa esposa, rainha do seu lar e uma boa mãe, auxiliando e aceitando a vida proporcionada pelo seu esposo, seja ela qual for.

Na coleção *História da Vida Privada no Brasil 3*, o artigo das autoras Marina Maluf e Maria Lúcia (1998) discutem esse papel que era determinado para as mulheres, no qual suas trajetórias já estavam decididas pelos seus pais, cabendo a elas apenas aceitar tal situação.

O dever ser das mulheres brasileiras [...] foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reuniu conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquã e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa (MALUF; MOTT, p. 373, 1998).

Esse tripé foi expandido, tanto pela religiosidade católica quanto pela mentalidade da sociedade da época a ponto de se tornar algo normal e que ao fugir dessa realidade e desenvolver os mecanismos de resistências, foi considerado um equívoco que deveria ser combatido. Esse era o discurso dos conservadores, que se estendeu para população, seja ela de qualquer esfera econômica e social.

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa (MALUF; MOTT, p. 374, 1998).

Em 1916, foi aprovado o Código Civil da República, que retratava o papel que mulheres e homens desempenhariam na sociedade. Segundo as autoras Marina Maluf e Maria Lúcia (1998), esse código deixava explícita a inferioridade da mulher com relação ao homem, sendo a mulher dependente e subordinada, enquanto ao homem cabia a função de representar a família, administrar os bens, trabalhar, entre outras funções. A mulher que fosse casada, somente poderia trabalhar se o seu marido autorizasse, ficando evidente o poder que eles tinham sobre as mulheres.

O mesmo se estendia para os pais das jovens que estudavam em colégios religiosos, pois isso era, em sua maioria, uma decisão da família e não uma decisão que



partisse do desejo ou vontade das moças. Assim, Maluf e Mott (1998, p.376) destacam que “o controle sobre aspectos fundamentais da vida dos familiares, como as decisões sobre do tipo e local da formação e profissional dos filhos” era algo designado pelos homens.

Nesse contexto, havia o incentivo ao casamento, que era enfatizado na educação, sobretudo a religiosa, visando moldar os costumes, os pensamentos, o comportamento e também o caráter. Havia então muitos conselhos, regras e fórmulas para que o matrimônio fosse preservado, tanto as mulheres, como também os homens eram instruídos a praticar isso.

Com relação ao ensino voltado para função de dona de casa e mãe, as alunas aprendiam isso desde cedo para que conseguissem desempenhar bem essa função e que isso possibilitava serem agradáveis aos seus futuros esposos.

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente (LOURO, 2004, p, 373).

Essa ênfase na preparação das mulheres para serem boas esposas, donas de casa e mãe era algo que estava condicionada a elas naquele período. A visão que predominava era da mulher submissa ao seu esposo, fazendo o que ele gosta, honrando o seu nome e de sua família, realizando suas funções e viviam para isto. As únicas formas de diversão eram relacionadas às atividades da Igreja, como missa, novenas e procissões, pois as mulheres de bem não podiam frequentar outros lugares que dessem margem a interpretações equivocadas ou falatórios.

Louro (2004) problematiza acerca dos discursos presente na sociedade sobre a mulher, tendo como hegemônico a ideia de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”. Isso significava que a educação deveria ser voltada para formação moral, do caráter das mulheres e conseqüentemente pouca ênfase na instrução. Entendia que a mulher não necessitava de conhecimentos científicos mais avançados, devido seu destino está bem definido como esposa e mãe e no qual essas funções exigem uma moral e conduta boa.

Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da

mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 2004, p. 373-374).

A educação feminina estava baseada na formação cristã, considerada chave principal do projeto educativo. Na sociedade brasileira, a educação aos moldes dos ensinamentos católicos era o ideal e o que deveria ser seguido. A autora enfatiza que mesmo com a separação da Igreja Católica do Estado, a moral religiosa permanecia. Nesse sentido, “esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas” (LOURO, 2004, p. 374).

Por muito tempo, a educação brasileira foi abandonada e a justificativa era de que faltavam mestres e mestras com formação. Diante disso, houve medidas para que criassem escolas normais para formação de docentes para ambos os sexos. Segundo Louro (2004), a atividade docente brasileira foi iniciada por homens, em destaque os religiosos jesuítas entre 1549 a 1759. Esses homens ocuparam o magistério com frequência, sendo responsáveis pelas aulas e também como professores que se estabeleciam por conta própria, porém as meninas deveriam ser regidas por senhoras que fossem consideradas honestas.

Com o surgimento das escolas normais constatou-se que houve um aumento de formação de mais mulheres do que homens. Segundo Louro (2004), os homens estavam abandonando as salas de aula, o que permitiu a origem da “feminização do magistério”, sendo que isso se deu devido à urbanização e industrialização que ampliou as oportunidades de trabalho para os homens. Outros fatores que contribuíram com esse processo foram a presença dos imigrantes, o crescimento dos setores sociais médios, ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, sendo isso ligado as transformações urbanas que produziu novos sujeitos sociais.

Houve a necessidade dessas mulheres ocupar outros trabalhos e espaços. Aquelas mais pobres enxergavam a ida para sala de aula como uma forma de obter mais estabilidade financeira e de se tornarem independentes. Nesse sentido, as duas ex-alunas enxergavam o magistério como uma perspectiva de melhoria de vida suas e de suas respectivas famílias.

O papel profissional que cabia a mulher, pertencente ou não à elite, era o magistério, e isso estava bastante perpassado em suas vidas, através da religiosidade forte que marcava o cariri cearense, como também a cidade de Sousa. Pessoas como Dom Quintino, Padre Ibiapina, Padre João Cartaxo Rolim, entre outros, tinham uma forte influência na sociedade do Ceará e em Sousa e que a elite então destinava suas filhas para vivenciar a religiosidade. Para esse período era algo bastante comum e que não havia discussão ou receio em obter essa educação.

As mulheres se profissionalizavam ao ofício de serem professoras, sob os princípios católicos, nos quais sua educação era instruída de valores, comportamentos e costumes regulados pela Igreja Católica e legitimado pelo Estado. Porém, segundo Tatiana Santos, a educação profissionalizante das mulheres, no início, não foi bem aceita.

Ressalte-se que no Brasil, mais especificamente na Parahyba do Norte, ainda vivia-se sob a égide total das tradições patriarcalistas mais arraigadas, desfavorável à presença da mulher na vida pública, que, por conseguinte, recomendava a manutenção dos padrões consagrados ao feminino na ordem familiar, ou seja, na dependência ao marido e as atividades de ocupação doméstica (SANTOS, p. 4, 2010).

As escolas e colégios religiosos visavam educar essas mulheres para serem professoras, pois essa profissão não representava uma forma de retirar o papel central delas, que era cuidar do lar e da maternidade. Assim, dava para conciliar as funções e era algo aceito pela sociedade. Santos ressalta que “historicamente, tinha-se o discurso de que não havia nada mais natural para a mulher do que a profissão de professora, essa condição profissional era a sua principal marca identitária” (2010, p. 7-8).

Algumas características vão sendo associadas às funções das mulheres no magistério, tais como paciência, afetividade, doação, carinho e amor, no qual Louro (2004) problematiza que essas associações estão relacionadas à igreja, que percebe a docência como um sacerdócio. Com isso, houve a constituição do perfil das mulheres docentes como trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras dos seus direitos.

Nesse contexto, os pais tinham um desempenho decisivo para profissionalização das filhas, escolhendo as escolas ou colégios que predominavam a tradição religiosa, ficando perpetuada a direção das mulheres como boas esposas, mães, rainhas do lar e quando fosse necessário, exerciam o magistério.

A visão que a sociedade tinha da mulher impossibilitava a ida delas para o mercado de trabalho, tidas como frágeis, que precisavam ser protegidas e controladas. Com isso, as mulheres não podiam realizar atividades fora do espaço doméstico por considerarem isso um risco e como se fosse uma ameaça à condição de ser mulher, sendo aceitáveis apenas atividades relacionadas à vida familiar, aos deveres domésticos, da maternidade e do seu lar.

Louro (2004) discute que o trabalho fora de casa era uma ocupação transitória, pois a mulher não poderia abandonar a sua “vocação” de esposa e mãe. Apenas as mulheres solteiras e viúvas tinham permissão social para trabalhar fora de casa. Isso contribuiu para que os salários das mulheres se tornassem baixos e a justificativa para tal realidade era que o sustento da família deveria ser função do homem.

Outra justificativa nos discursos era que o magistério destinado para as mulheres era de um só turno e que isso não impedia as obrigações domésticas e era também mais um discurso que legitimava o salário baixo que as mesmas recebiam. Segundo Louro (2004), uma das construções sociais mais persistentes é a questão da incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina. Isso ocorre e persiste devido ao que autora chama de “culto da domesticidade” que representa a valorização da função feminina no lar.

Outros discursos em áreas importantes vão legitimando mais ainda essa realidade da vida das mulheres. Os discursos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável, assim como os conhecimentos da psicologia que afirmava que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. De forma geral e concisa, “o casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina” (LOURO, 2004, p 379). Aquelas que fossem contrárias a esse destino eram consideradas um desvio da norma.

Com essa ida das mulheres para o magistério, os cursos de formação docente também vão ser constituídos por mulheres em sua maioria. Nesses espaços, o cotidiano dos jovens era semelhante ao cotidiano da instituição escolar, no qual é planejado e controlado, com tempo e espaços regulados e reguladores. Segundo Louro (2004, p. 380), o tempo escolar é entendido como um tempo disciplinar, no qual esse “tempo escolar, como um fato cultural, precisa ser interiorizado e aprendido”. Então, a formação dessas professoras ocorre pela “organização e ocupação de seu tempo, pelo uso dos espaços, pelas permissões e proibições para onde ir ou não ir”.

Louro (2004) argumenta sobre como eram vistas as instituições que eram dirigidas por mulheres, leigas ou religiosas, no qual havia a ideia do papel de uma mãe superiora, que zelava pelo funcionamento de tudo e que era o modelo a ser seguido. Nisso identificamos com a realidade do CNSA, que foi e continua sendo dirigido por mulheres religiosas – as mães – em que permitiu todo um aparato social de respeito e valorização por esse educandário e que todos tinham e ainda tem como modelo de mulheres a serem seguidas na sociedade sousense. Essas mães representam um papel social importante para sociedade sousense e que formou docentes para trabalharem de forma essencial na educação desta cidade.

No entanto, a autora analisa que somente nas escolas mantidas por religiosas as mães ocupavam uma posição superior, em que nas escolas públicas por muito tempo os homens estavam à frente da direção. Com essa realidade, houve o reforço da hierarquia doméstica, no qual as mulheres estavam na sala de aula e os homens dirigiam e controlavam o sistema. Aos homens havia a referência de poder e de que eles são mais responsáveis para resolver os problemas mais sérios e graves no espaço escolar.

Segundo Louro (2004), havia normas de comportamento, de postura, de vestimentas que eram delimitadas, pois as mestras deveriam ser o exemplo a seguido pelas discentes. Louro (2004, p. 385) problematiza que:

Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de argumentar. Aprendiam-se os gestos e olhares modestos e decentes, as formas apropriadas de caminhar e sentar. Todo um investimento político era realizado sobre os corpos das estudantes e mestras. Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando um jeito de professora. A escola era, então, de muitos modos incorporada ou corporificada pelas meninas e mulheres – embora nem sempre na direção apontada pelos discursos oficiais, já que essas jovens também constituíam as resistências, na subversão dos regulamentos, na transformação das práticas.

Compreende-se através dos estudos foucaultianos que a disciplinarização é a autorregulação dos sujeitos e segundo Louro (2004), as práticas normativas constituíam um conjunto de critérios que fazia com que as próprias alunas se auto examinassem e julgassem suas próprias condutas e comportamentos. Com isso, todas as normas vivenciadas na instituição se tornavam parte dessas jovens, permitindo que elas fossem capazes de se autogovernar, por terem incorporado as normas e tecnologias de governo da instituição e da sociedade.

Portanto, essa rigidez era devido à ligação da instituição de ensino com a Igreja Católica e com o contexto social e político da época, que impedia o questionamento das alunas ou seus pensamentos e ideias na aula, fazendo com que elas apresentassem uma obediência. Assim, entendemos que tanto em escolas públicas quanto os colégios privados, o ensino religioso é feito para catequizar e educar as alunas na fé e na moralidade católica.

Assim abordamos essas questões ao realizar as entrevistas, nas quais perguntamos como essa realidade social estava presente em suas vidas; o que as marcaram em seus percursos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; os conflitos; o cotidiano; a influência católica; a disciplina imposta e suas trajetórias de vida. Com as análises dos depoimentos, que foram transformados em fontes historiográficas, buscamos perceber como essa realidade predominava e quais os mecanismos de luta e resistências essas senhoras desenvolveram. Nesse sentido, discutiremos a seguir acerca dos depoimentos das ex-alunas e da ex-diretora, no qual nos trazem suas reflexões e entendimentos do que cada uma vivenciou nos seus respectivos períodos escolares.

### **3. Memória e história: discutindo com as fontes**

Nesse capítulo discutimos acerca da memória das ex-alunas do educandário, fazendo uma análise de suas falas, lembranças, recordações e vivências nesse espaço. Buscamos compreender suas práticas culturais, suas trajetórias de vida, suas vivências e experiências de mudança na sociedade. Um olhar para transformações vividas por elas e pelas suas expectativas. Fazemos esse percurso pela intermediação dos conceitos de história e memória, percebendo as suas semelhanças e diferenças.

#### **3.1. A História e a Memória: aproximações e divergências**

São muitas as pesquisas historiográficas que utilizam como perspectiva histórica as questões relacionadas à memória e a história oral para compreensão dos fatos históricos. No nosso trabalho, o uso da metodologia da história oral se fez necessário devido às dificuldades de disponibilização das fontes da instituição espaço da pesquisa e nesse sentido, a análise das histórias e memórias de suas ex-alunas foi importante para atingir os objetivos da pesquisa.

Diante disso, Marieta Ferreira (2012) discute que existem três principais escolhas de entendimento do que seja história oral, sendo que a primeira é a história oral como uma técnica, a segunda como uma disciplina e a terceira como uma metodologia. Na nossa pesquisa utilizamos a história oral como metodologia, através da gravação de entrevistas, fazendo as transcrições e a análise das mesmas.

Os que defendem a história oral como metodologia compreendem que ela apenas estabelece e ordena os procedimentos de trabalho, funcionando como uma ligação entre teoria e prática. Na visão de Ferreira (2012, p. 170), o terreno da história oral se configura na metodologia, não podendo ser classificada unicamente como uma prática. “Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas”.

Nesse sentido, a busca por explicações e soluções é encontrada na historiografia e na teoria da história, pois apresentam conceitos capazes de pensar os problemas metodológicos encontrados na pesquisa histórica. Ferreira (2012) enfatiza que apenas a teoria da história possibilita pensar os conceitos de história e memória e as complexas relações entre ambos.

Compreende-se que existe uma relação de interdependência entre prática, metodologia e teoria para produção do conhecimento histórico, porém a teoria permite os meios de reflexão sobre esse conhecimento, trazendo embasamento e orientação para o ofício dos historiadores, incluindo os que trabalham com fontes orais.

Ferreira (2012, p. 171) apresenta que na história oral existe a geração de documentos, que apresentam características próprias, por serem produzidas a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado, levando o historiador a afastar-se de interpretações fundadas em uma separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a busca por encontrar caminhos alternativos de interpretação. Assim, “a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, que são legitimadas como fontes”.

Nesse contexto, a história oral tem como objetivo recuperar e recriar através da memória dos informantes, norteando as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. Compreende-se também que as fontes orais são fontes narrativas, pois a narrativa é uma forma de construção e organização do discurso que são valorizadas pelo historiador. Nesse sentido, a memória se apresenta como importante fonte para os historiadores. Sobre isso, Ferreira (2012) também discute que o interesse dos historiadores pela memória veio através dos estudos sobre a história das mentalidades coletivas na década de 1960, no qual a questão da memória estava implícita, apesar de não ser abordada claramente nessa corrente historiográfica.

A história oral não foi aceita como possibilidade metodológica de imediato, sua associação com a história do tempo presente implicou em ressalvas por parte dos historiadores mais positivistas. Segundo Ferreira (2012, p. 172-173), a explicação dada para isto era de que a “história só nasce para uma época quando esta já está totalmente morta, o que implicava a crença em um passado fixo e determinado”.

A interpretação estava voltada para concepção de que somente com o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica. Nesse sentido, a história de tempos mais imediatos foi desconsiderada como o estatuto de história, pois alegava que deveria ser identificada com o passado, excluindo o período mais recente no plano teórico e na parte metodológica discutiam-se sobre as fontes contemporâneas.

Porém, isto muda na década de 1980, quando houve uma valorização das experiências individuais, possibilitando a história cultural atingir um novo impulso que permitiu incorporar à história o estudo do contemporâneo e os debates em torno da



memória. Assim, no século XX houve uma mudança importante de perspectiva com relação à história oral, pois a abertura conquistada pela história do tempo presente colocou em foco os depoimentos orais.

A partir dessa perspectiva, a história oral pode ser incorporada ao recurso dos historiadores para que ampliem as possibilidades de investigação das suas pesquisas, mas a partir de exigências específicas nos procedimentos metodológicos. Segundo Motta (2012), na história oral, os historiadores têm um papel importante de participar da geração do documento, da articulação da trama institucional que define seu contexto de emergência e de mundo acadêmico.

Na perspectiva da história oral, história e memória precisam ser bem diferenciados, pois a confusão pode comprometer a análise das fontes. Motta (2012) problematiza a diferença entre memória e a história, pois a história é feita das discontinuidades, sendo um registro, um distanciamento, problematização, crítica, reflexão, reconstruída a partir de outros interesses e tem o objetivo de denunciar e investigar os elementos que foram ignorados ou excluídos pela memória.

Na memória, Motta (2012, p. 25) analisa que ela se alimenta de lembranças vagas do passado, muitas vezes sendo contraditórias e sem crítica às fontes. Nesse sentido, “a memória é também positiva e positivista, reafirmando, muitas vezes, um passado de riquezas que antecipa um futuro pleno de potencialidades”. Com base nessa perspectiva, a memória é explicada pelo presente, significando que é do presente que ela recebe os incentivos para se consagrar um conjunto de lembranças de determinado grupo.

A história tem como objetivo uma representação crítica do passado, problematizando-a, porém o historiador pode cair no perigo da restauração de memórias. A história através de uma análise crítica das fontes e da teoria faz um trabalho minucioso de realizar uma interpretação do acontecimento, se importando com o consenso e com o conflito.

O que se compreende é que a memória é uma fonte histórica importante, pois nos ajuda a identificar o que tem sido lembrado e esquecido por vários grupos sociais, possibilitando delimitar as permanências, contradições e visões distintas, os elos que aproximam e afastam os grupos sociais. Com isso, se faz necessário realizar uma análise crítica, para desconstruir ou reforçar as memórias que foram consagradas de forma coletiva sobre um determinado acontecimento.

Motta (2012) problematiza que a memória se constrói na lembrança e no esquecimento, pois a construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado, no qual são considerados os que devem ser lembrados/rememorados. E quando faz essa escolha, outras lembranças são ocultadas ou esquecidas. Na percepção de Pollack (1990), o esquecimento é uma construção de uma memória que não contenha traumas. Mas, Motta (2012, p. 28) entende que o “esquecimento, assim como a lembrança, não é somente uma escolha individual, mas também coletivo”.

Diante dessa realidade de esquecimento, Motta (2012) evidencia que o historiador precisa problematizar a construção da amnésia social para compreender os motivos pelos quais levaram aos esquecimentos, em destaque, os silêncios diante da história das mulheres e do período da Ditadura Militar. O esquecimento é normal, pois não conseguimos sobreviver diante de todos os fatos da nossa existência.

No entanto, Motta (2012, p. 28) alerta para os chamados projetos de esquecimentos, que dizem respeito às “coisas e fatos que não devem ser lembrados, sob pena de ameaçar a unidade do grupo e sua identidade, fragilizando e/ou colocando em questão o interesse em comum”.

Motta (2012) problematiza que a história não fica satisfeita com a narrativa, com a leitura do documento ou do testemunho oral como se fosse “fonte da verdade”. Para se fazer história é necessário estar atento aos aspectos considerados sem importância, os detalhes, termos e palavras sem sentido. É importante o cruzamento de fontes, para produzir os embates e conflitos de interpretações sobre uma evidência. Questionar as fontes velhas e fugir das certezas, pois o trabalho do historiador é desvendar os mínimos detalhes e fatos, como se fosse um detetive.

Na análise de Durval Muniz (1994), o historiador quase sempre manipula memórias, transformando numa fonte de pesquisa para realização da gestação da história. O historiador deve evitar utilizar os depoimentos como sendo uma verdade e como se estivesse dando voz aos vencidos, pois esses discursos são para ele um ponto de vista sobre o real e não uma totalidade fechada.

Para Muniz (1994), a memória apresenta um nível de afetividade que está ligada a sensibilidade social que a pessoa está inserida, surgindo das emoções que a pessoa deposita em cada recordação. A história é feita através da intervenção dos conceitos para a elaboração de um passado que coexista com o presente do historiador. A história “é presidida por um aparato crítico que a permite rever permanentemente seus pressupostos, o que a transforma num discurso em movimento, em mutação” (p. 48).

Portanto, a diferença entre história e memória é que aquela é um ponto de vista externo ao acontecido, fazendo uma interpretação do fato, utilizando dos conceitos para trabalhar com as experiências de inúmeros grupos. A memória “é sempre trabalho interno a grupos, presas, portanto a visão do grupo ou grupos de que é expressão” (MUNIZ, 1994, p. 49).

### **3.2. O CNSA na perspectiva de suas ex-alunas e de sua ex-diretora**

A pesquisa com as fontes orais permite analisar os depoimentos dos sujeitos históricos que vivenciaram determinado período, através de relatos que trazem recordações, memórias e interpretações, que apresentam aspectos de saudosismo, de boas histórias e bons momentos. Assim, os depoimentos aqui analisados apresentam essa forte característica, porém foram necessários e contribuíram para o entendimento das nossas problemáticas levantadas. Apesar desses aspectos saudosistas, os depoimentos deixaram explícitas situações, mentalidades, discursos e contextos que se tornaram perceptíveis para elas enquanto estudantes e também através de suas experiências, suas leituras, vivências e realidades construídas ao longo do tempo.

Nesse sentido, iniciamos as análises das entrevistas apresentando as visões e interpretações de sua ex-diretora Madre Aurélia Gonçalves Greycy e de duas ex-alunas chamadas Fátima Maria Elias Ramos e Maria de Fátima Mangueira Peixoto. A escolha dessas depoentes ocorreu devido a ex-diretora apresentar bastante conhecimento acerca do educandário, tendo em vista que ela esteve a frente da direção do ano de 1965 até aproximadamente o ano de 2008. A ex-aluna Fátima Elias é professora do curso de Letras da UFCG/CFP, no campus de Cajazeiras - PB, no qual foi acessível para realização da entrevista e que o período dos seus estudos no educandário estão relacionados com o recorte temporal. Fátima Mangueira foi professora do CNSA e atualmente trabalha na parte da coordenação do educandário, apresentando conhecimento sobre o mesmo e que seu período escolar também se encontra inserido no nosso recorte.

A ex-diretora Madre Aurélia foi bastante importante para ampliação e desenvolvimento do colégio. Segundo ela, sua chegada ao colégio ocorreu devido a problemas com a ex-gestora da instituição, que apresentava problemas com as alunas do educandário e também sofria com problemas pessoais, que não foram mencionados pela diretora.

A ex-gestora ressalta que, naquele período, por ela ter se formado recentemente em Pedagogia no Colégio Santa Teresa, na cidade do Crato-CE, a superiora da Congregação optou por escolhê-la como nova gestora do educandário sousense. Sua formação religiosa enquanto freira se deu desde os 16 anos e ela tinha a confiança das pessoas responsáveis pela congregação. Diante de sua formação acadêmica, ela foi considerada apta para preparar a juventude feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

No ano da chegada dela na cidade de Sousa, em 1965, o colégio era destinado apenas para meninas, possuindo o internato, que era um espaço que apresentava poucas salas e havia o ensino primário, ginásial e pedagógico, sendo este último, o curso que formava as jovens para função de professoras. Segundo a mesma, as jovens que estudavam no educandário apresentavam condições econômicas diferentes, havendo aquelas que tinham boa condição financeira e também aquelas que recebiam bolsas de estudos no educandário.

A mudança do colégio de apenas meninas para um colégio misto ocorreu devido às transformações que outros colégios religiosos estavam passando, assim como pelas necessidades financeiras que o colégio enfrentava, além do apelo dos pais para que seus filhos estudassem em um colégio religioso.

[...] vem a necessidade de incluir, porque de início era só mesmo de meninas. Mas a gente viu que os pais pediam para colocar os meninos homens. No começo era pouquinho, mas depois nós vimos também que o colégio é pra aluno, não é só para menina, é para menino e menina. Então nós fomos resolvendo, combinando... aumentou também o número de irmãs [...]. Sempre havia mais interesse dos pais de muita vontade que o colégio fosse misto, porque eles queriam um colégio dos meninos dele estudar aí dentro. Aí a gente foi conversando com os professores, com as irmãs, aí todas as irmãs que tinha colégio só feminino... também em Cajazeiras, Catolé do Rocha, outras freiras, todas partiram e nós também partimos para criar o grupo masculino. Aí o colégio aumentou muito mais (GRECY, 2019).

No entanto, quando questionamos a datação dessa mudança, a ex-diretora não soube responder corretamente. Porém, a ex-aluna Fátima Manguieira explica que havia no educandário mais professoras do que professores, devido não terem alunos e que isso mudou, pela primeira vez, em 1978, quando estava cursando o terceiro ano pedagógico e um colega entrou. Nesse sentido, a entrada desse homem mudou o processo de convivência e a partir daí foi abrindo espaço para que mais meninos pudessem estudar

no educandário. A mesma destaca que essa mudança permitiu a transformação de algumas regras.

Então já foi tendo uma abertura. E a partir daí foi criado mesmo assim, vamos dizer, os códigos de regras, porque já ia né, infiltrando [...] uma nova geração... uma geração masculina, que até é, pra trabalhar com feminino é mais [...] fácil, porque as regras eram mais comuns né? Então quando começa a entrada do homem, aluno homem, então já mudou um pouco. (PEIXOTO, 2019)

A ex-aluna Fátima Elias iniciou seus estudos no Colégio Auxiliadora no período entre 1966 a 1969, período no qual teve que se deslocar da sua cidade natal, São Francisco, para cidade de Sousa, pois naquela cidade não havia a continuação dos estudos do ensino ginásial. Já a aluna Fátima Manguieira cursou o segundo e o terceiro anos do pedagógico, no período de 1977 e 1978, e a mesma relata que desde nova tinha vontade de ser professora. A mesma considera que a influência de seu tio que era padre e conhecido da ex-diretora Madre Aurélia e as condições econômicas de sua família fizeram com que ela fosse estudar no CNSA. Ela explica que enquanto fazia o terceiro ano pedagógico, a madre gestora concedeu a oportunidade de ela ter uma sala de aula e ensinar no educandário.

As duas alunas apresentam semelhanças em alguns pontos nas motivações para estudarem no Colégio Auxiliadora. A primeira delas é que ambas são de famílias humildes, que não possuíam condições financeiras para arcar com os gastos de um colégio privado e conseguiram bolsas filantrópicas para estudar nesse espaço. Elas conseguiram as bolsas por terem parentes que eram padres e que conheciam a ex-diretora. A segunda é que em seus períodos escolares, o educandário era destinado para as meninas. A terceira semelhança está no apoio da família, pois sabiam que o colégio era religioso e que ambas cresceram em um ambiente de forte religiosidade católica. A quarta é que havia a intenção delas almejavam um futuro melhor, no qual poderia trabalhar para ajudar as suas respectivas famílias.

Nesse sentido, percebe-se que as jovens eram influenciadas pelos pais para estudar nesses educandários católicos devido serem de tradição, destinadas para formação feminina e religiosa e isso teve um peso importante para que os mesmos escolhessem tais espaços educacionais. Segundo Santos (2009, p. 99), “as escolhas da família por uma escola de tradição religiosa familiar, voltada para a formação do magistério, envolviam a profissionalização identificada com os destinos da mulher”.

As diferenças entre elas é que Fátima Elias ainda não tinha um desejo de se tornar professora, mas as circunstâncias no percurso de sua vida fizeram com que conseguisse ensinar e passar no concurso e então desenvolveu essa identidade docente ao longo de sua experiência. Fátima Manguiera destaca que desde criança tinha vontade de ser professora, brincava com seus vizinhos ensinando-os e logo no terceiro ano pedagógico, conseguiu trabalhar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora como professora, mesmo estudando. Elas apresentam diferenças nas séries que estudaram, pois a primeira estudou a quinta, sexta e sétima série do curso ginásial e a segunda estudou o segundo e terceiro anos pedagógico.

### **3.3. Aspectos educativos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora**

A educação do colégio tem como princípio a religiosidade e que por isso apresenta como corrente pedagógica a educação Evangélico-Libertadora, que apresenta a formação do conhecimento científico, mas destaca-se a formação religiosa. A ex-diretora então enfatiza que em todas as séries havia o professor de religião, sendo uma obrigação para os colégios religiosos. Nesse sentido, ambas as alunas confirmaram que havia essa perspectiva educacional e que isso estava em prática durante as aulas e também nas atividades culturais e religiosas que aconteciam no cotidiano daquele espaço.

[havia] essa preocupação com a evangelização, com a formação cristã das alunas, mas numa visão libertadora. De participação com o social [...]. Com esse serviço aos que mais necessitavam. E nós tínhamos ações concretas como alunas [...]. Através dos grêmios estudantis, exatamente para essa formação (RAMOS, 2019).

Nos espaços educacionais onde tem uma forte presença da religiosidade cristã são desenvolvidas atividades e momentos nos quais são evidenciadas a presença da fé no cotidiano escolar. Os rituais religiosos são praticados diariamente, e os alunos passam a internalizar essa prática e se tornam algo natural e importante para todos. Assim como havia interferências, explicações e modos disciplinares, cuja aprendizagem da moral, dos bons costumes, tradições e valores católicos deveriam ser respeitados.

Questionamos sobre essas atividades sociais se eram obrigatórias a participação das alunas, ambas explicaram que não era, mas que havia uma motivação por parte das irmãs religiosas para participar dos grêmios estudantis, das atividades culturais, dos momentos de orações, com realização de missas, participação nas liturgias, formações

de grupos que participavam dessas atividades, apresentações de teatros e ensaios que eram organizados pela ex-diretora. Isso foi interpretado pelas alunas como uma forma delas perderem a timidez. Essa perspectiva educacional proporcionava um diálogo em sala de aula, porém de forma restrita, devido às alunas serem tímidas. Assim como proporcionou uma influência para vida toda, pois elas firmaram sua fé, não apenas com as orações, mas também com os trabalhos no campo social.

No entanto, elas explicam que diante dessas atividades religiosas havia algumas colegas que não queria participar, que não gostavam, porém, não apresentavam uma explicação do porquê que não queria participar. Isto esteve presente no curso pedagógico e na turma da Fátima Mangueira. Ela explica que havia colegas que não gostavam de fazer o curso pedagógico e relata a situação de uma ex-aluna, de sua turma, que sofria com isso, pois era pressionada pelos pais para continuar os estudos no educandário.

Tinha até que fazia o pedagógico que não gostava de fazer. Fazia porque os pais queriam, [...] a gente achava assim que ela sofria com isso. A gente procurava ajudar no máximo. Inclusive ela era da minha equipe, eu tinha uma equipe de umas oito colegas, eram [...] dividido e a gente sentia que ela sofria com isso e que ela fazia o pedagógico a força. Mais ela não deixava transparecer muito não, mas nos trabalhos ela dizia. Elas as vezes chorava: - “eu não tenho condição de fazer isso, eu não sei fazer isso, eu só faço o pedagógico, porque o meu pai exige”. (PEIXOTO, 2019)

A situação dessa colega mostra que não era unanimidade de que todas as discentes do educandário estavam contentes em estar naquele local e que muitas estudaram ali por exigência dos seus pais. Então, entende-se que as atividades religiosas não era uma prática que todas gostavam e participavam. A então diretora do educandário por ser formada em psicologia, tentava dialogar com as alunas e buscava identificar quais eram as habilidades delas.

Mesmo com essas atividades religiosas no colégio, isto não impediu que as alunas de outras denominações religiosas estudassem naquele espaço. Havia, como confirmado pela ex-diretora, estudantes protestantes e que não tiveram problemas com a educação do colégio. A ex-aluna Fátima Mangueira explica que essas alunas evangélicas participavam do que era atividade curricular do curso pedagógico e não era obrigatório participar das atividades religiosas, sendo que não havia atritos nessa questão.

Santos (2009) analisa que a família apresentava esse interesse por um espaço de educação religiosa devido a segurança, com regras rígidas e com um sistema escolar exemplar em sua ordem disciplinar. Louro (1987, p. 447, apud, SANTOS, 2009, p. 103) analisa que:

[...] a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Deve-se notar que, embora a expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade da época era, sem dúvida, o catolicismo. Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa [...].

Louro (apud, SANTOS, 2009) entendia que no século XIX ocorreu um desenvolvimento de escolas destinadas para o ensino feminino e que tinham formação religiosa como característica fundamental, devido à família que compreendia que esse ensino desenvolvido por instituições católicas femininas tinha um lugar de estabilidade no papel da mulher na sociedade. E nesses espaços a obediência era uma forte presença e as estudantes acatavam por terem esse apoio marcante da família e o respeito na sociedade.

Santos (2009, p. 113) discute o processo de formação da escola como espaço de controle e que ela passou a criar lugares determinados, havendo a disposição de filas organizadas para aproveitar espaços cada vez mais complexos e a sala de aula se tornou um espaço onde os alunos eram observados pelo professor. A autora analisa que:

A disposição tradicional das carteiras na sala de aula seria um dispositivo que contribuía para a vigilância hierárquica mencionada por Foucault. Nesse ambiente, vários fatores influenciam esse caráter de vigilância constante, como um suposto jogo de olhar, que induz efeitos de poder. Os meios de coerção se tornam claramente visíveis sobre aqueles a quem se aplicam.

As salas de aulas apresentavam um padrão que era predominante na época, com as disposições das cadeiras em filas, as carteiras eram conjugadas, ou seja, comportavam duas pessoas, com quadro negro de giz e só muito tempo depois houve modificações para cadeiras individuais.

Na educação do educandário houve o ensino obrigatório da disciplina Educação Moral e Cívica, e as discentes afirmaram ter estudado essa disciplina no colégio. Esta era ministrada por uma irmã e em outro momento por uma professora leiga, não



havendo uma rigidez para que apenas as irmãs fossem as destinadas para essa função. O ensino tinha a característica de uma formação moral, de um civismo que era encontrado nos conteúdos programados pelo governo. Havia essa exaltação ao nacionalismo, a pátria e os exemplos citados desse civismo estavam nos momentos que deveriam cantar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira, entre outros.

[...] como era a época de, [...] vamos dizer Regime Militar, então civismo era o principal. A gente tinha que aprender de cor o Hino Nacional, tinha que saber a forma correta de hastear uma bandeira, bandeira do Brasil ladeada por outras bandeiras, como era a posição dela, tudo isso tava dentro do civismo. Como marchar, desfilarmos no Dia 7 de setembro era obrigado marchar. Todos de farda, fardinha impecável, um instrutor na frente pra dizer, né, aquelas coisas toda do tempo militar. Então [...], a Educação Moral e Cívica era obrigada ser aplicada em toda a escola. (PEIXOTO, 2019).

Fátima Manguiera explica que havia uma organização como se fosse o MEC atual, que fazia tudo o que o governo queria e o ensino dessa disciplina era obrigatório e ela gostava por ser dinâmico. A disciplina cobrava que as alunas decorassem o Hino Nacional, Hino da Bandeira e da Independência e que ela entendia que era o certo a se fazer. Em depoimento com a ex-diretora, confirmou-se que houve a disciplina de Educação Moral e Cívica, sendo obrigatório e que durante os momentos de aulas havia formas de fazer sutilmente críticas ao governo.

[...] você não tem que falar que está tudo bom no Brasil... você tem que falar ó... o direito e o dever né? Aí tinha que ir pela cartilha né? A não ser que você quisesse dá uma fugidinha, você ia na frente, mas sem chamar atenção... deve evitar que haja comentários... por muito pouco assim, nós... não vou dizer que nós fomos 100% obediente, mas acho que ainda fomos 80% obedientes (GRECY, 2019).

Segundo Fátima Manguiera, o curso pedagógico era considerado profissionalizante, apresentando poucas aulas das disciplinas básicas como Português e Matemática, porque o intuito principal era a prática docente, sendo mais a didática e cada disciplina tinha uma irmã religiosa correspondente. O curso formava professoras para ensinar as crianças do primeiro ao quarto ano e as discentes aprendiam as metodologias de ensino para alfabetizar. Havia disciplinas como filosofia, Educação Moral e Cívica, Psicologia, Português, Matemática, Ciências e outras, no qual “o pedagógico só ensinava as disciplinas básicas pra quem fosse fazer um vestibular”

(PEIXOTO, 2019). O ensino era mais prático, então as aulas apresentavam muita interação entre os docentes e discentes, no qual os alunos deveriam estagiar, realizar aulas teóricas e práticas no educandário, fazer planejamento com a orientação das irmãs.

Na visão da mãe diretora, os pais colocavam suas filhas no educandário devido ao seu caráter religioso, com os princípios cristãos e pelo respeito que o mesmo foi ganhando ao longo dos anos. E que isso foi importante para que ocorresse um relacionamento bom entre eles.

Muito respeito, [...] porque quando os pais procuram o colégio de freira já sabem que elas são freiras, que elas traz religião, sabe que elas passam religião, mas sempre fui muito bem tratada pelos pais. Se aconteceu alguma vez uma coisinha pequena, pode ter acontecido, mas [...] nada que deixou marcas. Eu só me lembro de coisas boas, de relacionamentos bons (GRECY, 2019).

Fátima Elias afirma que havia, na sua turma, uma amizade e muito respeito com as irmãs. Nesse sentido, ela explica que a boa relação passava por momentos que marcaram sua vida escolar, tendo como exemplo os grêmios estudantis. Este era importante devido mobilizar estudantes, gestores e professores em prol de um ideal e que era interessante por estar inserido num período crítico da política brasileira. Na visão de Fátima Manguiera havia uma relação boa com as irmãs do colégio por serem cearenses e pela amizade que as irmãs tinham com seu tio que era padre, no qual as irmãs conheciam sua família e o contato era mais próximo do que com as demais alunas. Porém, ela destaca que não havia ciúmes ou problemas com suas colegas de turma por apresentar essa relação intimista com as religiosas.

Toda essa admiração, carinho e respeito também podem ser entendidos por ocorrer certo temor das religiosas. Porém, Fátima Elias garante que de sua parte não havia o temor, mas o respeito, pois ela entende que quando as discentes vão estudar no Colégio Auxiliadora, elas já sabem qual é a filosofia do educandário e que deveria seguir e respeitar aquela organização. Segundo Eli (2014) essa obediência das ex-alunas mostra a evidência do sujeito disciplinado, que respeita as regras por internalizá-las diante das atitudes, valores e normas que são vivenciadas no educandário.

Lins (2006) problematiza a obediência das mulheres na sociedade, no qual as alunas não contestavam as normas disciplinares, passando a se acomodar com o que estava sendo imposto e concordando com aquilo, pois acreditavam que era o certo a se fazer. A obediência na percepção das alunas era algo natural, por socialmente as

mulheres terem esse perfil designado como submissas, pacíficas e obedientes às normas, aos pais, as regras, aos homens e a sociedade. No entanto, com os depoimentos das alunas percebemos que muitas delas não aceitavam tais realidades e desempenharam formas de resistências.

Ambas as alunas explicam que por estarem inseridas em uma família muito religiosa, ocorreu nas suas casas uma extensão do ensinamento religioso, no qual participavam das atividades litúrgicas, seguiam as orientações da Igreja Católica e entendia que isso era uma ação evangelizadora que fazia parte de sua formação.

### **3.4. O papel da mulher: esposa e dona de casa**

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo contexto de um governo Militar, que realizou uma série de transformações no país e que impregnou uma nova realidade, até então desconhecida para milhares de brasileiros. Somado a isso, a mentalidade da parte significativa da população era conservadora e, como tal, entendia o papel da mulher sob um viés de submissão.

Além das lutas para superar o papel imposto pela sociedade, os estudos de gênero têm sido importantes para visibilizar as vozes dessas mulheres que, por muito tempo, ficaram excluídas e silenciadas na história da educação brasileira. Então, Santos (2009, p. 42) deixa evidente que a pesquisa com uso de memória de ex-alunas está inserida no “tão propalado campo da história dos excluídos pela história oficial. Ou seja, apesar de fazerem parte de um contexto relevante não são identificadas e destacadas como sujeitos”.

Isso foi confirmado pelas alunas do educandário, que explicaram que o papel social da mulher era destinado à realização de serem mãe, boas esposas e donas de casa. Se quisessem conseguir uma profissionalização, a melhor opção seria ser docente, apresentando que essa realidade entendida como uma das poucas possibilidades de trabalho para as mulheres.

No entanto, para a ex-diretora, a realidade social destinada para jovens moças no educandário não estava apenas voltada para função de boas esposas e donas de casa. Segundo a mesma, com o curso pedagógico, elas estariam aptas para trabalharem e desempenharem sua profissão com dedicação.

Era mais para profissão, porque quando eu cheguei já tinha o curso pedagógico, cheguei em 65 tinha curso pedagógico, então elas iam ensinar. Para ensinar precisam não só compreender [...] o amor de Deus, a bondade de Deus, mas também precisa conhecer o aluno, a dignidade do aluno, o respeito que devemos ter pela pessoa do aluno... a gente dava muito a parte [...] religiosa e didática (GRECY, 2019).

O papel social da mulher na visão da madre era de ocupar seus espaços, serem boas profissionais e o respeito e a formação humanitária estariam em primeiro lugar, assim como ela diz que repassava as alunas que elas não deveriam ser submissas ao homem.

Analisando o papel social que era designado para mulher nesse contexto, Elias compreende que era um estereótipo presente na sociedade e também nas suas duas irmãs mais velhas, que não tiveram a mesma oportunidade que ela para estudar.

Elas fizeram até o quarto ano primário, lá em São Francisco. Meu pai não [...] permitiu que elas saíssem de lá para estudar, não é? E como eu sou a caçula e com a morte de minha mãe eu tive que morar com a minha irmã, não é? [...] as minhas opções foram diferentes das opções delas. Mas a visão delas era exatamente isso, [...] é se casar, ter filhos, cuidar do marido, cuidar da casa, né? (RAMOS, 2019).

Ela afirma que essa visão era predominante, pois recorda que quando encontrava com suas colegas, estas se admiravam por ela estar estudando e por não ter casado e nem ter tido filhos. Assim, percebe-se que esse discurso ficava internalizado dentro das próprias mulheres, pois muitas alunas terminavam o curso pedagógico e seguiam suas vidas sendo mãe e dona de casa. Elias destaca que no discurso das irmãs religiosas havia essa valorização da mulher estudar, mas também delas casarem.

[...] se percebia no discurso delas, não é? Que elas valorizavam muito esse [...] estudo da mulher e também o casamento. No sentido da mulher não só estudar, trabalhar, mas também se casar. Havia essa [...] preocupação delas. Mas também não era algo impositivo. Elas já compreendiam que a mulher deveria participar dos diferentes setores da sociedade. Deveria também trabalhar. É tanto que elas... na década de 70, elas nem hábito usavam mais como irmãs. Elas já [não] usavam, não é? É... roupas mais compostas, mas que não era definido como um hábito, como uma farda, não é? (RAMOS, 2019).

O que Elias aponta é bem interessante ao perceber que o discurso das madres era relevante, pois considerava que a Madre Aurélia era bastante aberta, compreendendo que a mulher deveria trabalhar, estudar, mas também cuidar do seu lar e de sua família.

A aluna destaca que queria estudar, pois tinha sonhos de trabalhar e viajar e que, desde cedo, começou a trabalhar para ajudar e realizar seus objetivos.

Questionamos também haviam algum debate sobre o movimento de discussão dos direitos das mulheres no educandário e, Manguiera explicou que não tinha, por ser uma escola religiosa e que não vivenciava de uma influência externa. O que ocorria era o seguimento do padrão das escolas religiosas. Porém, na sociedade do seu período, final da década de 1970, a visão era mais fechada e conservadora do papel desempenhado pela mulher, apresentando os estereótipos predominantes.

[...] era mais conservadora. Era que a mulher tinha que está no seu lugar, mulher era mais do lar, mulher era mais da casa, o homem era que trabalhava pra botar o dinheiro dentro de casa, botar tudo que precisasse. [...] essa era a idéia, né, da sociedade. Isso era coisa como se fosse natural. Toda sociedade tinha isso, é tanto que [...] as mulheres só assumiam o cargo de professoras, de secretária, de alguma repartição né, de alguma coisa assim. Mas não tinha como hoje, que a mulher luta mesmo, ela faz concurso, ela estuda muito, ela faz um curso de direito e ela é isso, né? É bem, bem diferente. (PEIXOTO, 2019)

Na percepção de Perrot (2005), citada por Santos (2009), a religião e os manuais de comportamento definiam o que as mulheres deveriam seguir, esperando uma boa postura de escutar, esperar, guardar as palavras, aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Ou seja, as mulheres deveriam ser silenciadas, pacíficas, sem questionamento e aceitando o que estava decidido para elas.

Diante de uma realidade social diferente, a aluna percebe o quanto a mulher conquistou seus objetivos através de muita luta. E isso estava presente também na sua família, com os pais residindo na área rural e sem acesso a leituras para uma nova percepção da realidade, acabava por reforçar o papel da mulher como submissa. Manguiera argumenta que os meios de comunicação eram uma forma de mudar os pensamentos das pessoas, mas que não era acessível a todos e que por isso “demorou mesmo assim, a sociedade entender o papel da mulher. Ainda hoje a gente sente uma certa discriminação” (PEIXOTO, 2019).

No colégio, Manguiera (2019) notava que a ex-diretora estava mais aberta, mesmo sem apresentar discussões sobre isso. Ela argumenta que “era uma coisa mais pacata. Eu acho assim mais acomodada, na época era mais acomodada. A escola era mais fechada, era conservadora, né?”. O colégio então não trazia essas discussões por

ser conservadora e por estar inserida numa sociedade que tinha essa mentalidade e visão do papel social destinado a mulher e as alunas naturalizavam esse discurso e respeitavam sem maiores objeções.

As irmãs não influenciavam, segundo Manguiera, porém havia algumas palestras e aulas de formação que tinham esse caráter de que as mulheres deveriam formar famílias, cuidar do lar e de seus filhos. Ela argumenta, que antes do seu tempo de escola, havia uma disciplina de orientação doméstica, e que tinha a função de realizar essas propostas de formação da mulher enquanto boa esposa, mãe e dona de casa.

Teve um tempo, eu não alcancei esse, no tempo que eu cheguei já teve umas mudanças, mas assim tinha aulas, tinha uma disciplina chamada... não sei o quê doméstica, eu até já esqueci, que era pra ensinar essas coisas assim da orientação, [...] de fazer, vamos dizer, de como receber bem [...] o marido, de fazer uma comida boa, pra agradar o marido chegar, é encontrar uma comida assim, assim... tinha umas orientações, certo, nesse sentido. De como cuidar de criança chamava puericultura na época. [...] não era uma disciplina, mas tinha umas aulas, oficinas de como cuidar da casa, de como cuidar de uma criança, [...] de como receber uma visita, tinha isso. Mas não tinha aula de, por exemplo, corte e costura, [...] de culinária. (PEIXOTO, 2019)

O período da Ditadura Militar teve uma influência com a realidade escolar do CNSA no sentido de reforçar o ideal dos bons costumes e os valores familiares, colocando a mulher no papel de mãe e dona de casa. A madre ressalta, por eles estarem no comando, havia certas normas que deveriam ser seguidas e também respeitadas.

[...] não teve assim influência e ao mesmo tempo teve, porque o comando era deles né? A gente tinha que obedecer os conselhos [...] se eles eram o presidente e essas coisas, as normas seriam... [...] militares. Mas a gente tinha que obedecer. [...] É claro que foi um pouco apertado assim... porque a gente acostumado com [...] aqueles princípios democráticos... então houve realmente um certo aperto. [...] eles que mandavam, mandou, mandou... tem que obedecer, para não criar problema com as famílias né?

Nesse sentido, o período da Ditadura Militar ampliava o discurso da divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres, o que potencializava a submissão, o respeito à disciplina, as normas e regras. Segundo Santos (2009, p. 92), “nesse período, o plano político caracterizou-se como repressor, a violência era explícita contra seus opositores e, em termos de educação não apresentou grandes inovações”. Na visão de Almeida (2004, p. 91, apud SANTOS, 2009, p. 92):

[...] A repressão da ditadura militar, que se estendeu aos anos de 1970, atingiu escolas, professores e estudantes, proibindo quaisquer manifestações de caráter político. A consciência cívica e patriótica seria estimulada na população, e a escola seria uma das vias preferidas como espaço para se pregar o ufanismo nacional e o amor à pátria. O panorama de estagnação intelectual instaurado pelo medo e pela ausência de liberdade tornou-se propício à promulgação de uma lei autoritária, gestada por tecnocratas a serviço do poder e pelos militares desejosos de adesão política.

A mãe Aurélia (2019) destaca que a orientação religiosa não foi mudada durante esse contexto social e político, mas que os padres da cidade sofreram com perseguições por estarem relacionados aos movimentos operários. Então, o colégio serviu muitas vezes de apoio e de local para se hospedar, como forma de despistar e disfarçar os que estavam querendo perseguir os padres. A mãe identificou que se sentiu oprimida durante esse período e que não concordava com o rigor do governo militar.

Claro que tem [influência]... a gente não aceita, era muito rígido demais, mas não chegava a ser uma opressão... chegava a ser um rigor [...] e influenciava sobre o colégio também... porque era tudo, ministério, todos decidiam, faziam parte né? Aí teve influência na escola. Mas nessa hora o melhor é a gente respeitar para evitar choque, prisão... as pessoas eram presas.

Em outra parte de sua fala, a mãe continua destacando o respeito e a obediência ao governo, porém percebe-se que foi uma forma de resistência encontrada para que o educandário não sofresse com consequências e que os pais dos alunos também não sofressem qualquer forma de repressão.

[...] nós tínhamos muito respeito, tinha que obedecer, eles estavam no poder... nós não somos do poder, nós temos uma escola, mas não somos donas... era o governo... a palavra final era dele (GRECY, 2019).

No entanto, ela destaca que essa obediência não ocorria totalmente, pois houve momentos que “a gente era meio disfarçado, a gente não tava obedecendo ao pé da letra, [...] eu não quero, mas tem que respeitar, pra evitar coisas maiores” (GRECY, 2019). Durante as aulas, os professores eram orientados para ter cuidado com o que fosse dito

em sala de aula, pois vivenciava um período conturbado, com problemas que poderia surgir e que o medo estava tomando de conta.

A gente tinha muito cuidado, a gente era muito orientada... porque os professores eles tinham que evitar falar contra... evitar... nem falar a favor nem contra... porque a situação era muito delicada. Nós não passamos aperto, porque a gente soube viver.

Fátima Elias recorda que escutava os diálogos das discentes do curso pedagógico, das leituras e das conversas das irmãs e dos professores considerados engajados, no qual fizeram com que interpretasse que o momento era difícil. Porém, a mesma destaca que não tinha muita compreensão do que se tratava por ser muito jovem e não fazia sentido essa discussão. Assim, como a presença dos padres no educandário trazia a compreensão dessa realidade.

Eu lembro de muitos padres, que faziam parte da diocese e aqueles padres mais progressistas, eles participavam de muitas reuniões no colégio. E isso era [...] muito visível e muitas alunas do curso pedagógico, muitas professoras e as irmãs também participavam, né? E nós fazíamos muitas leituras para essa formação política, de conscientização. (RAMOS, 2019).

A entrevistada relembra que via os padres presentes no educandário e que eles faziam pregações para as discentes, momentos de orações e de formação. Ela entende que havia as orientações que eram “avançadas para as pessoas e o tempo que a gente vivia” (RAMOS, 2019). Nesse sentido, existia uma percepção de que as irmãs ficavam receosas com o que estava acontecendo, por temer que algo acontecesse devido a esse trabalho com os “padres que estavam mais a frente” da realidade e argumenta citando o exemplo de um padre de uma paróquia sousense que era muito engajado nos movimentos sociais e nos movimentos religiosos e participava dessas discussões no colégio.

Fátima Manguiera rememora que os padres de Sousa foram perseguidos durante esse período e que ficavam no colégio escondidos, não podiam entrar livremente e as irmãs acolhiam eles. Ela explica que não percebia a presença deles, porque era passageiro.

As vezes chegava de noite, saía de madrugada, porque também não podia passar muito tempo, porque isso na Ditadura existia muitos olhos. Então, principalmente colégio de freira. A própria igreja, que não podia ter grupos, como hoje que a gente tem pastorais pra



trabalhar em tudo, antes não tinha. Por quê? Porque era muito vigiado, porque onde tivesse duas ou três pessoas conversando, não podia, porque ali estava tramando contra o governo. Tava tramando contra a Ditadura. Então isso era o medo que tinha, né? E isso aconteceu muito aqui em Sousa, tem muitos. Tinha movimentos aqui em Sousa, com muita gente que era contra a Ditadura, como todo tempo teve e todo canto teve, né... presos políticos. (PEIXOTO, 2019)

Percebe-se que foi um período de muito temor para aqueles mais engajados e compreendidos dos valores democráticos, e que não aceitavam tal momento de repressão. Então, de forma sutil, em pequenos atos, tendo cuidado para não chamar a atenção dos policiais, alguns setores sociais realizavam críticas e resistências contra os ditadores na cidade de Sousa.

O respeito que a ex-diretora enfatiza era uma forma encontrada de esconder seu temor de que algo de ruim e mais grave acontecesse com os pais das discentes, com os funcionários, com os padres e com as próprias irmãs religiosas.

Em seu prosseguimento educativo e profissional, assim como toda a experiência acumulada, Elias entende que o período da Ditadura Militar deixou marcas na sua trajetória enquanto cidadã, pois percebeu que quando fez o curso de Letras na década de 1970, havia um vazio na formação docente e nos termos de compreensão da realidade do país, no qual as discussões eram muito distantes da realidade.

Era tudo muito, teorias muito idealistas, teorias muito distantes da realidade nossa, não é? [...] essas lacunas na minha formação do curso de Letras, eu atribuo muito a censura, a falta de liberdade, ao controle. [...] como professora, aluna e professora na época, em que eu fazia parte desses grupos de jovens, [...] muitos pais do colégio achavam que era subversiva, porque eu participava desses grupos da pastoral, também participava de reuniões em João Pessoa, em Recife, em Olinda e [...] essa falta de liberdade realmente tolhe e ceceia a nossa [...] participação cidadão, né? (RAMOS, 2019).

Essa análise da aluna traz uma visão de uma mulher de experiência, que vivenciou um período crítico no nosso país e que compreende que esse período histórico foi prejudicial através das censuras e perseguições. No entanto, durante este período discutido, Mangueira recorda que não percebia uma rigidez, pois ela nasceu dentro desse contexto, então ficava a impressão de que era normal e natural.

Pra mim era normal, né, pra gente, pra minha família era normal uma escola exigir isso e aquilo, né, porque a sociedade em si já era assim.

Ela já tinha aquele costume. Aí eu não sei te dizer assim, se houve alguma [situação] [...], porque eu não experimentei antes as escolas, quando eu comecei a estudar, já era um Regime assim né, bem mais fechado. (PEIXOTO, 2019)

Atualmente, com sua experiência e trajetória de vida, compreende que o período democrático tem uma grande diferenciação do período da Ditadura Militar e que quando começou a trabalhar, percebeu as melhoras e as aberturas e que enxergou que em diversos momentos havia uma rigidez, que na época se tornava natural. Ela recorda que os grupos jovens sofriam com a rigidez e a falta de liberdade de se manifestar e conversar.

Nesse sentido, o uso da metodologia da História Oral é importante, pois desenvolver essa pesquisa apenas com documentos oficiais não possibilitaria compreendermos as subjetividades, as práticas cotidianas, os dilemas, as formas de enxergar aquela realidade na visão de suas próprias ex-alunas. Os documentos oficiais como Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico, Revistas Comemorativas são importantes na elucidação da construção e desenvolvimento do educandário, sua importância na sociedade sousense, na realidade cristã da região. Mas as perspectivas das alunas em seus depoimentos permitem compreender suas emoções, suas realidades, o que marcaram sua vida naquela fase, como as mesmas percebiam as mudanças sociais, políticas, como as mesmas interpretavam aquele cenário escolar marcado por uma religiosidade.

Portanto, percebemos que com os depoimentos e vivências desses sujeitos históricos apresentam-se visões que se complementam, mas também discursos que se contrapõem. Cada uma com sua função, sua trajetória, sua experiência e realidade social demonstrou com sua memória o cotidiano no educandário, a relação com as irmãs e professores, o contexto social e político e possibilitou nossa interpretação e investigação dos problemas levantados nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos esse trabalho percebendo que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no período de 1958 a 1980 esteve relacionado com uma realidade política, social e cultural específica, na qual suas ex-alunas e ex-diretora proporcionaram, através de seus depoimentos, uma compreensão do seu cotidiano, de suas vivências, de seus entendimentos e interpretações daquele contexto.

Nesse sentido, relembrar os momentos da escola possibilitou identificar vários aspectos do cotidiano desse espaço e perceber como as próprias discentes interpretaram suas vivências. Segundo Eli (2014), “por meio da memória, é possível identificar e reconstruir um conjunto de acontecimentos experienciados” (p. 10). Porém, tais recordações foram ressignificadas com as percepções do tempo presente.

Ao longo desse percurso de pesquisa, tivemos em mente que a caminhada seria dificultada pela pouca documentação disponibilizada pelo educandário. Procuramos conseguir documentos na Paróquia da cidade, conversamos com a ex-diretora do educandário e com algumas funcionárias, porém o que nos disponibilizaram foram às Revistas Comemorativas analisadas, o Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico.

Nesse sentido, o prosseguimento da pesquisa se deu pela utilização da História Oral como metodologia e apesar da apreensão de não conseguir encontrar essas depoentes, conseguimos contatos com funcionários do colégio que nos informaram sobre pessoas que estudavam nesse recorte temporal. Assim, podemos interagir com as senhoras que tem suas trajetórias de vida semelhantes, porém cada uma em sua função apresentou uma visão do educandário que nos possibilitou atingir os objetivos da pesquisa.

Então, quando no início da introdução delimitamos algumas questões problemas a serem respondidas ao longo do texto, tivemos um desempenho que a nosso ver foi satisfatório, pois os depoimentos nos mostraram que o educandário apresentava uma visão conservadora, porém a orientação religiosa suavizava essa realidade, através de uma perspectiva humanística e de ações sociais concretas desenvolvidas dentro e fora do educandário.

O contexto político do período da Ditadura Militar esteve presente no colégio, no qual a ex-diretora deixou evidente seu medo, precauções e angústias diante daquele

cenário, entendendo que foi um período muito difícil e conturbado e que ela não concordava com as atitudes dos militares. Então, buscava-se fazer sutilmente críticas ao governo e que, a mesma esteve ajudando os padres da cidade souse que sofriam com as perseguições dos policiais.

Com isso, a importância das entrevistas está em poder compreender e refletir sobre as atitudes e crenças dessas ex-alunas em seus aspectos particulares. Segundo Santos (2009, p. 22), “através das entrevistas o pesquisador tem a oportunidade de conhecer as práticas culturais com as quais a população articula sua experiência de vida social e ordena sua prática coletiva”.

As ex-alunas mostraram as influências religiosas dentro de suas vidas cotidianas, dentro do educandário, dentro da sociedade da época. Compreendiam que era um espaço de rigor, de obediência e cumprimento das normas. Enxergavam que aquela realidade era a melhor a ser feita, que as transformações vivenciadas foram determinantes para elas serem que são hoje. Sentem saudades dos ensinamentos, das atividades religiosas, das aulas, das amizades, do respeito com as irmãs religiosas, sem entender que aquilo era uma forma de disciplinamento.

A partir de seus depoimentos percebemos que a mentalidade da família era que o papel social das mulheres seriam seguir o caminho destinado para elas, tais como o matrimônio, a maternidade e o caminho da docência, por entender que era uma forma de dar continuidade ao tripé esposa-mãe-dona de casa.

A profissionalização da mulher foi interpretada pelas discentes como forma de obtenção de uma melhoria na sua qualidade de vida. Porém, continuou o discurso de que a mulher deveria casar-se, ter filhos e cuidar do seu lar. Com os depoimentos delas, percebemos os exemplos de como seus pais reproduziam esse discurso, as religiosas do educandário e a sociedade predominavam essa realidade.

A sociedade tinha essa mentalidade e esse discurso conservador de forma muito marcante no cotidiano, nas escolas, na vivência na cidade e no campo. Os discursos eram tão dominantes que se tornaram naturalizados. Na análise de Fátima Mangueira, a sua vida foi dentro do período da Ditadura Militar e ela não havia vivenciado outro sistema político, e com isso, aquela realidade era natural. Na visão de Fátima Elias e a ex-diretora Madre Aurélia o período foi conturbado, foi cruel, percebia-se as tensões, os conflitos, os questionamentos e as críticas.

As memórias dessas discentes mostraram que o cotidiano no educandário era marcado pela religiosidade em todos os aspectos, desde o fardamento, as atividades, o

espaço na sala, as influências da congregação, as aulas marcadas pelo fundamento religioso, os ensinamentos humanísticos que têm essa característica da manutenção da fé, das crenças, dos bons costumes.

Discutimos com as depoentes sobre pontos como influência familiar, papel desempenhado pelas mulheres, religiosidade católica, normas e regras bem definidas, atividades religiosas e culturais, discursos e o contexto social da época. E percebemos que o respeito das discentes estava intrinsecamente relacionado com a obediência, que por muitas vezes vinha de dentro do seio familiar, onde os pais orientavam que deveriam seguir as normas, no qual elas sabiam disso antes mesmo de iniciar seus estudos no educandário. Por serem jovens, sem muito entendimento daquela realidade, elas interiorizavam esses discursos e ensinamentos.

A partir das análises de Foucault, entendemos que elas sabiam dessa vigilância e que não era algo escondido. Era uma vigilância, uma hierarquização e sanção conhecida, respeitada e obedecida pelos participantes daquele espaço. As próprias alunas se auto vigiavam, pois antes mesmo de adentrar naquele espaço, elas sabiam de sua realidade disciplinar, do rigor das regras e que em suas próprias casas elas eram persuadidas para seguir as normas e acreditar que aquilo era o certo a se fazer. Sabendo de todas as normas, rigores, regras e comportamentos que deviam ser seguidos, essas alunas não iriam praticar os desvios das normas.

A disciplina escolar no colégio analisado estava presente nas hierarquias, apresentando como figura principal a sua ex-diretora, em seguida a irmã responsável pela disciplina, logo depois os professores e demais funcionários. Desenvolveu-se ainda os códigos de regras e normas, os termos e advertências e as disposições da sala de aula em fileiras, para um controle e vigilância dos professores para com seus alunos. As alunas que eram internas tinham uma maior vigilância e controle, pois ficavam sendo supervisionadas pelas irmãs o dia todo e tinham a responsabilidade de cuidá-las bem.

A sanção normalizadora aplicada na questão do tempo era predominante no educandário, no qual havia uma rigidez para que as discentes chegassem no horário estabelecido. Assim como havia uma busca para que as discentes prestassem atenção nas aulas, resolvessem as atividades, que não desobedecem às regras, que elas deveriam ter cuidado com o corpo e com as atitudes tidas como erradas. Assim, no espaço escolar havia essa penalidade disciplinar que passava pelas advertências e pelo medo de falarem com a ex-diretora. Não havia castigos físicos segundo relatos das discentes, mas havia

essa obediência disfarçada de um temor, que elas não enxergavam assim, por apresentar um laço de afetividade com os participantes do educandário, em destaque a ex-diretora.

A punição na perspectiva foucaultiana passa pela busca de reduzir os desvios, de hierarquizar e comparar os indivíduos e desenvolver nele o processo de docilidade, de utilidade para sociedade como sujeito passivos e obedientes.

O exame é uma forma de hierarquizar e de punir. Busca a promoção e a exaltação dos que foram bem nele, mas também ocorre a diminuição daqueles que não atingirem os objetivos, fazendo com que aconteçam as diferenciações nos espaços disciplinares. Com o exame ocorrem as comparações entre os sujeitos, depois a separação dos mesmos e por fim, identificam-se quem está desviando da norma.

Nesse sentido, as provas e avaliações eram vistos como formas de punições aos discentes, além de medir, qualificar e hierarquizar os mesmos, destacando aqueles que apresentam uma obtenção de resultado positivo e aqueles que não apresentam esses bons resultados. Então, haverá essa distinção entre os discentes, separando os que apresentam boas notas e aqueles que não estão adequados com isso.

Porém, essa busca a todo o momento na educação do colégio de reeducar e corrigir essas alunas seguindo a visão predominante da época, no qual essas jovens não podiam fugir de suas atribuições de seu destino não foi completamente seguido, havendo resistências dessas alunas, através de reclamações, de pequenas atitudes de fugir da rigidez que foram sendo relatadas pelas mesmas.

A nossa pesquisa buscou atingir os objetivos propostos, porém sabemos que temos mais análises a serem feitas, assim como um maior aprofundamento das discussões teóricas. O nosso intuito é dar prosseguimento à pesquisa, buscando compreender como era a disciplina escolar na perspectiva das alunas internas desse educandário. Com isso, buscaremos encontrar as ex-alunas internas do colégio para discutirmos aspectos como o controle dos espaços que elas sofriam, as resistências desenvolvidas por elas para "burlar" as regras, os comportamentos e as histórias e memórias de sua adolescência, no qual a juventude está presente e a vontade de viver experiências em relacionamentos amorosos era constante e como as irmãs religiosas compreendiam essa fase das discentes.

Portanto, Tatiana Santos (2009) explica que a educação nessas escolas femininas católicas, a religião permitia a construção de regras, de valores morais, passava a dizer quais os hábitos, os costumes que deveriam ser seguidos, normatizava os corpos e as mentes, através de suas regras de conduta, de comportamento que estavam previamente

estabelecidas. Então, Foucault problematiza tal perspectiva, pois os corpos tornaram-se o principal alvo de disciplinamento na sociedade, sendo considerado como passível de impor obrigações, proibições, de utilizá-lo como um corpo dócil e modelado conforme os preceitos aceitados naquela realidade.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. TA, 1994.
- CARGNIN, Elisane Scapin, et al. **Disciplina escolar**. P. 1-9. (s/d).
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- COSTA, Francisco Joel Magalhães da. **Catolicismo e educação: a história da criação da Diocese do Crato e a ação educacional de Dom Quintino no Cariri (1914-1929)**. 2016. Tese de Doutorado. www.teses.ufc.br, 2016.
- DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização: representações da cidade de Sousa-PB**. Dissertação – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.
- ELI, Daniela. **“Cuidado com a ponteira”**: memórias de castigos no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração (Angelina/SC, 1940-1975). X ANPED SUL, Florianópolis, p. 1-18, out 2014.
- FERRAZ, Augusto. **Além do Rio – Uma fotografia da Paisagem Urbana**. João Pessoa: AGT Produções, 2012.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. 3, p. 170-186, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: O nascimento das prisões**. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que Ninguém Conte**. João Pessoa: A UNIÃO – Superintendência de Imprensa e Editora, 1986.
- GOIANA, Ivaneide Severo; DE QUEIROZ, Zuleide Fernandes. **Educação na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus: Um resgate histórico das Instituições Teresianas na região do Cariri**. Universidade Regional do Cariri – URCA, p.1-12.
- LINS, Leonice de Lima Mançur. **Um olhar sobre o Colégio Santíssimo Sacramento (1940–1960)**—alguns aspectos da educação feminina em Alagoinhas-BA. Revista HISTEDBR On-line, p. 26-38, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. Proj. História, São Paulo, (11) Nov, 1994.



MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando Antonio. **História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. 3, p. 21-36, 2012.

MUNIZ, Durval. **Violar memórias e gestar a História**: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. *Clio - Série História do Nordeste*, nº 15, p. 39-52, 1994.

PELEGRINI, Dayenne Karoline Chimiti. **Educação moral e cívica**: disciplina e poder disciplinar no ensino de primeiro grau mato-grossense da década de 1970. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

**Revista Comemorativa dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora**. Sousa-PB: Edição Comemorativa Jubileu de Ouro 50 anos, dez. 2008.

**Revista Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus**. Edição Comemorativa de 80 anos (1923-2003). Sousa-PB, nov, 2003.

SANTOS, Lilian Lobato dos. **Subjetividade e modernidade em Michel Foucault**: implicações para a educação. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, p. 104, 2011.

SANTOS, Paula Cristiane de Lyra. **Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

SANTOS, Tatiana de Medeiros. **Magistério em declínio**: histórias e memórias de ex-alunas do Magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970). Dissertação – Centro de Educação – CE, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2009.

SANTOS, Tatiana Medeiros. **Reminiscências de ex-alunas da última turma do curso normal do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)**. Universidade Federal de Recife - Artigo apresentando no evento: X Encontro Nacional de História Oral: Testemunhos e Política, 2010.

SILVA, Kênia Ribeiro. **Escola disciplinar, formadora de subjetividades**. Colabor@-A Revista Digital da CVA- RICESU, v. 8, n. 30, 2013.

SILVA, Robson de Oliveira. **Uma instituição escolar católica em Alagoa Grande**: as Irmãs Dorotéias e o Colégio Nossa Senhora do Rosário (1917–1919). Universidade Estadual da Paraíba - Trabalho de Conclusão de Curso, p. 1-45, 2014.

**Site oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora**. Disponível em: <<http://cnsasousa.com.br/>>, acesso em: 21 de abril, 2019.

SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Colégio Madre Ana Couto**: A reconstrução histórico educacional através da educação feminina cariense, p. 1-14.

VALERIO, Raphael Guazzelli. **Dispositivo escolar**: disciplina e controle. Pesquisa em Foco em Educação e Filosofia, v. 7, p. 103-113, 2014.

## ANEXO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, EM SOUSA-PB (1958-1980)**”, coordenado pelo professor **ISRAEL SOARES DE SOUSA** (83) 98627-0813, pertencente ao curso de **História**, vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (**UFCG**), Centro de Formação de Professores (**CFP**) e Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (**UACS**), na cidade de **Cajazeiras**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar a história do educandário e as memórias de ex-alunas, refletindo acerca dos aspectos disciplinares e cotidianos vividos por elas no seu período escolar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e se faz necessário por contribuir para compreensão dos estudos da História da Educação feminina na cidade de Sousa e na Paraíba.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: conceder uma entrevista relatando sobre sua história de vida escolar no Colégio citado, no qual faremos perguntas que serão gravadas e com sua autorização faremos a transcrição e análise do depoimento, identificando os aspectos da educação religiosa e do contexto social e político do recorte temporal da pesquisa. Os riscos envolvidos com sua participação são: estigmatização dos sujeitos, divulgação de informações, invasão de privacidade, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões e eventuais riscos relacionados à divulgação de imagem. Os mecanismos para minimizar os riscos são: apresentação prévia das perguntas a serem respondidas, sigilo das identidades dos entrevistados e socialização das análises antes da publicação. Os benefícios da pesquisa são: divulgação do trabalho de relevância social para a comunidade escolar e ampliação das discussões sobre a educação religiosa feminina.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **ISRAEL SOARES DE SOUSA**, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos-CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Israel Soares de Sousa

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço:** R. José de Souza Maciel, 154 – Jardim Primavera, Cajazeiras

**Telefone:** (83) 98627-0813

**Email:** israelhistoria@gmail.com

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**Email:** cep@cfp.ufcg.edu.br

**Tel:** (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Sousa, \_\_/\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável pelo  
estudo

## APÊNDICE

### TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA MADRE AURÉLIA

1. Inicialmente, eu queria que a senhora relatasse como é que foi a sua trajetória para chegar aqui no [Colégio] Auxiliadora? Como foi esse momento?

**Madre:** A minha trajetória... eu sou religiosa há quase 70 anos, religiosa há 60 anos por aí e a Congregação das Filhas de Santa Teresa, congregação que mantém o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, as irmãs foram chamadas pra cá, chamadas para trabalharem nessa terra do Milagre Eucarístico, uma terra muito boa, muito acolhedora e a diretora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no ano de 1964, final assim, estava um pouco perturbada, agoniadinha, então a Madre diretora da Congregação... Madre Palmilha, me mandou pra cá para assumir o colégio em 1965... eu cheguei aqui em 1965 para dirigir o colégio... ainda estava começando, tinha poucos alunos, precisava de uma diretora assim que... e foi assim que eu cheguei aqui, a noite desse dia de... 21 de abril de 1965, faz bastante tempo e pra mim foi uma graça porque eu já tinha conhecimento do Milagre Eucarístico, já tinha conhecido do acolhimento do povo desta terra, porque nós já tinha o colégio aí... então eu vim com muita esperança, com muita alegria, muito gosto e ainda hoje... não estou mais no colégio, mas ainda tenho por Sousa o mesmo gosto, o mesmo carinho, a mesma aceitação.

2. Com relação a Congregação das Filhas de Santa Teresa, quais foram as influencias que a congregação proporcionou para senhora, os ensinamentos que a senhora teve?

**Madre:** Eu fui... eu sou do Ceará e o meu pai do sítio em Aurora, ele queria... botava sempre as filhas e os filhos para estudar no colégio das freiras, no colégio dos padres... e assim... eu estudava no colégio Santa Teresa no Crato, depois lá eu fui ser freira muito cedo, com 16 anos fui ser freira e logo eu terminei meu curso, fiz pedagogia em Fortaleza e a Madre me botou pra cá exatamente porque eu estava recente formada há poucos meses e ela queria oferecer ao povo de Sousa... uma pessoa assim... que tivesse preparo. Eu estudei em Fortaleza, onde eu fiz o curso todo superior em Fortaleza, então a madre confiou que eu ia dar conta do recado, graças a Deus.

3. E quais os ensinamentos que a senhora adquiriu lá na congregação?

**Madre:** Eu era aluna do Colégio desde criança, do Colégio Santa Teresa, porque na minha terra não havia escola né... não tinha escola/colégio pra criança e... então foi no Colégio Santa Teresa que a minha... meu aprofundamento pedagógico se fez. Eu fui, me transformei professora lá, depois fui para Fortaleza, fiz o curso de pedagogia, fiz especialização em psicologia, em sociologia, em filosofia, exatamente estava pronta pra vim para Sousa e preparar a juventude feminina né... naquele tempo era só a juventude feminina.

4. O curso de pedagogia era o curso era o curso que a senhora desejava? Era o curso que a senhora queria fazer, que a senhora tinha vontade?

**Madre:** Era o curso... não só o curso que eu queria fazer, mas eu precisava fazer, porque a gente naquele tempo tinha que ter a formação do curso superior de pedagogia com todas as especialidades em sociologia, filosofia, psicologia da educação.

5. A senhora chegou a ensinar?

**Madre:** Tudo, minha vida foi ensinando. Olha de 65... eu cheguei aqui em... no dia 21 de abril de 1965, já cheguei fui logo ensinando, já tinha o registro, porque eu tinha feito esse... durante 4 anos o curso de especialização em Fortaleza Ceará. Daí ensinar pra mim eu sempre gostei, fui professora aqui há quase... mais de 50 anos que cheguei aqui... quando eu cheguei aqui... quando eu cheguei aqui só tinha... eu estava ainda com... é... o que... uns vinte anos, eu não me lembro bem e... entrei no ensino sem parar, sem tomar fôlego, só nas férias mesmo é que a gente se dedica a matrícula, essas coisas. Até completar meus 80 anos eu dei aula.

6. Quando a senhora chegou aqui no Auxiliadora o colégio era destinado apenas para meninas?

**Madre:** Era só para meninas e era muito pequeno, porque ainda era o primeiro colégio que tinha sido orientado pelo professor Senhorzinho no prédio. Então era muito pequeno, tinha 5 salas de aulas e hoje tem mais de 40. Mas a gente foi fazendo, o povo teve um acolhimento muito bom. Nós não tínhamos dinheiro para fazer, mas fazíamos movimento financeiro, sempre as pessoas ajudavam. Aí a gente foi ajeitando o colégio, melhorando, melhorando... também com a ajuda de algumas pessoas que... da área política e arranjava um dinheirinho, uma verba, aí foi só aumentando e melhorando o colégio, graças a Deus.

7. No início, o colégio como tinha 5 salas, como a senhora mencionou, comportava mais ou menos, quantas pessoas?

**Madre:** Era muito pouco... naquele tempo quando chegamos aqui, acho que o total de alunos... não sei nem se chegava a 100. Essas 5 salas era para crianças e para o pedagógico e para o ginásio, pra tudo. Era 5 salas e... então a gente usava pela manhã e a tarde. Os alunos eram poucos nesse tempo. Eu não lembro exatamente, mas as salas não eram cheias as que eram usadas. Nesse tempo eram poucos alunos.

8. E a noite era treinamento, preparação?

**Madre:** Não, de início nós não tínhamos a noite. Era só pela manhã e a tarde. Só depois de muito tempo é que nós criamos o curso também noturno. Depois nós paramos com o curso noturno, demos alguns anos o estudo era manhã, tarde e noite.

9. No colégio teve internato?

**Madre:** Internato. Quando eu cheguei já tinha internato. A irmã tomava conta do internato, ela já faleceu, era irmã Irene. Ela tomava conta do internato, depois ela morreu. E tinha muita gente, tinha muito alunos no internato... tinha 60 alunas e tanto alunas no internato, porque não tinha onde as meninas ficarem, tinha que ser no internato das irmãs... tinha mais de 60 alunas internas.

10. Então eram meninas ou meninos que não tinham condições?

**Madre:** Só meninas. Não, nesse tempo tinha meninas de condição, tinha bolsista, tinha bolsista gratuita, aí tinha bolsista... depois o governo também dava umas ajudas para cobrir as bolsas e tinha também algumas que pagavam.

11. Madre, então no início era só para meninas. E hoje a gente sabe que o colégio comporta tanto meninas como meninos. Como ocorreu essa mudança para o colégio misto?

**Madre:** O tempo vai passando, a necessidade vai chegando e diante da necessidade você tem que acudir. Então eu fui com as irmãs, a gente foi fazendo as salas devagarzinho, fomos fazendo salas dentro do colégio e... o colégio foi aumentando, aumentando, aumentando, nós sempre aumentando, sempre aumentando o colégio, fazia movimentos, fazia festinha, fazia rifa, o que a gente pudesse fazer. O pessoal ajudava, o povo de Sousa é muito bom para ajudar. Tudo que a gente fazia era com ajuda do povo... dos políticos, mas também do povo em geral. E assim foi aumentando o colégio, e o prédio, foi aumentando os alunos e o colégio hoje é muito grande.

12. Daí viu essa necessidade de incluir os meninos?

**Madre:** Sim, daí vem a necessidade de incluir, porque de início era só mesmo de meninas. Mas a gente viu que os pais pediam para colocar os meninos homens. No começo era pouquinho, mas depois nós vimos também que o colégio é pra aluno, não é só para menina, é para menino e menina. Então nós fomos resolvendo, combinando... aumentou também o número de irmãs, e essa casa... já foi depois essa casa, não tinha essa casa, nós morávamos lá no colégio, morava dentro do colégio. Tinha umas salas que as irmãs dormiam lá... aqui já foi na década de 60, nós demos um terreno que... nós tínhamos ganhado para fazer um colégio e a gente... deu esse... e a faculdade precisava de prédio e nós fizemos um negócio com a faculdade... com a faculdade não, com a prefeitura. A prefeitura fez essa casa para nós e nós passamos o terreno... da faculdade era nosso, tinha sido doado para fazer um colégio. Ai a prefeitura nós deu essa casa, que era melhor para nós ter uma casa para morar, que a gente não tinha onde morar... assim a prefeitura deu e nós cedemos um terreno muito grande que a gente ia fazer o colégio, mas nós cedemos e fizemos o colégio... aumentamos, melhoramos.

13. Em que ano aconteceu essa mudança do colégio misto?

**Madre:** Deixe me ver... eu cheguei aqui em 65... eu estou com uma certa dúvida... foi entre 68 e 70, assim foi feito esse prédio e a gente passou um terreno muito grande. Ali onde é hoje a faculdade... tem um prédio, sem ser o grande lá... muito grande.

14. O prédio que a senhora fala é o prédio da faculdade de Direito que é aqui no centro?

**Madre:** De direito, aquele terreno ali era nosso. Um senhor muito bom Nelson Meira deu um terreno muito grande para irmãs fazerem um colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Mas para nós foi mais prático essa negociação. A faculdade estava precisando de terreno para ser construída e nós estávamos precisando de um terreno para nossa casa, porque a gente não tinha onde morar, aí como eu já disse foi negociado

com a prefeitura, a prefeitura teve que desapropriar do terreno lá para faculdade fazer e a prefeitura que fez essa casa todinha, muito grande.

15. Quando houve essa mudança para o ensino misto, teve alguém que foi contrário, que não queria?

**Madre:** Não, sempre havia mais interesse dos pais de muita vontade que o colégio fosse misto, porque eles queriam um colégio dos meninos dele estudar aí dentro. Aí a gente foi conversando com os professores, com as irmãs, aí todas as irmãs que tinha colégio só feminino... também em Cajazeiras, Catolé do Rocha, outras freiras, todas partiram e nós também partimos para criar o grupo masculino. Aí o colégio aumentou muito mais.

16. Como se deu o ensino, eram juntos ou eram os meninos em uma sala e as meninas em outra?

**Madre:** Eram juntos numa sala só. Sempre houve muito respeito graças a Deus.

17. Agora com relação a educação Madre. A senhora enquanto diretora, que cursou pedagogia, quais eram os princípios e ensinamentos que o colégio ensinava para as alunas?

**Madre:** É... nós... a religiosa como é educadora ela tem que passar princípios religiosos da Igreja Católica. Então toda sala, do primeiro aninho até o terceiro médio, todos tinham professor de religião, porque era uma obrigação nossa da igreja e porque todo colégio de freira tinha que ensinar religião. Então foi muito fácil, porque as meninas já iam terminando o curso no colégio, eu mesma fui professora de muitas meninas que faziam o pedagógico e elas já estavam preparadas para ensinar também os alunos. E as irmãs foram aumentando, vieram mais irmãs, em pouco tempo o colégio estava muito numeroso. É... na década de 80, nós chegamos aqui em 60, década de 60, de 70 para 80 já estava de meninos e meninas e os meninos faziam ginásio e depois partimos para o médio, meninas e meninos... nunca houve dificuldade.

18. No Projeto Político Pedagógico fala que a educação do colégio segue um princípio Evangélico-Libertador. Eu queria que a senhora explicasse um pouco sobre essa educação.

**Madre:** Nós somos religiosas, chamada freira, a palavra freira vem do francês, então a religiosa ela... no caso aqui, por exemplo, eu deixei a minha casa aos 17 anos de idade, menos... antes de 17 anos deixei minha casa pra ser freira, deixei meus pais, tudo o que tinha de melhor né que é o amor dos pais, deixei, era com 16 pra 17 anos. Eu já sabia que ia ser educadora, porque a Congregação das Filhas de Santa Teresa, que é a minha, ela é de educar e ela educava não só meninas, mas os meninos também. A Igreja era aberta, ela se abriu para receber os meninos, para receberem a formação, não só a formação das letras, do conhecimento, mas a formação religiosa no colégio. Não houve dificuldade não, é claro que algum um dia eu... os meninos dá trabalho, mas depois a gente vai no...

19. Com relação as normas e as regras do colégio?



**Madre:** O Colégio... todo colégio religioso ele tem assim normas especiais em relação a roupa... as meninas assistiam aulas com as mangas compridas e... depois foi abrindo um pouco, aí a gente foi fazendo a fardinha mais leve. Hoje já pode ser normal, todo colégio, mas colégio de freira sempre tinha aquele cuidado pra que a roupa correspondesse a dignidade humana, a educação e... sempre muito acolhimento, nunca senti falta de acolhimento do povo de Sousa em relação a nós filhas de Santa Teresa.

20. Com relação as roupas que a senhora está falando das roupas e do comportamento, como deveria ser o comportamento dessas meninas no colégio religioso?

**Madre:** As meninas elas só saíam a rua acompanhada de uma religiosa, as internas, as que vinham de fora elas não tinham onde morar, então os pais pagavam a residência delas e... a gente tinha cuidado como se nós fossemos as mães delas. Então havia um certo rigor na roupa por causa disso, no começo as mangas eram compridas, depois a gente foi melhorando, porque era a compreensão de mais liberdade, foi devagarzinho, foi, foi abrindo, como eu já disse abri para os meninos e... dificuldade existe, mas não é dificuldade especial, então todo menino dá trabalho mesmo né.

21. As meninas tinham algumas que davam trabalho?

**Madre:** Não... meninas e meninos, mas nunca aconteceu uma expulsão, nunca. É aquela coisa de as vezes querer ir pra rua e não podia, e elas ficavam teimando... essas coisinhas, o que acontece em casa também né.

22. Também no Regimento fala que havia uma Orientação Religiosa, desde quando a senhora chegou no colégio que já tinha essa orientação?

**Madre:** Quando eu cheguei no colégio já tinha orientação, só que o colégio quando eu cheguei era muito pequeno o colégio como eu já te disse, poucas salas... e os alunos poucos também, foi bem poucos. Eu cheguei em 65, aí foi como eu já disse, a gente foi fazendo sala e... naturalmente chamando aluno, chamando assim... que os pais queriam trazer os filhos pra cá, uns eram bolsistas, outros os pais pagavam e... foi tudo muito bom, graças a Deus.

23. Essa Orientação Religiosa era para seguir o modelo de Nossa Senhora?

**Madre:** Nós tinha... toda sala tinha duas aulas de formação na semana, toda sala. Desde as crianças até o terceiro... nesse tempo ainda não tinha o médio ainda, tinha só o terceiro pedagógico. Todas as... as irmãs eram quem davam as aulas. Depois com muito tempo, assim ficou mais... eu não sei agora, acho que a irmã Fátima tirou, mas enquanto eu estive lá teve formação religiosa. Agora é porque estão dizendo que o governo não quer, mas ele não pode proibir isso não, isso é lei.

24. Havia essa influência do modelo de Nossa Senhora com relação a educação das meninas, delas seguir?

**Madre:** Sim... mas não era para elas seguir, era só para elas seguir os princípios da fé, não era pra ser freira não, era os princípios da fé... preparar para Primeira Eucaristia, preparava para Crisma e... também dava aula as crianças que não eram do colégio, dava

aula na Paróquia... a religiosa sempre se dispõe a ajudar na catequese, na formação religiosa... sempre teve, nunca houve problema com os pais, nada.

25. Os pais aceitavam?

**Madre:** Aceitavam... respeitavam. Teve pais de outra denominação religiosa havia, mas eram poucos. Mas eles não proibiam que as meninas aceitassem... assistem aula não... não me lembro.

26. A preparação para as meninas, era para elas serem umas boas esposas ou era mais voltada para questão da profissão mesmo?

**Madre:** Era mais para profissão, porque quando eu cheguei já tinha o curso pedagógico, cheguei em 65 tinha curso pedagógico, então elas iam ensinar. Para ensinar precisam não só compreender não só o amor de Deus, a bondade de Deus, mas também precisa conhecer o aluno, a dignidade do aluno, o respeito que devemos ter pela pessoa do aluno... a gente dava muito a parte didática, religiosa e didática.

27. Com relação as recomendações, a senhora enquanto diretora o que a senhora orientava as professoras para ensinar as alunas?

**Madre:** Eu já nem lembro mais, é muito tempo... é, mas eu sei que a gente tinha reunião mensal, todo mês nós tínhamos reunião com as professoras, e não só para parte didática, mas também a fundação religiosa, os princípios religiosos. E nós tínhamos professores que não eram da Igreja Católica, ensinava, nós não tinha nada contra, sempre houve muito respeito, tanto as pessoas... os nossos irmãos na fé nos respeitava, como nós respeitávamos a eles também.

28. Na sua opinião Madre, o que motivava os pais a colocar as meninas no colégio?

**Madre:** Olha eles sempre falavam que tinha muito respeito pelo colégio, pelos princípios do colégio, sempre diziam... e isso deve ser a vida toda, porque a gente deixa a vida social, deixa a vida financeira, tudo e vem ser freira pra se dedicar a educação. Então se a gente não fizer uma coisa boa, perdido... nós sempre tivemos muito cuidado de passar princípios da educação, ainda hoje acredito. Hoje já me afastei do colégio, acredito que ainda tenha essa preocupação com os princípios religiosos... não é uma igreja, mas é um segmento de Jesus... podia ter a Igreja que quiser, agora respeito pelas orientações de Jesus.

29. E a relação que a senhora tinha com os pais, como era a relação?

**Madre:** Padre João Cartaxo foi o fundador do colégio e ele tinha muita assim, atenção com a gente... ele no começo até fazia refeição quando a gente ia comer no colégio e ele fazia refeição no colégio com a gente, antes da gente ter essa casa. E ele sempre respeitou muito, nos respeitou muito e nós a respeitamos também. Todas as coisas assim... de Nossa Senhora, é... sempre as irmãs que fazia aquilo, ajeitava, sempre tinha habilidade que era a irmã chamada Iraídes que era muito habilidosa nessa parte artística, sempre fazia coisas bonitas e os padres achava muito bom.

30. E os pais das alunas, como era o relacionamento que a senhora tinha com eles?

**Madre:** Muito respeito, muito respeito, porque quando os pais procuram o colégio de freira já sabem que elas são freiras, que elas traz religião, sabe que elas passam religião, mas sempre fui muito bem tratada pelos pais. Se aconteceu alguma vez uma coisinha pequena, pode ter acontecido, mas não coisa que deixou marca, nada que deixou marcas. Eu só me lembro de coisas boas, de relacionamentos bons.

31. Madre com relação a década de 60 e 70 que a gente está pesquisando, quais eram os valores e as atitudes que eram aceitos pela sociedade naquele tempo?

**Madre:** Olha a década de 70 ainda tinha muito segmento religioso, muito, eles escolhiam mais o colégio das freiras exatamente porque era religiosa. Então para os filhos estudarem no colégio religioso. Hoje pode ser que já tenha outro motivo, mas naquele tempo era por isso que eles queriam. Havia muito respeito, Sousa é uma cidade grande muito católica, muito. Depois foi mudando, mas ainda me sinto muito respeitada. Também graças a Deus sempre soube respeitar, porque a religião ela é o principio da sua fé, você não vai brigar por causa de sua religião... é uma decisão da pessoa né... se você quer outra tá tudo bem, eu respeito você e você me respeita. Nunca aconteceu nada, não me lembro, eu não me lembro de ter acontecido algum choque por motivo religioso, até porque modéstia a parte, quem me conhece sabe eu sou, tenho uma mentalidade muito aberta... não sou de ficar apertando as pessoas para seguir assim... os princípios, mas eu respeito muito, toda vida foi assim... meu pai era assim.

32. Nesse contexto Madre da década de 60 e 70, a gente sabe que ocorreu a Ditadura Militar no Brasil, que começou em 64 e foi até 85. Nesse período da Ditadura teve alguma influência na formação das alunas?

**Madre:** Foi... não teve assim influência e ao mesmo tempo teve, porque o comando era deles né... a gente tinha que obedecer os conselhos, mas não era assim... se eles eram o presidente e essas coisas, as normas seriam... mas não é religioso em si, normas militares. Mas a gente tinha que obedecer... respeito... respeito é tudo. Quando você se sente respeitado, você respeita e vice e versa. É claro que foi um pouco apertado assim... porque a gente acostumado com aquela... aqueles princípios democráticos... então houve realmente um certo aperto, sobretudo os padres sofreram muito, porque eles tinham trabalho sociais com os operários... e não queria não né... nesse tempo não queria, era opressão... as vezes eles se hospedavam até aqui no colégio com a gente... nós também morávamos lá, exatamente para disfarçar mais, porque eles cuidavam dos trabalhadores operários, e os princípios nem sempre batiam com... mas aí eu estou falando sobre os padres. Nossos não, porque eles que mandavam, mandou, mandou... tem que obedecer, para não criar problema com as famílias né.

33. Então houve uma influência também na questão das diretrizes da escola?

**Madre:** É... nas diretrizes, mas de nossa parte a orientação que recebemos era respeitada. Não tem tanto obedecer, respeitar.

34. A orientação religiosa continuava?

**Madre:** Não... não teve problema algum. Não... mas assim os padres que trabalhavam com trabalhadores... assim princípios sociais, eles eram mais procurados... muita gente, porque eles se sentiam oprimidos.

35. A senhora se sentiu oprimida em algum momento naquele período?

**Madre:** Claro que tem... a gente não aceita, era muito rígido demais, mas não chegava a ser uma opressão... chegava a ser um rigor, rigor... e influenciava sobre o colégio também... porque era tudo, ministério, todos decidiam, faziam parte né?, aí teve influência na escola. Mas nessa hora o melhor é a gente respeitar para evitar choque, prisão... as pessoas eram presas.

36. Mas as pessoas eram presas mais porque criticavam, porque batiam de frente com o governo? Se havia o respeito, não houve opressão com a senhora e com o colégio em si?

**Madre:** Exatamente... nós tínhamos muito respeito, tinha que obedecer, eles estavam no poder... nós não somos do poder, nós temos uma escola, mas não somos donas... era o governo... a palavra final era é dele.

37. Nesse contexto Madre de Ditadura Militar, havia punição no colégio?

**Madre:** No nosso houve punição sim... como eu disse alguns padres sofreram e eles procuravam apoio da gente, no sentido até de hospedagem... eles tinham medo de fazer alguma coisa com eles... eles tinham trabalho social com os operários, agricultores, dando a consciência da justiça social, que não podia, eles orientavam... e como eles sentiam que o colégio é mais protegido e tinha salas... e sabia que eles estavam precisando de um apoio.

38. Com relação as alunas, havia punição pra quem desrespeitava as normas do colégio?

**Madre:** Nunca... houve nos alunos... a gente também respeitava o ministério da educação, a gente sabe que o ministério era dirigido por eles, mas nós não fazia essas coisas... mas também a gente era meio disfarçado, a gente não tava obedecendo ao pé da letra, mas também respeitando tem coisa assim né... eu não quero, mas respeito... tem que respeitar, pra evitar coisas maiores.

39. Então se alguma aluna desrespeitasse, havia que forma de punição?

**Madre:** Era... mas aí no caso era punição, eles prendiam... a gente tinha muito cuidado, a gente era muito orientada... porque os professores eles tinham que evitar falando contra... evitar... nem falar a favor nem contra... porque a situação era muito delicada. Nós não passamos aperto, porque a gente soube viver.

40. Com relação as alunas, teve alguma questionava os ensinamentos do colégio, alguém que reclamava de alguma coisa?

**Madre:** Eu creio que alguma coisinha assim, por exemplo, o colégio com saia assim né... essas coisas porque nesse tempo era saia bem longa... mangas compridas. Não sei se naquele tempo já tinha cortado, talvez já tinha... aí claro que tem essas reclamações, mas não é coisa demais não... besteira de menina.

41. Mas elas não eram punidas?

**Madre:** Não, não eram... nada, nunca, nunca, nunca, nunca. Nem as crianças foram punidas, nem professor, e nem nós... nós nunca fomos punidos, nós tinha cuidado.

42 Então naquele tempo da Ditadura Militar, aquele período da palmatória, não existiu isso no colégio?

**Madre:** Aqui não, nunca houve a palmatória no colégio, nunca houve... até porque eu já sou de uma formação sem palmatória lá em casa, na minha casa não tinha isso, nada disso... meu pai só dizia faça isso não, nem bater... nem assim, nada... eu já vim com a minha abertura natural, graças a Deus.

43. Então assim com relação as regras, tinha as regras de se comportar, as normas de vestir as vestimentas do colégio? As obrigações dos alunos eram essas?

**Madre:** As regras... tudo normal... era... certamente a gente nas reuniões conversava, mas conversava... família né, professores com as irmãs... eu sempre fui orientada pelos pais... pelos pais que eram de fora, trabalhavam por aqui, é... tinha uns que era lá de longe da diocese vai vim pra cá... a gente conversava também muito com eles, eles já estavam mais por dentro do que nós... muito, muito por dentro da situação.

42. Nesse período, ainda falando do período da Ditadura, havia uma disciplina chamada Educação Moral e Cívica. Teve essa disciplina no colégio?

**Madre:** Tem... houve... era obrigatória. Nós tinham que dá o que estava no livro, era aprovado por eles no ministério.

43. Quem eram os professores responsáveis por essa disciplina? Era as mães ou outro professor?

**Madre:** Não... professor leigo mesmo... agora nem me lembro bem quem era, mas era professor leigo... porque chamava era de Moral e Cívica, você não tem que falar que está tudo bom no Brasil... você tem que falar ó... o direito e o dever né... aí tinha que ir pela cartilha né, a não ser que você quisesse dá uma fugidinha, você ia na frente, mas sem chamar atenção... deve evitar que haja comentários... por muito pouco assim, nós... não vou dizer que nós fomos 100% obediente, mas acho que ainda fomos 80% obedientes.

44. Então de forma bem sutil, vocês faziam o papel de vocês, opinavam?

**Madre:** É... porque a gente sabia que era delicado, porque nós trabalhávamos com menores... nós tinha que responder por eles... mas não houve nenhuma tentativa de prisão, nada... só esses padres como eu já disse... mas enfim eles trabalhavam com trabalhadores, trabalhavam pela libertação.

45. Então a senhora, as professoras e as alunas tinham consciência daquele contexto?

**Madre:** Tinha... muito... e depois eu ensinava sociologia... sociologia entra, passou direto, mas sempre leve, para evitar conflito, porque nós... o colégio não é nosso... o colégio... é... dos alunos, tem que encontrar apoio. Se foi alguém prejudicado, nós não podemos prejudicar o aluno. Tudo passa... passou.

46. Na opinião da senhora, o que acha das pessoas que atualmente defendem a volta da Ditadura? A senhora concorda?

**Madre:** Meu Deus... tem essa gente? Eu pensava que o próprio Bolsonaro não fosse voltar a Ditadura... eu... eu não concordo não, porque... o rigor é desumano. Nós temos que obedecer tais coisas, mas temos que ser humanistas. Ou seja, respeitar a pessoas acima de tudo.

47. Como a senhora já explicou, eu ia questionar o porquê de muitas alunas do colégio se tornaram professoras, mas a senhora já explicou que havia o pedagógico desde quando a senhora chegou aqui.

**Madre:** A grande base dentro de Sousa foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Não tinha colégio do estado, só tinha de criança.

48. Então essas alunas já saíam do colégio já formadas como professoras?

**Madre:** Preparadas... e tinha muita irmãs que eram professoras. Tinha a irmã chamada Irmã Heloisa, já morreu... tem a Irmã Iraides, que ela saiu daqui, mas todo mundo grava... o próprio... próprio estudo do texto, escolhia o texto que a pessoa levasse a pensar... com muito sobriedade, tudo com muita sobriedade.

49. Os pais já sabiam que colocando no Auxiliadora as meninas iam se formar em professoras?

**Madre:** Sabiam... os pais sempre confiaram nas freiras, assim... depois que eu cheguei aqui já era formada, então se a gente está ensinando, não é para ensinar coisa errada... ensinando o certo.

50. Então o colégio já tinha uma visão mais ampliada... porque naquele contexto da década de 60 entendia-se que a mulher só deveria ser uma boa esposa e dona de casa.

**Madre:** Não... todos que me conhecem sabe. Eu não gosto assim de me apresentar como diferente não, mas sempre o respeito, sempre o respeito... toda pessoa humana, pior que ela seja, respeito primeiro a pessoa, porque já faltou respeito na vida dela... muitas vezes elas caem em erros que não devia cair, porque não teve orientação... Agora a vida é assim... eu sempre digo... meu vizinho aqui é espírita... aí que a gente volta... opa, eu acho é bom... trabalhar com jovens coisa melhor que eu achei na vida. Dava trabalho, dava... tinha dia que eu tinha raiva, tinha... mas passa, você sabe é só uma coisinha.

51. Então essa questão da mulher, do papel da mulher naquela época aceitava que as meninas deveria ter uma profissão, ser independentes?

**Madre:** É... mas muito respeito, eu acredito que esses professores mais antigos, todas elas foram do colégio. Eu sempre... porque meu jeito mesmo sempre foi de respeitar, eu faço sempre é respeitar... eu nasci para respeitar. Dentro da minha casa, a gente era muito respeitado... meu pai era muito aberto, muito respeitoso... e a educação é para isso, para despertar respeito, ou você quer respeito, você tem que respeitar.

52. A mulher poderia chegar em altos cargos, a mulher não podia ser apenas submissa ao homem?

**Madre:** É... não ser só submissa... não, claro que o diálogo as vezes resolve, eu nunca fui de submissão não... sempre o diálogo.

53. A senhora repassava isso para alunas né?

**Madre:** Repassava... eu fui professora de psicologia muito, repassava... muitas pessoas ainda... as que estudaram mesmo comigo acho que já estão aposentadas, mas muitas passaram... e as outras as irmãs, não sou só eu não, todas, irmã Francisca, irmã Iraides, depois vem Valderice já vem depois... todas eram assim... nessa inclinação... porque a Igreja dava toda orientação para o respeito. A igreja nunca foi do terror.

54. Com relação ao colégio, qual o legado que a senhora acha que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora tem proporcionado para educação da nossa cidade e do nosso estado?

**Madre:** Eu... eu acho que o primeiro de tudo é o respeito a pessoa humana, a dignidade humana, respeito a dignidade humana. Porque essas meninas, com raras exceções, todas de certo modo passa pelas mãos da gente... por matérias... todas nós dava... todas ensinava... mas todas as irmãs ensinavam. E a gente lia os livros, era muito bons, orientava os pais... porque as mesmo tempo o Concílio Vaticano II trouxe uma abertura muito grande para liberdade da igreja, dos religiosos... aí a gente ia para todos os encontros em Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, os encontros da igreja, para gente compreender qual o pensamento da igreja, para atividades... participava de tudo e a gente ia ficando com aquela visão... visão de respeito a pessoa, meninos, alunos.

55. Então a senhora acredita que a maior lição e influência que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora é o respeito as pessoas?

**Madre:** É o respeito... respeito as pessoas, acredito que sim. E é muito difícil um aluno que tenha ficado muitos anos e não compreender o colégio que tem um papel muito importante.

56. Com relação a importância dessa pesquisa que estou fazendo, o que a senhora acha que ela vai trazer de contribuição importante?

**Madre:** Bom eu acho que... a primeira coisa é muito bom você ter a oportunidade de... de... fazer um aprofundamento das instituições, porque as instituições são raízes onde a gente coloca a vida. A escola quanto tempo a criança passa na escola né... tanto tempo. Tudo que está na escola está planejado, planejado... e o plano tem objetivo, tem linhas, tem tudo... muito bem dirigido. E... então eu acho que a escola tem uma influência muito forte junto a juventude e as famílias e... naquele tempo além da sociedade está naquela divisão muito forte... é... nós tivemos exatamente, nós estava segurando as rédeas, exatamente no tempo mais difícil... tempo de mudança... graças a Deus. Bom assim... pequenos conflitos em toda parte há, mas conflitos grandes não... e nem com os professores. Fazia reunião com os professores para eles fazerem a compreensão da realidade... é uma graça muito grande.

57. Então vocês orientavam na questão da realidade, aquele contexto?

**Madre:** É... valeu a pena. É... o contexto... éramos com o olhar bem voltado, porque havia orientação da Igreja, não é a igreja local não. Nós íamos para eles, São Paulo, Rio de Janeiro... orientar como comporta-se... e as organizações, a Associação dos Educadores Católicos, e CNBB dos bispos que as vezes a gente participava... tinha muita organizações de orientação. Aí a gente ia para o CRB Conferência dos Religiosos do Brasil. Tinha muitos do sul, muito, muito, graças a Deus.



## TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA COM A EX-ALUNA FÁTIMA ELIAS

1. Inicialmente Fátima gostaria de saber quais as memórias que vem na cabeça da senhora quando fala no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora? Quais as histórias? O que o colégio influenciou na vida da senhora enquanto estudante?

**Fátima:** É... inicialmente... como faz muito tempo... é... que... eu fui aluna, é ex-aluna do colégio, é... não tenho assim... presente, tantas memórias para lhe dizer, porque o período que eu cheguei para estudar em Sousa foi vindo da cidade onde eu nasci né São Francisco, que na época era distrito e... eu tinha concluído a 4ª série primária e lá em São Francisco não tinha mais onde estudar. Aí eu fui pra Sousa, pra poder estudar no Auxiliadora. Então, em termos de memórias e histórias quando fala no colégio Nossa Senhora de Lourdes... no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, é assim de boas lembranças, de... um tempo... que... eu vivenciei, de... muita felicidade porque eu fui para estudar, para continuar meus estudos né... e o colégio Nossa Senhora Auxiliadora pra mim lembra exatamente isso, estudo, trabalho, participação, organização, é... dedicação das irmãs e dos professores com o trabalho no colégio. É... talvez assim... ah, a memória assim mais forte ao lembrar do colégio que foi logo depois que minha mãe faleceu. Eu tinha apenas 10 anos quando fui para Sousa para poder continuar meus estudos. Mas isso é uma memória é... particular né, mas que exatamente foi logo depois da morte dela que eu vim para estudar em Sousa.

2. Em que ano foi esse período que a senhora estudou lá?

**Fátima:** De... mil novecentos... novecentos e sessenta e seis a mil novecentos e sessenta e nove, foram quatro anos. Eu fiz a seleção para admissão, então assim era... como se fosse um vestibular da época, uma seleção muito, muito... é... difícil e eram poucas vagas e eu conseguir ser aprovada e fiz com a admissão a quinta, sexta e sétima série do curso ginásial.

3. Quando a senhora chegou lá era apenas meninas que estudavam?

**Fátima:** Sim, no colégio além das alunas externas, tinham também alunas internas, aquelas que os pais não tinham condições financeiras de... de pagar não é? E que não tinham familiares na cidade e elas recebiam como alunas internas.

4. Assim Fátima, quais influências fizeram a senhora ir estudar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora? Então, a senhora disse que em São Francisco não tinha como continuar os estudos, mas os pais da senhora foi quem escolheu para senhora estudar?

**Fátima:** Eu... como eu disse para você foi um tempo que eu perdi minha mãe né, eu tinha oito e com... onze anos eu já... com dez anos fiz a seleção de admissão e com onze anos fui para estudar no colégio. Fui morar na casa de uma irmã minha que estava... residia em Sousa e foi primeiro um desejo pessoal, que eu queria muito estudar no Auxiliadora, porque era um colégio que na época, era assim o maior da cidade e tido também como o melhor. E como eu sou de uma família muito religiosa, meu irmão na época era seminarista. Ele foi seminarista aqui no Seminário Nossa Senhora Assunção aqui de Cajazeiras, depois foi estudar em Fortaleza no Seminário da Prainha e como tinha um bom conhecimento na diocese, ele falou com Madre Aurélia, que era diretora

do Colégio né, para... se eu poderia estudar... é... no Auxiliadora. E eu fui, eu só fui estudar lá porque ele conseguiu uma bolsa filantrópica. Que realmente meu pai era agricultor e não tinha condições de pagar não é? Um colégio privado, para que eu continuasse meus estudos.

5. A senhora acabou de falar da Madre Aurélia, como era a sua relação com as irmãs e os professores do colégio?

**Fátima:** Como eu te disse, é... foi um desejo meu não é e se confirmou com a... o apoio também de minha família e das irmãs que compreenderam o pedido do meu irmão e eu fui estudar. Então, eu tinha uma... grande admiração pelo trabalho delas, não só das irmãs, mas no trabalho também dos professores, sobretudo de professoras do corpo docente do colégio, é... que... tinha assim o maior empenho, a maior atenção, a maior competência para com as alunas no colégio.

6. Nessa visão que a senhora disse que tinha uma grande admiração, a senhora entendia que suas colegas de sala de aula também tinham essa admiração ou tinha um certo temor pelas irmãs?

**Fátima:** Não, havia assim, um... como nós éramos adolescentes né, havia um grande, pelo menos na minha turma, uma amizade, mas muito respeito com as irmãs. E... eu não lembro assim de... colegas minhas que tinham temor, assim com as irmãs. Claro que algumas alunas se aproximavam mais com a identidade das irmãs. Mas elas eram muito presentes assim na formação é... das alunas e atenção também... que... é... que as alunas né, precisavam. Não só a do curso ginásial, como a gente observava isso no... com as crianças e com as alunas do curso pedagógico.

7. Então desde o início a senhora sentiu a vontade de seguir uma carreira religiosa, de freira, já que estudava num colégio religioso ou não?

**Fátima:** É... como nós participávamos de muitas atividades, que o colégio não se preocupava apenas com o conteúdo das disciplinas, mas nós participávamos de atividades religiosas, de atividades sociais, de atividades fora do espaço do colégio. E eu lembro muito bem, algo que me marcou na minha... na minha... nesses anos que eu estudei no colégio foi a formação dos grêmios estudantis. Por meio dos grêmios estudantis havia toda uma organização das irmãs e das professoras, que também acompanhavam o trabalho delas, como a organização dos grêmios para essas atividades internas do colégio e também externas. Como por exemplo atividades nos bairros mais pobres da cidade. E coincidentemente nessa época, que foi uma época difícil no país, uma época de muita repressão, de muita perseguição, eu... lembro de muitos movimentos que aconteciam no colégio, mas que a gente não tinha ainda essa capacidade de entender o que estava acontecendo né? Mas eram movimentos que tinha haver com o que estava acontecendo no país, em tempos da Ditadura Militar. E mesmo assim, nos grêmios estudantis nós participávamos da formação política através desse trabalho com os desfavorecidos.

8. De acordo com o Regimento do Colégio, diz que os discentes tem seus direitos e seus deveres. A senhora enquanto aluna tinha consciência, sabia dos seus direitos e deveres enquanto aluna daquele espaço?

**Fátima:** Sim, desde da obrigatoriedade do uso da farda, do respeito aos professores, não é? Do respeito aos colegas, então nós tínhamos essa consciência, porque elas explicavam, não só para família, como também para os alunos, dos nossos direitos, mas também dos nossos deveres.

9. A senhora concordava? Seguia todas essas normas corretamente?

**Fátima:** Como eu gostava muito de estudar, e, gostava muito do colégio, do trabalho e da linha de formação das irmãs, então pra mim, eu... não foi nenhum... nenhum problema assim que eu lembre para o tempo que eu estudei lá.

10. Agora de acordo com o ensino e aprendizagem, a Madre Aurélia falou que naquele período a educação era Evangélico Libertadora. O que a senhora pode falar sobre esse ensino que ocorria lá?

**Fátima:** Concordo com o que ela disse. Não era apenas um olhar apenas da religião, mas era uma formação, uma formação é... conteudista não é? Das disciplinas, mas também elas tinham é... essa preocupação com a evangelização, com a formação cristã das alunas, mas numa visão libertadora. De participação com o social não é? Com esse serviço aos que mais necessitavam. E nós tínhamos ações concretas como alunas não é? Através dos grêmios estudantis, exatamente para essa formação.

11. Essas ações sociais e essas atividades eram obrigatórias? Todas tinham que participar?

**Fátima:** Não. Você participava... é claro que elas motivavam a participação, mas não era uma atividade obrigatória, em termos de participar dos grêmios estudantis, das atividades culturais que existiam no colégio né, até como uma maneira das alunas perderem a timidez. E... havia apresentações culturais através de danças, de cantos, de poesias. E... aí não havia essa obrigação na participação.

12. Durante as aulas Fátima, vocês poderiam participar, expor as ideias de vocês? Como era essa relação do ensino e da aprendizagem com relação aos professores?

**Fátima:** É... nós tínhamos essa liberdade, embora muitas vezes não participávamos, ainda pela timidez como eu te falei, não é? E a própria idade, o próprio tempo não era assim... do que se tem hoje numa sala de aula, onde como professora a gente incentiva né, motiva para esse diálogo do professor com o aluno. Mas, é... na medida do possível quando a gente não entendia, perguntava.

13. Quando a senhora perguntava durante as aulas, o interesse que a senhora tinha pelos estudos eram correspondidos pelo ensino dos professores?

**Fátima:** Sim. Como eu era uma aluna estudiosa e como eu tinha uma admiração muito grande pela... pelos professores, então eu acho que isso ajudou até para... esse contato mais próximos com os professores. Até hoje, eu recordo assim de minha professora de língua portuguesa, que ela foi assim... ela era muito exigente, mas uma professora competente e que ela incentivava muito, motivava muito os alunos para leitura e para escrita. Talvez... a minha escolha profissional, de ser professora, eu tenha já a semente, já nasceu no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Como aluna e também nas minhas

participações nos grêmios estudantis. Está não só no colégio, mas também participando de outras realidades e com as leituras que nós fazíamos para a nossa formação política. Embora a gente não entendesse muito o que estava acontecendo, é... mundialmente e nacionalmente, não é? Mas se percebia que não havia muita liberdade. Havia muita censura, os... os professores não tinham essa liberdade, de... ensinar ou trazer para sala de aula aquilo que eles gostariam de discutir com os seus alunos.

14. Então, a senhora mais uma vez frisa que tinha essa vontade, sentia bem em estudar no colégio, né? O que estava sendo trabalhado em sala de aula ia de acordo com o que a senhora queria?

**Fátima:** É. Pra mim houve... uma sintonia né? Não só em termos de aprendizagem formal, como nessa... nessa realidade de professor aluno, aluno professor. É tanto que, até hoje, a Madre Aurélia é uma das minhas grandes referências em termos de educadora. E uma grande amiga que eu tenho, exatamente desse tempo que eu estudei no colégio. É... sai de lá, sem querer, porque meu cunhado foi transferido aqui para Cajazeiras e... como eu não tinha onde ficar, é... eu tive que acompanhar, não é, a minha irmã e chegando aqui em Cajazeiras, eu... concluir o meu curso ginasial no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que era... que era coordenado pelas irmãs Dorotéias, não é? Lá da cidade de Recife.

15. Havia alguma semelhança entre o ensino do Auxiliadora e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes?

**Fátima:** O Auxiliadora... a visão das irmãs, o trabalho de educação era mais nessa visão evangelizadora e também libertadora. As irmãs Dorotéias era um trabalho... pela própria... pela própria... como é que elas chamam? A própria... o próprio lema da congregação, não é? Elas eram mais fechadas. Mais exigentes, no sentido assim de... trabalhar no campo do ensino e do ensino religioso.

16. Com relação as atividades religiosas, como era essas atividades? Havia momentos de orações? De diálogos?

**Fátima:** Sim, tinha momentos, sobretudo ao chegar ao colégio, nas datas religiosas, nas datas da congregação. Se tinha sim a participação na missa, que organizavam para as alunas do... primário, depois do ginásio e depois do pedagógico.

17. Quais as influências que essas atividades religiosas durou, foi passando ao longo do tempo na vida da senhora?

**Fátima:** Como eu te disse, minha família é muito religiosa, não é? E, eu estudei, é... em São Francisco numa escola pública, que era o grupo escolar de São Francisco. Mas, em Sousa e aqui em Cajazeiras, eu estudei nessas duas escolas religiosas e... foram, foram espaços que eu... que eu... me firmei na minha fé, não é? E na minha participação, não só nas orações, mas também nos meus trabalhos no campo do religioso. Como eu já falei, lá eu participava dos grêmios estudantis, que tinha essa ligação muito forte com a igreja da época. E ao chegar aqui em Cajazeiras, eu participei da Pastoral da Juventude. E além da Pastoral da Juventude, participei também de grupos de jovens ligadas a diocese de Cajazeiras, não é? Com o trabalho, não apenas religioso, mas também um trabalho cultural e social na cidade.

18. A Madre fala que havia uma Orientação Religiosa. Então era justamente, ia de acordo com essas atividades que surgia essa orientação?

**Fátima:** Isso. Claro que, é... a presença delas, é... o fato delas estarem a frente coordenando todo o trabalho, então se percebia essa formação religiosa, né? Isso era visível nas ações desenvolvidas na escola.

19. Havia alguma aluna, uma colega ou conhecida que questionava, que não gostava dessa orientação?

**Fátima:** Sim. As vezes... algumas colegas diziam assim: - ah eu não quero participar, eu não to afim... mas também num... não havia uma... uma argumentação ou uma explicitação de porque não queria participar.

20. Havia uma influência de Nossa Senhora com relação ao papel social da mulher naquele período? De seguir os preceitos dela, os comportamentos dela?

**Fátima:** Sim. Porque além de... da figura de Maria como mãe de Jesus, também a figura da mulher né? Como aquela que cuida, que protege, que está presente, que é educadora por excelência. Então, havia inclusive no mês de maio, a participação das alunas. Nós éramos preparadas pelas irmãs para apresentação, não só no colégio, como também na igreja da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios. O colégio faz parte dessa paróquia.

21. Então não havia essa influência do modelo de Nossa Senhora diante do comportamento que vocês deveriam ter no colégio?

**Fátima:** Assim, do comportamento eu não me lembro não. Mas claro que toda essa... essa participação nossa no mês de maio, e... na evangelização que elas faziam, não é? Destacando a figura de Maria, claro que se observava também a... a representação da mulher e da mulher que foi Nossa Senhora.

22. Tinha alguma dessas influências com relação as vestimentas, de como deveriam se vestir, de como deveriam se relacionar com seu próprio corpo? Tinha essa influência?

**Fátima:** Da questão da roupa, sim. Algumas exigências que... hoje né, não se ver muito, em termos de... de roupa, não é? Claro que havia esse cuidado delas, essa exigência delas com o modo de se vestir das alunas.

23. Como era? A senhora lembra?

**Fátima:** Tinha que ser roupa de manga. É... a farda da gente era saia, meia longa... são as lembranças que tenho em termos de farda. E... tinha também a... nossa participação também no sete de setembro, com os desfiles né? Na cidade. Aí havia uma exigência também para a farda de gala, como chamavam. Que era uma farda melhor produzida e que se usava, não é? Para aquela ocasião especial.

24. Quando eu fiz a entrevista com Madre Aurélia, ela falou justamente disso que existia esse cuidado com a roupa, que era manga comprida. E ela disse que algumas alunas questionavam, não gostavam muito e que depois ao longo do tempo foi organizando melhor as roupas. A senhora gostava de vestir essa roupa?

**Fátima:** Eu... como era adolescente, e outra, é... não tinha assim, minha família não tinha muitas condições, não tinha como exibir roupas. Talvez como ela conhecia e trabalhou o colégio, é... como um todo, eu acho que as... as alunas mais jovens, não é? Talvez tivessem essa resistência maior. Mas assim, como adolescente, não era algo assim... que eu... na minha memória, eu traga como um problema, como uma resistência, né? Talvez as do... que estavam terminando o curso ginasial, quem estava no pedagógico, que muitas tinham namorados... eu lembro bem que minha cunhada era aluna lá e conheceu meu irmão... é... lá nas atividades né, de um trabalho das alunas do colégio. Namoraram muitos anos, se casaram. Então acho que já deu mais de... quase cinqüenta anos que eles são casados. E ela foi também ex-aluna do colégio.

25. Com relação às normas e as regras. Como a senhora acabou de falar, a senhora lembra de outras normas e outras regras que tinham no colégio?

**Fátima:** A questão da entrada e saída do colégio. Elas eram muito rigorosas no sentido de tem que chegar ó chegar no horário certo, é... de não estar fora da sala de aula. É.. quando tocava, não é? Que terminava a aula, nós tínhamos que é... seguir as normas, no sentindo de não está passeando nos corredores do colégio, tinha que está em sala de aula. E se a gente quisesse sair antes pra ir para casa tinha que falar com a direção ou com a coordenação. Elas entravam em contato com a família, pra saber realmente se nós poderíamos sair, não é? Antes do horário.

26. Então havia esse controle?

**Fátima:** Ahram, exatamente. A entrada e saída e de está em sala de aula.

27. Então, e regras de sala de aula? Fazer silêncio... havia essas regras dos professores?

**Fátima:** Sim. Ter o seu lugar... de sentar em sala, é... de... fazer silêncio, de... participar. Está presente na aula, né? Como eu te falei, não podia está saindo da sala de aula. Mesmo se você quisesse resolver algo, você tinha que falar com a professora e também com a coordenação de sua turma.

28. Com relação a sala de aula, como era a disposição das cadeiras? Eram em filas?

**Fátima:** Em filas. E as carteiras eram aquelas carteiras, lembro muito bem, pesadas, de madeira... é... eu estudei ainda naquelas cadeiras, carteiras conjugadas... que cabia duas pessoas. É... aí depois foi modificando, e aí começaram a surgir as cadeiras individuais.

29. Nesse período aí Fátima, final da década de 60 e início da década de 70, o movimento feminista vai crescer cada vez mais no Brasil, onde as mulheres vão reivindicar seus direitos de entrar no mercado de trabalho, vai vim a pílula anticoncepcional. Nesse período a senhora tinha lembrança se havia uma discussão sobre esse movimento feminista?

**Fátima:** A gente escutava e... e... as vezes é... ficava escutando as alunas do curso pedagógico conversarem. Quando elas iam fazer alguma atividade, é... então aí que a gente escutava assim, mas sem muita compreensão, sem muita... sem muita... é... sem muito sentido pra nós... porque com doze, treze, catorze anos, não é? Então por

exemplo, eu lembro de um livro que me marcou muito lá, que era, foi leitura obrigatória... inclusive foi na aula de Madre Aurélia, que ela trabalhou O Pequeno Príncipe. Só que ela trabalhou O Pequeno Príncipe é... numa perspectiva filosófica. E aí, a nossa turma gostou muito. Eu lembro que a gente fez um trabalho... é... de... interpretação da obra, não é? E depois nós apresentamos esse trabalho, que ela gostou muito de como a gente fez... e... a preocupação era exatamente com a nossa formação. Agora se já existia assim na... com as outras, com os alunos da... as alunas do curso pedagógico realmente eu não lembro. Mas com certeza, já... já sinalizava algumas coisas, não é? Porque Madre Aurélia era muito... era muito... avançada no tempo. Ela era muito... muito perspicaz e ela tinha assim... é... as pessoas tinham muita confiança nela, pela competência dela, não é? De todo o engajamento dela, não só no colégio, como também na formação política das alunas.

30. E hoje, atualmente, que opinião a senhora tem sobre o movimento feminista?

**Fátima:** Eu acho que... é... é um movimento que historicamente marcou e ainda marca né? A sociedade mundial, como a nossa. Embora com alguns equívocos desse processo, mas eu acho que é um movimento necessário, não é? Para a... própria identidade da mulher. Eu não tenho assim... leituras mais aprofundadas sobre isso, mas admiro o trabalho, participo de atividades quando é... as colegas né... as professoras que fazem parte do movimento, né? E se eu não posso... participar, mas eu contribuo, eu... é... é... sou a favor, porque a mulher ela é, realmente conquistou cada vez mais o seu espaço na sociedade. Não sendo manipulada, mas que participe tendo realmente a sua... a sua.. é... sua grandeza de... de... olhar demais um ser, não é? Que vem para, para juntar as forças, não é? Por uma sociedade mais humana, mais justa.

31. Durante esse período que a senhora estudou, a gente sabe que no período da Ditadura Militar, vai ter escolas que vão ter palmatória, que vão ter castigos. Durante o período que a senhora estudou lá, havia castigos físicos ou castigos psicológicos para os alunos mais trabalhosos?

**Fátima:** Nunca. Nem assim, pelo menos nesses três, quatro anos que eu estudei... não tenho nenhuma lembrança, não é? De ter escutado ou ter visto... esse tipo de ação, não é? De ação educativa entre aspas. Mas lá em São Francisco, lá nas escolas é... acontecia isso. Ficar de joelhos em cima de caroços de milho ou ficar é... encostado na parede, não é? Na sala de aula dando as costas para os alunos, a palmatória. Mas eu mesma não... não... ainda bem não vivenciei essa realidade.

32. Então, se tivesse alguma aluna que desse trabalho durante a aula, ela sofreria alguma advertência?

**Fátima:** Trabalho assim, no sentido de que? Como seria esse trabalho assim?

33. Se tivesse sem prestar atenção, conversando muito durante a aula havia?

**Fátima:** Os professores chamavam a atenção. É.. mas assim casos, se acontecessem casos mais graves, aí seriam levado a coordenação e aí a coordenação faria advertência, não é? Para aluna e depois se fosse preciso para família.

34. Eu conversando com a Madre, eu perguntei se durante esse período havia o ensino de Educação Moral e Cívica. A senhora se lembra?

**Fátima:** Lembro, lembro.

35. Como era? Quem eram os professores dessa disciplina? Era as irmãs ou professor responsável mesmo que tinha formação?

**Fátima:** Mudava, mudava, né? As vezes era uma irmã, as vezes era uma professora leiga, não é? Não havia assim uma rigidez, tinha que ser uma irmã. Mas a disciplina era dada exatamente nessa visão de... de... é da formação moral e cívica, não é? Da aluna. Dentro do que era exigido, é... em termos de conteúdos programado do governo.

36. E aí era mais essa exaltação do amor a pátria, do governo?

**Fátima:** Uhrum. Desde o cantar o hino nacional, o hino da bandeira, é... de... exaltar apenas ou de exaltação ao nacionalismo, a pátria.

37. Diante da convivência com os professores e com as irmãs, havia algum tipo de sinal, gestos que elas faziam que vocês já identificavam o que deveriam fazer? Por exemplo, um sinal para fazer silêncio vocês já conseguiam, assim que fizessem vocês já entendia, compreendiam o que era ou não?

**Fátima:** Eu não... não lembro não. Assim... de sala de aula assim se havia isso. Talvez existisse, mas eu não gravei, não é? Não vou dizer que eu tenha assim lembranças, não é? Dessa forma de... de... controlar ou de chamar atenção ou de... dizer ó não está certo, né? Chamar atenção, mas eu não me recordo.

38. Como era a relação da família da senhora com as irmãs? Era uma relação amistosa?

**Fátima:** Era, assim... primeiro que é... eu, eu era uma aluna que recebia bolsa, não é? Pra poder estudar, porque eu não tinha condições. E como eu não dava trabalho, eu é... eu era estudiosa, então não havia preocupação de minha família com... de está sempre no colégio, nem as irmãs também. Mas era, quando precisava, quando havia uma atividade que a família podia participar, eles sempre iam, não é? E até hoje há uma amizade, não só minha com elas, eu tenho uma grande gratidão por elas, não é? Assim pelo tempo que eu estudei lá, por toda a formação que eu recebi lá, não é? Quando... quando meu cunhado veio embora, o ano não tinha terminado, eu não tinha como sair e elas é... eu fiquei para terminar o terceiro ano ginásial, não é? O terceiro? Não... o quinto, sexto, o sétimo ano, o sétimo ano ginásial, não é? Eu fiquei interna é... pra poder não me prejudicar e vim para Cajazeiras no ano seguinte, fazer o oitavo ano no curso ginásial.

39. Quando a senhora ia para casa havia uma extensão do ensinamento religioso na casa da senhora? Quando a senhora ia para casa da sua irmã?

**Fátima:** Sim, da minha irmã sim. É... porque até hoje, não é? Nós somos né... religiosas e somos católicos e como eu disse, católicos que participam e que participam não só é... de atividades litúrgicas, como das orientações que a Igreja Católica, não é? Coloca não é... que... faz parte da própria, da própria ação evangelizadora.



40. A família da senhora qual o entendimento que eles tinham sobre o papel da mulher na sociedade naquele período? Havia muito aquela visão que a mulher deveria casar, ser dona de casa, cuidar dos filhos...

**Fátima:** Era esse estereótipo, não é? Que elas tinham também, principalmente minhas duas irmãs, mais velhas, que não tiveram a oportunidade que eu tive de estudar. Elas fizeram até o quarto ano primário, lá em São Francisco. Meu pai não... não permitiu que elas saíssem de lá para estudar, não é? E como eu sou a caçula e com a morte de minha mãe eu tive que morar com a minha irmã, não é? Aí eu já... a minha... as minhas opções foram diferentes das opções delas. Mas a visão delas era exatamente isso, de, de... é se casar, ter filhos, cuidar do marido, cuidar da casa, né?

41. A senhora entende que naquele contexto da sociedade havia essa visão predominante do papel social da mulher?

**Fátima:** Sim, da mulher era esse. Era, era. Ia tanto que muitas, muitas colegas minhas, não é? Quando eu me encontrava depois com elas e elas admiravam, porque eu estava estudando, porque eu não tinha me casado ainda, né? É... porque elas já tinham filhos e muitas não trabalhavam nem fora de casa, só como doméstica. Terminaram o curso pedagógico, e ali terminaram logo se casando.

42. E no colégio a senhora percebia que era uma visão diferente ou continuava com essa visão de que a mulher tinha que se casar, cuidar bem da família?

**Fátima:** Elas, elas se percebia no discurso delas, não é? Que elas valorizavam muito essa, essa, o estudo da mulher e também o casamento. No sentido da mulher não só estudar, trabalhar, mas também se casar. Havia essa... essa... preocupação delas. Mas também não era algo impositivo. Elas já compreendiam que a mulher deveria participar dos diferentes setores da sociedade. Deveria também trabalhar. É tanto que elas... na década de 70, elas nem hábito usavam mais como irmãs. Elas já usavam, não é? É... roupas mais compostas, mas que não era definido como um hábito, como uma farda, não é?

43. Como a senhora se sentia diante desse contexto? A senhora tinha um entendimento do que a senhora queria enquanto mulher? Se a senhora queria casar, queria continuar os estudos?

**Fátima:** Na época eu só queria era estudar. Meus sonhos eram muito altos. Só queria estudar e queria trabalhar e viajar. Assim... é... Cajazeiras, não é? Minha determinação, não é? Que nada foi fácil, pra mim, pra poder sobreviver eu tive que trabalhar. Aos treze anos aqui... aos quinze anos aqui em Cajazeiras, quando eu cheguei para estudar no Nossa Senhora de Lourdes. Eu estudava e a tarde trabalhava lá e... trabalhava já pra ganhar é... no final do mês, né. Não era um salário, mas já recebia para minha sobrevivência. Então, muito cedo eu tive que tomar conta de mim e... e... buscar realizar minhas utopias.

44. Diante desse contexto do período da Ditadura Militar, havia uma orientação dos professores nesse período? Havia uma discussão?

**Fátima:** Lá no colégio? Sim! Sim. É... nós fazíamos as reuniões. Como eu te falei, as vezes a gente não entendia muito em âmbito nacional, no mundo o que estava acontecendo. Mas nas leituras que nós fazíamos e... o que a gente escutava de muitas... de muitas irmãs, de muitos professores já engajadas. Eu lembro de muitos padres, que faziam parte da diocese e aqueles padres mais progressistas, eles participavam de muitas reuniões no colégio. E isso era... era muito visível e muitas alunas do curso pedagógico, muitas professoras e as irmãs também participavam, né? E nós fazíamos muitas leituras para essa formação política, de conscientização.

45. Na entrevista que eu fiz com a Madre, ela falou que os padres eram muito perseguidos nesse período, porque eles eram muito relacionados com os movimentos sindicais dos operários que tinham em Sousa. E ela falou muitos padres se hospedavam lá.

**Fátima:** Uhrum. Tá vendo do que eu falei! Então, eu não tinha muita, eu não tinha uma compreensão, uma nitidez. É... dos porquês disso daí, mas era visível. E... muitos, muitos desses padres, eles davam... sim tinha os retiros, eles pregavam o retiro pra gente. Não é, assim um dia de... de oração, de formação. E sempre ela convidava esses padres que participavam de lá, né? E eu lembro que era assim, orientações muito, muito... é... avançadas para as pessoas e o tempo que a gente vivia. Então agora você me diz que realmente eles participavam de movimentos sindicais, da pastoral da Terra, não é? Talvez, que a gente não tinha esse entendimento e essa compreensão.

46. Ela disse que sentiu que foi um momento muito difícil, que muitas das vezes ela disse que não foram perseguidas justamente porque ela disse que soube viver bem aquele período. Porque ela disse que havia prisões, havia muita perseguição com os padres, tanto que os padres iam para o colégio dormir lá, porque o colégio não era visado pela policia. E ela disse que foi um período bem difícil, mas que ela soube, eles souberam viver bem aquele período para não criar atrito nem conflito, nem prejudicar as alunas, nem os pais.

**Fátima:** Mas havia movimentos assim de que se percebia que elas estavam receosas, não é? Que algo acontecesse, não é? E... sempre a gente ficava observando que era em relação a esse trabalho com esses padres, que estavam mais a frente, não é? Da diocese. Eu lembro que é... em Sousa... o pároco da Bom Jesus? Não é Bom Jesus? Era um padre holandês, um padre Lanbertos e padre Lanbertos era um padre muito, muito engajado nos movimentos sociais e nos movimentos religiosos, no sentido da religião, de uma evangelização libertadora. Como são chamados hoje de uma igreja progressista, onde padres é... é... progressistas, né?

47. Então como a senhora falou, a senhora percebia que havia formas de censura, de repressão, diante daquele cenário. Então a senhora vivenciou esse período e o que a senhora entende hoje desse período?

**Fátima:** Ah como eu falei, talvez toda a minha participação aqui no Juca, inclusive foi um grupo de jovens coordenado pelo padre Gervásio Fernandes de Queiroga, que o cajá fazia parte. Daqui ele saiu pra trabalhar em Recife. Lá foi ser assessor de Dom Élder e como não pudera prender, na época Dom Élder, prenderam o Cajá. É... e nessa época eu também fazia parte da Pastoral da Juventude, tudo coordenado pelo padre Gervásio. E a linha dele era exatamente essa linha da conscientização, da co-responsabilidade. Aí logo

depois fui ser professora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, depois fiz o concurso pra cá, é... e aqui... também fiz o curso de pedagogia. E o curso de pedagogia da primeira aqui da UFPB. Foi um curso assim... que... é... me fundamentou no campo da visão dessa educação... é... comprometida, conscientizadora, porque eles tinham como é... como leitura básica, como fundamento básico Paulo Freire e todos os educadores que tinham uma visão da educação como esse espaço de libertação, esse espaço de conscientização, é de compromisso com a... a... mudança social. Aqui participei das PECs, participei da ADUC, participo ainda hoje dos movimentos que a universidade, que a gente consegue se organizar e participar.

48. E hoje, como a senhora entende o período da Ditadura Militar?

**Fátima:** Como... um período assim... é... que me deixou muitas marcas, é... não só como cidadã, mas também, eu lembro no meu curso de Letras, quando eu fiz nos anos 70, não é? Assim, um curso... curso muito... muito vazio nessa parte da formação, da formação docente, em termos de compreender a realidade do país. Era tudo muito, teorias muito idealistas, teorias muito distantes da realidade nossa, não é? E... essa, essas lacunas na minha formação do curso de Letras, eu atribuo muito a censura, a falta de liberdade, ao controle. É... como professora, aluna e professora na época, em que eu fazia parte desses grupos de jovens, jovens né? É... muitos pais do colégio achavam que era subversiva, porque eu participava desses grupos da pastoral, também participava de reuniões em João Pessoa, em Recife, em Olinda e... essa, essa falta de liberdade realmente tolhe e ceceia a nossa, a nossa participação cidadão, né? Eu acho que foi um período muito triste, e... e... com tantas cabeças pensantes que foram assassinadas, torturadas, exilados, não é? E que o Brasil tem que ter o conhecimento e a memória desse período, para não repetirmos, não é? Em outros momentos. Eu acho que nós perdemos muito da... nossa... da nossa identidade, exatamente pelo controle, pela censura, não é? E por tudo de ruim que aconteceu naquele período. Eu digo sempre aos meus alunos em sala de aula: só quem viveu é... compreende e... quem foi vítima desse período é que sabe a dor que é não ter liberdade, não é? De ser uma ditadura.

49. Bom para finalizar Fátima, quando a senhora estudava, quais as profissões que a senhora tinha em mente? Ou a senhora sempre pensou em ser professora?

**Fátima:** Primeiro eu queria ser psicóloga. Porque é... eu tinha esse pensamento. Mas como minhas condições financeiras da minha família, eu vi que não tinha como sair daqui na época, porque não existia aqui, não é? Hoje você tem como até escolher se quer uma escola, um ensino superior público ou privado, não é? Mas na época não existia essa oportunidade. E aí, como eu falei esse trabalho de formação como aluna do Auxiliadora em Sousa, depois com a minha formação pedagógico aqui e da Pastoral da Juventude, eu fui... descobrindo e traçando que a minha identidade realmente era ser professor. E eu acho que, eu acho não, eu acertei, porque eu sou professora por paixão, ainda hoje realizada e feliz... por está é... no espaço da sala de aula ou em qualquer atividade acadêmica, não é? Não é só porque estou na universidade, não. Eu fui professora do colégio Comercial aqui e fui durante 9 anos professora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, porque eu fiz o concurso na época, para, década de 70, para o estado, mas porque eu trabalhava na pastoral da Juventude e a gente tinha toda uma identificação com a igreja na ala progressista, né? Com toda essa ligação com Recife, com Jeriquiti, com a Pastoral da Juventude. Então, nunca fui contratada para trabalhar nas escolas públicas. Aí só me restou para sobreviver o convite que eu recebi para

trabalhar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, já cursando Letras. Fui ensinar língua portuguesa da 5ª a 8ª, é... depois com dois anos elas me convidaram pra eu ensinar também no curso pedagógico. Aí na década de 80 fiz o concurso pra cá, e passei no primeiro concurso de 81, logo depois que a UFPB campou a FAFIC e... aqui entrei como graduada para o curso de Letras, e saí pra nas minhas férias de janeiro e julho para cursos de especialização. Fui para Belo Horizonte, porque aqui não existia. É... os que existiam Campina, Crato, João Pessoa, era no período das aulas. E eu não poderia me ausentar, não é? Para cursar especialização. Aí fiz Belo Horizonte, depois cursei o curso de pedagogia, e aí... cada vez mais fui me firmando como... como professora e como educadora na formação dos jovens.

## TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA COM A EX-ALUNA FÁTIMA MANGUEIRA

1. Inicialmente, quais as memórias e a história que a senhora tem quando fala no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora? O que a senhora lembra que foi marcante para senhora enquanto estudante daqui?

**Mangueira:** O que mais marcou foi o primeiro dia quando eu cheguei aqui, que eu me senti assim muito bem acolhida. Inclusive assim, quando eu vim fazer a matrícula, eu fui convidada assim... pela diretora Madre Aurélia a ficar com ela na sala dos professores, e já, eu como aluna né? E já serviu o café. Lembro como hoje assim a satisfação que assim, elas, as irmãs sentiram com a nossa chegada. Foi eu, padre Mangueira, uma irmã minha. E assim foi muito, muito, eu me sentir muito bem acolhida e eu acho que isso ajudou muito, assim minha chegada. Eu já cheguei no... no, para fazer o segundo ano pedagógico, aqui na escola, porque eu morava no Ceará e fui convidada por padre Mangueira a morar aqui e fazer o curso pedagógico. Eu gostei muito assim. O primeiro dia marcou, marcou muito a minha chegada e no decorrer do curso foi assim, muito bom, porque eu na realidade, eu tinha muita vontade de ser professora, porque quando eu era estudante assim de oitava série, sétima série, eu já tinha uma escolinha particular assim, pra ensinar como se fosse reforço. Não era reforço não, mas eu abri para os meninos da minha rua. Meninos de sete anos, de oito anos e eu já tinha essa, uma vocação por escola. E então quando eu cheguei aqui só somou né, essa vontade que eu tinha e assim, o que a escola oferecer. Eu me sentir muito em casa, aqui eu... nada pra mim foi assim, estranho. Eu me sentir em casa mesmo. A acolhida das irmãs, as funcionárias da escola... parecia que eu já era da escola. Me sentir muito bem.

2. Foi em que período que a senhora começou a estudar aqui?

**Mangueira:** Eu comecei em setenta e... sete. Eu fiz setenta e sete e setenta e oito. Mil novecentos e setenta e sete eu fiz o segundo pedagógico e o terceiro eu fiz em setenta e oito.

3. A senhora veio estudar aqui por influência de alguém?

**Mangueira:** Foi. Assim, as condições da família. Eu sou de uma família de dez irmãs, de pai agricultor e uma mãe costureira, que costurava dia e noite pra sustentar a família e então minha irmã Maria do Carmo já tinha vindo pra cá, porque nós somos sobrinhas de padre Mangueira. E então padre Mangueira trouxe Maria do Carmo e depois me trouxe. Quando eu estava, eu fiz o primeiro ano, que chamava primeiro ano básico, né? Que era segundo grau. Aí padre Mangueira disse: - então Fátima agora vai, vai pra Sousa e eu vou ajudar no que eu puder. E assim, eu, eu seguir né, aceitei o convite e assim, até o hoje né? Então hoje eu entrei aqui no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em setenta e seis e ainda hoje estou, né? Terminei meu curso... quando eu fazia o terceiro ano pedagógico, eu já tinha uma sala de aula. Certo... assim, as irmãs achavam que eu muito desinibida, muito... já ajudava muito e então elas me deram uma sala de aula. Eu já comecei a ensinar o terceiro ano, que chamava antigamente primário e fazia o terceiro ano pedagógico, né? E depois, no segundo semestre dois mil e... mil e novecentos e setenta e oito, eu também comecei a ensinar ciências no sexto... no quinto ano, que antigamente chamava quinta série, hoje é sexto ano, né? E então, eu, eu dava

aula de manhã no terceiro ano, a tarde eu estudava o pedagógico. Quando era na hora da aula do quinto ano, da quinta série aula de ciências, então eu saía de farda e entrava na, em sala de aula. Quando chegava alguém não sabia quem era a professora, quem era aluna, porque minha farda era igual dos meninos, sabe... então eu já ensinei, comecei a ensinar antes de terminar o pedagógico.

4. Quando a senhora veio estudar, os pais da senhora gostavam? Queriam? Aceitaram?

**Mangueira:** Queriam demais. Porque sabia assim, que era uma nova perspectiva, né? E isso foi tão provável que quando eu terminei o pedagógico, que eu já ensinava aqui, aí eu fiz o concurso do estado, passei, aí eu tive a oportunidade de trazer meus pais pra cá. Aí eu trouxe a família pra cá, até hoje. Então, assim, eles queriam demais, me deram muita força, porque precisava, não é? Família toda era assim, carente, precisava da, de, de um vô, mais, mais alto e eu acho que dei o primeiro passo, né? A gente é pobre, né? Mas a gente nunca perdeu a identidade de uma família unida, uma família religiosa, sabe assim, muita fé... a gente até hoje, a gente vive assim nessa união. Os que casaram ainda, os que já foram embora, outros foram para São Paulo, João Pessoa, mas assim a base mesmo está aqui.

5. Com relação ao período com a senhora enquanto aluna daqui. Como era sua relação com as mães e com os professores?

**Mangueira:** Era muito boa, assim a relação, porque criou um laço de amizade. Por eu ser cearense e todas elas cearenses, então a gente se identificava muito. Eu era tímida, era assim, boba, mas eu me identifiquei muito com elas. Até hoje, né, eu tenho amizade assim né e um gesto de gratidão muito grande pelas irmãs, como Madre Aurélia, Irmã Iraíldes, Irmã Francisca, Irmã Tavares, depois Irmã Alderice, a Irmã Irene em memória, assim elas me acolheram e eu me sentir assim muito bem acolhida. Sou muito grata, muito grata mesmo. Eu sei, assim, que eu conseguir profissionalmente, tudo foi graças a essas irmãs daqui, Família Teresiana, né? Toda a Congregação, eu conheço uma boa parte, a maior parte das irmãs da Congregação, que eu tenho um carinho muito grande por elas.

6. Com relação aos professores? Sua relação com os professores?

**Mangueira:** Também assim muito... uma relação boa, porque quando a gente chega assim no pedagógico, aí aquela vontade de, né, de aprender aquelas metodologias pra ensinar, então eu tinha muita, muita assim, afinidade com os professores, sabe. Gostava de todos, todos gostavam de mim. Assim, a gente tinha uma turma muito boa, as colegas eram formadas assim um grupo muito bom. E a gente tinha assim, eu tenho lembranças boas assim de bons ensinamentos, muitas coisas que a gente soma na aprendizagem e assim, eu devo a esses professores. Eu acho que eu me identifiquei com alguns deles, gostava muito de língua portuguesa, né, eu gostava, aí por eu gostava das professoras, acredito né? Eu não esqueço assim as professoras, o jeito de ensinar, como elas faziam assim pra... passar aquele conteúdo. Então eu aprendi muito, aprendi muito mesmo.

7. Com relação à relação da senhora com as mães, a senhora acha que isso era visto como algo de admiração ou algumas alunas ou até a senhora, tinha algum medo ou temor por elas?

**Mangueira:** Não, temor não, a gente tinha respeito. Existia assim muito, muito respeito. Não era mais essa questão do temor, porque quando a gente vem, a gente sabe, né, a gente já sabia como era filosofia da escola, uma escola religiosa. Então tinha tudo assim, uma organização e a gente respeitava né e sabia que tinha que ser daquele jeito. Então, a gente respeitava, não era nem medo, era mais respeito. A gente tinha essa, essa ligação né, de amizade, mas uma amizade com respeito.

8. As colegas da senhora também tinham essa visão?

**Mangueira:** Tinham, mas assim, eu me sentia mais, mais em casa sabe, mais do que elas, né. Eu sempre, a mãe sempre né, tava mais presente e até porque assim, já existia uma amizade entre Mãe Aurélio e pai Mangueira, porque pai Mangueira quando chegou aqui em Sousa, ele fazia refeição na casa das irmãs. Então ele era como um de casa e quando a gente chegou, assim foi chegando a família, Mãe do Carmo minha irmã, eu e mais alguém da família, então já, como ela já conheciam a base, aí foi mais fácil essa, essa relação. Sabe assim, era uma relação quase familiar mesmo, é como se a gente fosse da mesma família, mesma linhagem. Mas isso não, não despertava e nem causava assim, vamos dizer assim, ciúmes por parte de colegas. Não tinha isso não. Elas sabiam, assim... a gente se conhecia e não existia nada de... assim de ciúmes, de achar que as irmãs, né, tinha mais proximidade comigo, que eu me aproximasse mais com elas, não. Era uma coisa natural, porque eu, é diferente hoje né? Os alunos assim hoje são mais é... são mais distantes, tem mais vergonha dos professores, é... e a gente não. Antigamente a gente tinha mais essa, essa proximidade. Muito mesmo.

9. De acordo com o Regimento do colégio diz que os alunos tem seus direitos e seus deveres. A senhora sabia os direitos da senhora, os deveres enquanto aluna?

**Mangueira:** Sabia assim, porque a gente já ia recebendo orientação. Por exemplo, em casa, quando é de uma família assim como a minha, mais exigente, de querer é... mostrar assim né, dizer assim: - olhe tem que ter cuidado com o comportamento, uma moça se comporta assim, né? Essas orientações. Então a gente já tinha na base familiar e quando a gente chegava, chegou por exemplo, quando eu cheguei aqui na escola... hoje não, hoje a gente tem, vamos dizer a gente tem informativo que diz quais os deveres da gente e quais os... os direitos, né? Eu tenho aqui uma, uma folha do caderno... mas antigamente não tinha assim por escrito, mas quando a gente chegava a mãe já dizia as normas da escola: - Nós temos normas assim em relação a horário de chegada, horário de saída... Quem era interna sabia que... aí era mais, mais rígido, porque morava aqui no colégio, que aqui tinha as internas. Então era moravam e tinha um regimento diferente. Não era, não podia sair a hora que quisesse não. Tinha uma regra. A gente não. Quem tinha suas, suas família pra morar, então a gente chegava na hora certa e saía na hora certa. As internas eram que continuava. Então, como tudo tem regra né, tudo tem norma, a escola tinha também e a gente... como a gente procurou uma escola de... assim né religiosa, a gente já sabia que tem seus limites. A gente procurava sempre cumprir, cumprir com as normas, com essas regras.

10. Com relação a essas normas e regras, quais eram as principais que sempre era enfatizadas pelas mães? As principais normas?

**Mangueira:** Era... a questão assim de... né horário de chegada e saída, o fardamento, porque o fardamento ele vinha é... padrão, tamanho padrão. Por exemplo, quando eu

cheguei aqui, no ano que eu cheguei mudou a saia. A saia era toda preguiadinha, uma atrás da outra. Mas quando o ano que eu cheguei ela mudou pra uma sainha justa, com umas preguinhas na frente. Então ela tinha um tamanho. Não podia ser mais do que quatro dedos acima do, do joelho, né da rotula. Então se fosse, ela... tinha uma irmã, e a gente gostava muito dela, ela era bem exigente, irmã Irene, ela era quem media o tamanho da saia. Assim né, mas a gente sabia. Então, minha mãe como gostava de cumprir, ela já fazia uma saia no tamanho certo, né? Agora tinha meninas não, que elas faziam, mas elas enrolava o cóis da saia pra chegar bem curtinho ou sair na rua com a saia curta. Mas assim, eu nunca tive esse, muito problema não, porque eu, eu... eu achava que tinha que ser daquele jeito. Eu achava que tinha. Eu e minha irmã a gente nunca teve esse problema, a gente vestia a saia cumpridinha mesmo, do jeito que era, que mandava o figurino, o tênis tinha que ser também todo preto. Não é como hoje, você observar aí você ver tênis de toda cor. E aí é porque a gente é em cima, porque a madre nova, ela quer que seja tudo preto, mas nem sempre a gente consegue hoje. Mas antigamente tinha que ser a minha branca e o tênis preto. Assim, não viesse com o tênis preto, não poderia assistir aula. E a gente ia se acostumando com essas regras, né? Porque isso eu acho que é bom até pra vida da gente, o dia a dia. Quando a gente é acostumado a cumprir regras, a gente não quer sair fora, né? Aí até mesmo, por exemplo, sala de aula quando eu passei a trabalhar em sala de aula, então fazia a mesma coisa, né? Tinha os alunos que cumprir, cumprir com atividades, é... a questão assim né, dos direitos, a gente tinha claro quais os direitos do aluno... tinha direito a estudar, tinha direito a pesquisar, direito a biblioteca, direito de fazer, vamos dizer, de... como é que a gente diz assim... até assistência de professor. Por exemplo, se a gente precisasse de assistência do professor extra sala, os professores eram mais disponíveis, porque hoje professor é como táxi, né? Ele tá aqui agora, daqui a pouco tem que ir pra outra escola, tem que ir pra outra. E assim, uma correria e antes não. Antigamente, o professor tinha mais tempo na escola. Então a gente tinha esse, essa abertura. Muitas comemorações boas, que eu sinto falta hoje, né. Até organizado mesmo pelas irmãs, pelos professores que ajudavam muito. A gente tinha mais na época professor, professora né, do sexo feminino. Porque quando eu cheguei aqui não tinha aluno do sexo masculino, né, era só mulher. Mas no terceiro ano pedagógico entrou um homem pra fazer o pedagógico... chamado Jorge Delfim. É... aí ele, foi que quebrou a regra, né? Então o colégio foi abrindo. Aí começou a abrir pra o primário, que chamava primário né, que hoje é fundamental, do primeiro nível. Aí começou né a... o filho da minha coordenadora, ela, eu tenho a coordenadora né, ela professora e tinha a coordenadora. Então ela foi o primeiro filho né... o primeiro aluno homem foi o filho dela no primário e assim foi. Então já foi tendo uma abertura. E a partir daí foi criado mesmo assim, vamos dizer, os códigos de regras, porque já ia né, infiltrando uma nova, uma nova geração... uma geração masculina, que até é, pra trabalhar com feminino é mais, era mais fácil, porque as regras eram mais comuns né? Então quando começa a entrada homem, aluno homem, então já mudou um pouco. Mas Madre Aurélia era muito aberta a isso. Ela mesmo organizava os codigozinhos de sala, horário, cumprimento de horário, questão de respeito ao professor, respeito aos colegas, tudo isso ela passava. Então, era mais fácil, eram menos alunos. Hoje é que a gente tem mais de mil e seiscentos alunos aqui na escola. E aí não é fácil, porque nós temos do nível de educação infantil até o ensino médio e antes era uma turma a partir da alfabetização. Uma alfabetização do primeiro ano, do segundo, então quer dizer eram poucas turmas. Era, era uma coisa mais fácil, o colégio era bem menor... agora não, tá todo reformado. Você nunca estudou aqui não, né? Todo reformado, porque só era uma sala de aula de cada. Hoje nós temos quatro salas de cada, né? Aí... muda, as coisas mudas e a gente tem que se adaptar de acordo



com o tempo, né? É uma tecnologia super avançada que você né, pelo... você já sente uma diferença, por exemplo, de quando você fez o primeiro ano fundamental I pra o, a faculdade, né? Quer dizer, a diferença é muito grande de uso de, de tecnologias, né? E no meu tempo não tinha tecnologia. No meu tempo era alto seriado, não tinha projeção né? Os professores trabalhavam muito. Eles assim, muito mais, porque eles tinham que preparar tudo. Hoje há uma facilidade. Hoje você pega um celular e, você tem um aplicativo da editora, como da editora Moderna, que a gente tem uma parceria. Então, até os alunos podem abrir na hora da aula. Daqui a pouco a gente vai receber a... a... assessora da editora Moderna, ela vai passar de sala em sala, porque ela já passou para os alunos o aplicativo, uma senha pra cada aluno, uma senha individual. Quer dizer isso é uma facilidade muito grande, né? Porque a maioria dos alunos hoje tem um celular. Não traz pra escola, mas em casa eles podem utilizar. Abrir uma plataforma, né, estudar pela plataforma, pesquisar. Isso é... isso é tudo, né? Assim, hoje a tecnologia ela facilita muito é, o trabalho do professor e também assim, pra quem sabe usar. Porque muita gente, um aluno as vezes pega o celular e não sabe usar. Ele vai usar pra outra coisa, desvirtua né? Mas... faz parte né do dia a dia, eu acho. Eu não sei se estou atendendo a sua... expectativa.

11. A senhora falou um ponto muito interessante que a senhora estou e ainda tinha o ensino só de meninas. Então, quando a senhora chegou no segundo pedagógico, no ano de setenta seis, ou setenta sete...

**Mangueira:** Setenta e sete, aí teve a, já entrada de um aluno do sexo masculino pra fazer o pedagógico.

12. Mil novecentos e setenta e sete?

**Mangueira:** Setenta sete.

13. Então o colégio foi fundado em cinquenta e oito e até setenta sete estudando só meninas?

**Mangueira:** É... só era aluno, alunas, só meninas. Teve um período que era só pra internas, essas meninas que não tinham... por exemplo, a gente é... é... mulheres hoje de Nazarezinho, São José da Lagoa Tapada, que estudaram aqui nesse regime de internato. Elas moravam aqui, né, os pais traziam uma ajuda de custo, não pagavam a escola, mas trazia. Quem é agricultor, trazia o arroz, o feijão e já ajudava, certo? Aí depois foi que foi recebendo alunas, que queriam, desejavam mesmo. Aí os pais começaram a trazer. Eu não sei, eu não sei se você sabe que antigamente as escolas que existiam era escola de padres e freiras. Era seminários pra rapazes, que... né, era só rapazes e ainda hoje os seminários são só masculino e existia colégio só pra as meninas. Então aqui era uma dessas escolas, certo?

14. Com relação a atuação da que a senhora falou Madre Irene, Irmã Irene, que ela era como se fosse funcionária da disciplina.

**Mangueira:** Era da disciplina. Ela era da secretária e da disciplina. Ajudava na disciplina.

15. Como era a relação de vocês alunos com ela?

**Mangueira:** Também muito boa. Inclusive assim, ela é... eu passei assim, talvez, uns sete ou oito anos de convivência com ela. E, eu lembro demais. A gente entrava por aqui, ela trabalhava na parte da secretária, que é aqui. E quando a gente chegava a noite cedo que eu, teve um período de pedagógico que era a noite, aí a gente sentava. Eu me sentava na janela com a outra colega que vinha comigo, irmã Irene ficava do lado de fora. E a gente conversava muito, altos papos. Mas assim, ela foi acometida por um problema e faleceu, faz uns sete anos ou oito anos que já, que eu estava aqui. E a gente sentiu muito a ausência dela. Muito mesmo, porque foi assim, muito rápido. Ela adoeceu dez horas da noite, de madrugada, já faleceu. Então pra gente foi um choque muito grande. Mas eu guardo boas lembranças dela assim de... é... de... uma pessoa muito disciplinada, muito organizada, parte de secretária ela ensinava a gente a parte de secretária, porque a gente podia fazer assim, vamos dizer. Ela chamava Mangueirinha, ela me chamava de Mangueirinha, todo mundo aqui na escola me conhecia como Mangueirinha, né, que era Fátima Mangueira. - Mangueirinha vamos? Hoje você está livre tal aula? Tô! Então vamos me ajudar aqui! Mas sabe o que era o objetivo dela? Era fazer com que a gente também, não aprendesse só a parte de pedagógico da escola, mas que a gente também aprendesse um pouco da parte burocrática. Aí ela dizia é... era no tempo de maquina datilográfica. - Ó bate isso assim, assim... as vezes era uma declaração, aí eu já tinha o curso de datilografia, que eu tinha feito no Ceará. Aí ela - vamos treinar? Ela me botava pra treinar. Quer dizer a gente tinha uma, uma certa assim, afinidade né. Porque era mais fácil, eu conversava com ela, ela conversava comigo, ela andava lá em casa e tinha já assim essa facilidade de comunicação, de relação.

16. Então, ela fazia alguma exigência com vocês alunas?

**Mangueira:** Não. A exigência era só essa quanto a farda. Como ela trabalhava na disciplina, era quanto o uniforme. Era pra ser impecável mesmo. Ela ensinava até a gente, porque na farda tinha umas preguinhas só na frente, eu já disse a você que foi trocada no ano que eu cheguei. Aí ela ensinava como é... organizar. Aí ela dizia: ó, a saia tem que ser assim, essas preguinhas assim alinhava ou botar alfinete e bote debaixo do colchão da cama. Lembro demais quando ela dizia isso, porque alias ficava como uma roupa prensada, não desmanchava de jeito nenhum aquelas preguinhas. Aí ela dizia: ó, bote desse jeito e bem arrumadinho debaixo do colchão da cama, quando no outro dia você tira pra vestir. Ela ensinava umas coisas práticas do dia a dia sabe? Tinha essa, esse jeito dela, esse carinho e assim, e... qualquer pessoa da escola, aluna, que quisesse aprender, na convivência, no dia a dia, ela só nas conversas, ela já passava ensinamentos pra gente. Ela tinha assim a, um dom de... sabe, de passar ensinamentos. E era muito bom assim. Eu mesmo lembro demais, bebi muito dessa fonte.

17. Com relação ao ensino. A senhora lembra como era o ensino?

**Mangueira:** O, o pedagógico, ele era diferente de hoje, vamos dizer assim do Ensino Médio de hoje. Ele é segundo grau né? Então antigamente o pedagógico ele é... como a gente diz... é profissionalizante. Então quando eu cheguei, aí eu, eu peguei poucas disciplinas, vamos dizer básicas, como português, matemática, porque eram poucas aulas. Porque a gente tinha mais era a parte que chamava de didática. Era a prática pra ensinar as crianças tanto português, matemática, chamava metodologias. Ai eu tinha uma professora de metodologia de matemática, que era Irmã Iraíldes, metodologia da linguagem, que era Irmã, era... Irmã Francisca era de história e geografia, e cada uma,

cada freira. Quando não tinha a freira suficiente pra cada metodologia, aí elas contratavam professoras boas da escola, como a professora Lisbert, a irmã de Lurdinha Rodrigues, aqui da faculdade daqui do centro, daqui. É... aí professores assim excelentes. Então a gente estudava as metodologias. Era metodologia da linguagem, era pra gente aprender, aí a gente fazia uns álbuns bonitos ensinando os meninos a alfabetizar a criança, os conteúdos de primeiro ano, de segundo, terceiro até o quarto ano, que antigamente era até o quarto ano. Então a gente aprendia essas metodologias. Todas as disciplinas tinha metodologia. Aí o que era que tinha mais além disso? Não tinha a matemática que estuda hoje no Ensino Médio, português que ensina hoje, a literatura que ensina não tinha. O pedagógico só ensinava as disciplinas básicas pra quem fosse fazer um vestibular, né, que tinha que estudar muito e as metodologias. E tinha filosofia, tinha Educação Moral e Cívica, que era quase igual a filosofia, tinha psicologia, que a professora era Madre Aurélia, psicologia da educação, os dois anos eu estudei com Madre Aurélia, porque ela é psicóloga. Então ela tinha assim e ainda hoje tem uma capacidade enorme. Não tem, desconheço uma pessoa pra ter mais habilidade de psicologia assim pra ensinar, pra passar pra gente... né atender as crianças. Madre Aurélia era nota dez. Aí isso, a gente tinha essa disciplina, certo?

18. Durante o período que a senhora estudou aqui, podia participar da aula? Interagir com os professores?

**Mangueira:** Podia, podia, podia demais. E... assim, era muito aberta. Cada, cada professor ele, inclusive a gente tinha que estagiar também. Por exemplo, como era metodologias, a gente tinha que ir na própria aula tinha... aula, vamos dizer aula teórica e a outra aula já era aula prática. Tanto a gente tinha que preparar, ela dava os temas, os professores davam os temas, a gente preparava a aula, o conteúdo e preparava o material. Aí a professora de cada metodologia era quem corrigia pra saber se estava certo, certo? Então a gente tinha assim essa, tinha essa interação, tinha que ter. Tinha um dia, aí quando a gente começava a estagiar em sala de aula... a estagiar em sala de aula, aí tinha que fazer, aí tinha o caderno de planejamento, a gente preparava todo desenvolvido o planejamento. Irmã Iraíldes era a coordenadora geral, aí ela era quem, quem corrigia e era bem exigente, né? Tinha coisa que ela dizia: olhe, isso aqui não está bom, melhore esse objetivo, porque esse objetivo geral é, deixou a desejar. Então era assim, a gente ia fazendo, mudando que era pra poder, né, atender a, a expectativa da professora, né?

19. Aí tinha nesse contexto que a senhora está explicando, a senhora tinha muito interesse em está em sala de aula, em aprender?

**Mangueira:** Sempre, sempre e sempre. Tinha que ter, né, que era uma futura professora... e assim logo quando, e eu já disse a você que quando eu, eu no... em setenta e oito eu já comecei a ensinar aqui, né. Então, tinha que ter toda essa vivacidade, né? Procurar interesse por pesquisa, tudo a gente tinha que ter.

20. E, esse interesse que a senhora tinha era correspondido pelos professores?

**Mangueira:** Era, sempre e sempre. Ainda hoje quando a gente se encontra, né, os professores, a gente relembra, né?

21. Agora com relação ao cotidiano aqui no colégio, havia momentos de oração por ser um colégio religioso?

**Mangueira:** Havia mais do que hoje. Era mais fácil, né, é... a gente se encontrar. Sempre tinha missas, sempre tinha momentos de oração, e... assim, eu fazia parte da equipe, vamos dizer, da liturgia certo, das missas quando tinha. Então existia um grupo na minha sala, na minha turma, que já, toda missa que tinha então a gente vinha pra cá em outro horário ensaiar com Madre Aurélia. A gente... não perdia tempo não sabe, a gente tinha assim, aquele interesse de ter uma missa bonita no dia das mães, uma missa bonita no dia dos pais, dia dos professores, que Madre Aurélia também fazia muito, ela escrevia muito teatro, ela escreve muitos teatros, ela sempre escreveu. E na minha época foi a época assim, de muitas apresentações de teatro. A escola fazia o teatro e até convidava os pais, as famílias pra assistir e sempre assim, muito bom. Eu não, não apresentava, porque eu era tímida, não decorava e, mas eu ficava por trás das cortinas, botando o som, organizando as vestimentas, né, das colegas. Mas assim pra falar, eu não subia, assim pra decorar, mas eu falava em microfone, se fosse pra relatar ou fazer é... vamos dizer... uma apresentação que fosse só pra ler, Madre Aurélia fazia e eu lia. Na igreja também era assim, sabe? Tudo eu lia, mas se tivesse escrito. Ainda hoje eu sou assim, sou tímida pra improvisar, pra... sabe, mas eu participava e a escola era aberta, muito aberta pra isso. E a gente gostava de participar. Tinha coral, tinha grupo de teatro, tinha... assim, muitos movimentos criados dentro da escola e quem pudesse participava.

22. Essas atividades religiosas eram obrigatórias? Todas tinham que participar?

**Mangueira:** Não, era voluntário. Era, até porque quando Madre Aurélia é... ela fazia convite: quem gostaria de participar disso? Ou disso? Porque ela já conhecia a gente mais do que tudo, ela sabia que eu não, não tinha é... vamos dizer, coragem de subir ao palco pra falar, decorar, ela já sabia. Eu acho que ela conhecia cada aluno, assim, pelo tempo de convivência, aí então ela já dizia, certo. Se fosse pra ler, eu era a relatora, sempre tava com ela, me dava o papelzinho, eu lia. É, tinha as que tinha facilidade de corar, de declamar tudinho, fazer gesto, que ela tem, Madre Aurélia sempre ensinava muito isso, os gestos, a expressão, certo, sabe a expressão corporal de quem representa, isso ela cuidava muito bem. Aí tinha meninas muito boas e desenvolvia esse lado.

23. Havia alguma aluna, colega da senhora que não gostava de participar dessas atividades religiosas?

**Mangueira:** Tinha, sempre tinha alguém que não gostava, sabe assim. Tinha até que fazia o pedagógico que não gostava de fazer. Fazia porque os pais queriam, aí é muito, assim... a gente achava assim que ela sofria com isso. A gente procurava ajudar no máximo. Inclusive ela era da minha equipe, eu tinha uma equipe de umas oito colegas, eram de, eram dividido e a gente sentia que ela sofria com isso e que ela fazia o pedagógico a força. Mais ela não deixava transparecer muito não, mas nos trabalhos ela dizia. Elas as vezes chorava: - eu não tenho condição de fazer isso, eu não sei fazer isso, eu só faço o pedagógico, porque o meu pai exige. Aí a gente procurava ajuda - lá, né, nos trabalhos. Aí, não pois então faça isso. Quando era pra fazer um trabalho manual, eu tenho facilidade de fazer, eu sempre tive, isso é de família, de fazer trabalho manual, trabalhar. Recortar, colar, fazer roupinha de boneca pra teatro de fantoche, aí a gente fazia e incluía ela, sabe? A gente fazia o que ela não podia fazer, a gente fazia. Mas já pra ajudar a colega. Aí, quando ela terminou o pedagógico. Foi bom, ela foi fiel nesse

sentido, né? Ela terminou o curso dela, mas assim ela foi embora pra São Paulo, já foi trabalhar em comércio, coisa que ela gostava. Tempo, um ano desse, ela, ela entra em contato, que agora as redes sociais são mais fáceis, né, de encontrar. Ela encontrou uma Fátima Mangueira perdida no facebook, ela perguntou: quem era? Se era Fátima Mangueira daí. Então as perguntas, eu esqueci. Aí a gente reencontrar, né? Mas tem, aqui acolá, tem. Assim como a gente tem hoje alunos que não gosta de estudar, não se esforça, estuda a força, que fica no celular ou no computador é melhor, mais fácil...

24. As mães tentavam ajudar ela?

**Mangueira:** Ajudavam muito. Ajudavam. Tinha assim, umas entrevistas pra descobrir as habilidades ou mesmo a vocação, como os testes de vocacional, né? Mas assim, elas sabiam da história de cada uma e ajudava, ajudava muito. Percebia, Madre Aurélia conversava muito, como ela era psicóloga, ela conversava muito com essas meninas.

25. Quais as influências que a Igreja Católica deixou pra senhora enquanto estudante, ao longo da vida da senhora?

**Mangueira:** Assim, como eu nasci já numa, numa família católica, família de padre, né, a gente tinha assim, um respeito muito grande por ele, é desde ele seminarista, quando ele estudava, rapazinho novo, estudando, ele ia pra minha casa que era lá no Ceará, era a casa que acolhia os outros na cidade, porque os pais moravam no sítio, os pais dele. Então a partir daí a gente já foi sentindo assim a... quer dizer, e... a... essa... essa essência, né? A gente precisa dessa essência religiosa. Tem gente hoje que a gente, eu fico olhando assim quando a pessoa diz: - eu não tenho religião, eu não tenho... não tá certo a, a nomenclatura não é nada e assim, eu sou evangélica, eu sou católica, eu sou... mas a pessoa tem que ter uma definição de fé. Eu acho que a pessoa tem que ter. A, a escola religiosa, juntamente com a igreja, eu sempre fiz trabalho voluntário de igreja. Ainda hoje eu sou, assim... então isso ajuda na caminhada da gente. Eu, me sinto assim, muita fortaleza, e a fé, eu que é quem conduz a gente. Se a gente não tiver assim um princípio de fé, então não chega a lugar nenhum. Tudo a gente pode se abalar, se abater e a vida continua. E... eu tenho essa, essa fé, eu acho que adquirir muito aqui, né e também assim na Igreja Católica, porque tudo caminha paralelo. A vida da gente é assim.

26. Com relação a orientação religiosa, como era feita na prática essa orientação?

**Mangueira:** Aqui na escola? A gente tinha uma disciplina chamada Educação Religiosa, certo? Era uma disciplina, aí nessa disciplina tudo era muito bom, porque era a partir de uma reflexão, era de tudo, era uma orientação assim, geral pra vida. Tanto a gente tinha pra gente, como tinha como uma orientação metodológica, pra ensinar os alunos que a gente tava recebendo. Então era bem... assim, bem ligada principalmente a congregação que a escola está inserida, que é a Congregação das Filhas de Santa Teresa. Então, o princípio de fé, o princípio de Santa Teresa sempre a gente tinha em mente. Os teatros que Madre Aurélia fazia era tudo assim, a maioria era teatro é... baseado nessa questão assim, de... fé. Agora a gente recebia, tinha muitas alunas que eram protestantes, era evangélicas, mas não tinha problema nenhum. Nunca a escola teve problema com aluno evangélico, nunca. Sempre a gente acolheu muito bem, a escola também sempre acolheu, desde quando eu cheguei, eu já tinha na minha turma alunas evangélicas. Mas elas participavam do que era pra participar, não era obrigado né? Mas

assim, até na missa de conclusão do curso, teve a missa elas participaram do jeito delas, com aquele respeito né? E também teve culto, quem quis, participou do culto da igreja das colegas. Pronto, aí sempre teve esse respeito, ainda hoje a gente pegava muitos alunos evangélicos na cidade...

27. Com relação a essa influência de Nossa Senhora, como é um colégio religioso, havia uma vontade da senhora ou de alguma colega de seguir a carreira de madre religiosa?

**Mangueira:** Não, eu nunca tive. Se fosse hoje talvez eu quisesse. Mas na época, não. Eu não tinha assim, essa influência. É, eu conto até a Madre Aurélia uma história que, quando a gente criança o povo gosta de perguntar: cê quer ser o que quando crescer? Né, e tinha sempre essas perguntas na minha família assim, e... eu comecei a estudar cedo, né, e eu minha irmã Maria do Carmo nós somos a diferença de uma pra outra de onze meses e, sempre a gente foi tudo do mesmo tamanho, muito ligada. E o povo perguntava: essas duas meninas são gêmeas? Não. Vocês querem ser o que quando crescer? Aí a minha... irmã ela dizia: eu quero ser freira. Aí eu dizia: eu quero ser noiva. Eu dizia que queria ser noiva. Nunca tive assim, vocação, né, gosto demais. Participo de tudo. Lá na minha igreja eu sou da catequese, é, eu organizo coroação de Nossa Senhora, certo. A desse mês sou eu que vou organizar de novo. Aí, mais assim, aquela vocação pra, pra vida religiosa não, nunca fui, nunca teve aquele toque, né? Porque precisa ter aquele toque, o chamado né? Não tive não, mas eu participo de tudo. Eu vou reunião no Crato da família, aqui da família dos professores teresianos. Tudo ano eu vou pro Crato, tem as reuniões com os professores daqui e eu sempre acompanho. Gosto, acho bonito as reflexões, aqueles seminários bonitos, mas assim, a vocação não, não tinha tocada.

28. Com relação essa influência de Santa Teresa, havia a influência dela, como relação a como se comportar, como se vestir, como se relacionar com as pessoas?

**Mangueira:** Não, porque assim, podia até ter, mas eu não notava não na época não. Porque a gente já tinha aquele padrão, né, de como está na escola. Tinha não. Quando a gente chegou também aqui na escola, por exemplo, as freiras antigamente usava o hábito, mas quando eu cheguei aqui, elas já não usavam mais, né, o hábito criado por freiras e religiosa. Ai, então assim, quanto a isso eu não lembro não, nada de, assim, essa influência assim não. Era uma coisa natural, que ia acontecendo naturalmente.

29. Nesse período quando a senhora foi estudante, havia alguma discussão sobre o movimento feminista durante as aulas? Porque o período da década de setenta e sessenta, foi um período que o movimento feminista vai aumentar mais no Brasil, que as mulheres vão reivindicar mais direitos...

**Mangueira:** Eu não lembro assim, eu acho que, como é uma escola religiosa não tinha muita influência externa. Tudo seguia mais um padrão, né, de escolas religiosas. Eu não lembro assim. Eu acho que não. Não lembro de nenhum movimento assim de... de escola, de alunas da escola participava, porque podia ter algum movimento externo, mas eu não lembro. Realmente eu não lembro na época.

30. A senhora tem alguma opinião formada sobre o movimento feminista?

**Mangueira:** Minha opinião é que acho que... que a mulher tem que lutar pelo seu direito. Acabou aquela história de antigamente do homem ser o tal e a mulher mais submissa, não. Eu amei quando as mulheres começaram mesmo e deram seu grito de independência e disseram assim: - agora chegou a nossa, agora a gente pode trabalhar, pode assumir qualquer cargo, que antigamente os cargos eram mais masculino. Assim o homem é que tem que ter isso, o homem que é mais organizado pra isso, não. Eu acho que a mulher ela está preparada pra assumir qualquer cargo, qualquer cargo. E até digo que em questão de organização até, até burocrática, eu acho que a mulher tem mais, ela tem mais... um jeito assim. Aí, eu... sou contra não o movimento feminista. Eu acho que ela tem que conquistar.

31. Então com relação essa discussão aí, como era a visão do período quando a senhora estudava da sociedade da época sobre a mulher? Havia essa visão que a mulher deveria lutar pelos seus direitos ou era fechado assim, conservador?

**Mangueira:** Não, não. Não era, era mais fechado...

32. Na sociedade daquela época da década de 70, havia essa visão mais conservadora?

**Mangueira:** Mais, era mais conservadora. Era que a mulher tinha que está no seu lugar, mulher era mais do lar, mulher era mais da casa, o homem era que trabalhava pra botar o dinheiro dentro de casa, botar tudo que precisasse. Era, essa era a idéia, né, da sociedade. Isso era coisa como se fosse natural. Toda sociedade tinha isso, é tanto que a gente não tinha... as mulheres só assumiam o cargo de professoras, de secretária, de alguma repartição né, de alguma coisa assim. Mas não tinha como hoje, que a mulher luta mesmo, ela faz concurso, ela estuda muito, ela faz um curso de direito e ela é isso, né? É bem, bem diferente.

33. Sua família também tinha essa visão mais conservadora?

**Mangueira:** Mais conservadora era. O pessoal assim, mais antigo, mais do sítio, né, mais assim, trabalhava na parte de agricultura, não tinha muito a mente aberta. Você sabe que nem meios de comunicação na, em certas épocas não tinha, né? O rádio, acho que... que quando vieram conhecer um rádio, meu Deus do céu fazia década, né e... eu acho que demorou, demorou mesmo assim, a sociedade entender o papel da mulher. Ainda hoje a gente sente uma certa discriminação. Mais já há muito esclarecimento, muito bom.

34. E no colégio, na atuação das mães, havia essa visão mais conservadora ou mais aberta com relação ao papel da mulher?

**Mangueira:** Assim... eu, eu, eu lembro assim só que Madre Aurélia era mais aberta. Ela como diretora, ela era mais aberta a isso, quanto a isso. Mas também não... não tinha isso de discussão, pra saber não. Era uma coisa mais pacata. Eu acho assim mais acomodada, na época era mais acomodada. A escola era mais fechada, era conservadora, né, que ainda hoje tem pontos que tem que conservar. Mas num tinha assim... a gente não sentia muito esclarecimento ou muita abertura nesse sentido, porque eu acho que... não sei que a escola era mais... e a gente só respeitava. Não lembro assim de haver nada não.

35. Elas não influenciavam em relação a ser boas esposas, constituir família?

**Mangueira:** Não, não. Não isso aí só assim em alguma palestra, que tinha as aulas de formação. As aulas de formação era mais pra isso mesmo. Teve um tempo, eu não alcancei esse, no tempo que eu cheguei já teve umas mudanças, mas assim tinha aulas, tinha uma disciplina chamada... não sei o quê doméstica, eu até já esqueci, que era pra ensinar essas coisas assim da orientação, de, de fazer, vamos dizer, de como receber bem, de como vamos dizer, de receber bem o marido, de fazer uma comida boa, pra agradar o marido chegar, é encontrar uma comida assim, assim... tinha umas orientações, certo, nesse sentido. De como cuidar de criança chamava puericultura na época. Então era como, não era uma disciplina, mas tinha umas aulas, oficinas de como cuidar da casa, de como cuidar de uma criança, de como cuidar é, de uma visita, de como receber uma visita, tinha isso. Mas não tinha aula de, por exemplo, corte e costura, de, não... de culinária. Eu fiz um curso de culinária assim, a parte, mas foi com uma freira da congregação lá no Ceará.

36. Com relação a esse período que a senhora estudou aqui, no final da década de setenta, ainda estava no período da Ditadura Militar. Em algumas escolas havia castigos físicos e castigos psicológicos. No tempo que a senhora estudou aqui, havia algum tipo de castigo a quem desrespeitasse as regras?

**Mangueira:** Era... mas não era bem assim um castigo físico, mas o pior castigo que a gente achava e até pra crianças... eu estudei só dois anos, né, pra crianças era, era, por exemplo, era o professor dizer assim: - vá pra sala de Madre Aurélia conversar com ela. Porque assim, a gente, a sala da madre era, né... a madre era a maior, a autoridade maior da escola. Então já seria o limite de, de tudo. Você dá trabalho, então seu castigo vai ser conversar com a madre, porque lá, ela conversava, mas ela tinha a hora de ser dura. Não era ameaça, mas tinha que ser dura, de dizer como se comportar, como deve ser uma pessoa assim, assim, assim... mas isso não acontecia com, assim do pedagógico mesmo, eu não lembro de alguém que era chamado assim a sala dela não. Mais os outros, os alunos de outros níveis, né, de oitava série, sétima série, porque precisava. Hoje a gente tem uma psicopedagoga na escola, quando o menino dá trabalho, não faz tarefa vai pra ela. Tem uma psicóloga, tem as coordenadoras de área, uma coordenadora geral em cada nível. Então quer dizer, só vai pra diretora no último, na última instância, né? Mas antes não, era só a diretora pra resolver tudo. Então ela tinha que ser... bater o martelo, ela tinha que ser o juiz da escola, tinha que ser o psicólogo, tinha que ser tudo, né?

37. Então não havia a questão da palmatória? Teve escolas que teve?

**Mangueira:** Não, aqui nessa escola não. Não teve palmatória. E assim, pras internas eu digo a você que umas delas ainda hoje, até na presença de Madre Aurélia, por exemplo, é... tinha uma, uma, menina, uma amiga que ela... ela gostava de, ela era interna, e, ela, ela, arranjou um namorado, um paquera, que na época chamava paquera, ela fugiu daqui da escola. Fugiu pra se encontrar com ele, né, marcou horário e tudo e tinha aquelas, os cupidos, né? As que não são internas levava os bilhetinhos, trazia, tinha assim, esses negócios de antigamente, né? Ai ela fugiu, deu uma fugidinha, aproveitou a saída de outra, não deixou Irmã Irene ver e aí fugiu. Quando ela voltou, aí a escola já estava fechada, tinha aquele horário. Aí Madre Aurélia chamou e mandou ela... ela rezar. Eu não sei o que era, o mistério do terço, negócio assim, não era coisa muita não, que fosse pra capelinha, tinha aqui uma capelinha na frente e fosse rezar e pensar no que ela tinha



feito. Ela nem brigou, não fez nada, o castigo foi só a penitência de rezar essa oração. E lá, ela rezou e escreveu uma carta para Madre Aurélia, lá onde tava no castigo, né? Ela disse que tinha se arrependido, que nunca mais ia fazer isso, que sabia que ela tinha, né, ultrapassado o limite da disciplina, assim, assim, assim. Ai fez. Madre Aurélia guardou essa carta, leu, guardou e tudo bem. Quando foi o outro ano, outro dia, ela repetiu a façanha... aí Madre Aurélia também não brigou, quando ela chegou Madre Aurélia foi atrás lá da cartinha, que tinha guardado e entregou pra ela. Só fez isso. Ela disse que não precisou lição maior do que ela reler a carta que tinha feito pra Madre Aurélia prometendo que não faria mais. Então assim, eu, eu é, eu tô contando, relatando esse fato pra dizer pra você que não existia castigo, não existia quer dizer, Madre Aurélia conversou, ela resolveu escrever a carta prometendo não fazer mais e Madre Aurélia guardou, porque ela era danada e Madre Aurélia sabia que ela podia, que ela ia fazer outra coisa. A... Madre Aurélia foi lá na gavetinha, pegou e entregou simplesmente. Aí pronto, ela melhorou, certo. Ela casou, teve filho, então hoje ela é uma vovó né. Mais assim, eu acho que era uma escola mais aberta aqui, eu acho que não era muito exigente não. Eu não sentia assim, essa... formalidade toda de escola antiga de freira.

38. Com relação ao que a senhora acabou de comentar dessa jovem que fez isso. Então se havia alguma aluna que fizesse algo de errado era nesse sentido?

**Mangueira:** Era nesse sentido, era. Tinha castigo, castigo físico não, porque não tinha palmatória, não tinha. Era conversar com a Madre Aurélia, que é a conversa com ela e aí, era nesse sentido assim, da pessoa rever o que fez, chegar a conclusão de que precisava melhorar.

39. Então, a senhora lembra de outras atitudes assim de alunas que fizessem, que fugissem das regras?

**Mangueira:** Assim no momento não.

40. Com relação a sala de aula, como era a disposição das carteiras? Eram filas?

**Mangueira:** As carteiras eram duplas aquelas antigas, né? Sentava de duas em duas meninas, todas elas até das, do primário, né, era tudo igual. E era fila mesmo, só quando tinha uma eventualidade, uma festinha, uma vamos dizer uma festinha de mãe, aí a gente botava as carteiras, e ficava difícil pra colocar essas carteiras duras em círculo, porque era dessa largura assim as carteiras pra duas pessoas, né? Bem pesadas é. Mas era assim, as salas eram menores. Hoje já tem salas grandes, antes não, eram salinhas bem menores. Hoje a gente tem salas grandes, todas climatizadas, todas muito confortáveis. Antes não, era mais assim... a gente nem notava, porque não tinha outra escola pra comparar né?

41. A senhora falou que havia a Educação Moral e Cívica, como era essa disciplina?

**Mangueira:** Essa disciplina era pra mostrar, assim a moral, assim a pessoa integra né? Ai entrava assim né a relação de política, de uma política saudável, tinha como... eu não sei se você, você estudou... EPB Faculdade? Não, não. Porque quando eu fiz o meu curso tinha a EPB, que era um Estudo de Política Brasileira. Então dentro dessa disciplina a gente estudava normas, norma geral pra pessoa, como seguir norma, como é uma pessoa ética, então tinha, era temas variado e não tinha nem livro. Não lembro nem

que tinha livro nessa época. Aí então o professor de Moral e Cívica, como era a época de, de vamos dizer Regime Militar, então civismo era o principal. A gente tinha que aprender de cor o Hino Nacional, tinha que saber a forma correta de hastear uma bandeira, bandeira do Brasil ladeada por outras bandeiras, como era a posição dela, tudo isso tava dentro do civismo. Como marchar, desfilar no Dia 7 de setembro era obrigado marchar. Todos de farda, fardinha impecável, um instrutor na frente pra dizer, né, aquelas coisas toda do tempo militar. Então eu, a Educação Moral e Cívica era obrigada ser aplicada em toda a escola. Na época, eu estudei lá no Ceará e quando eu cheguei aqui, tinha também... porque era pra seguir normas, eu digo até assim, se fosse hoje era horrível. A, assim tinha uma, uma regra, uma regra vamos dizer do governo. Não existia assim o MEC como hoje tem no país. O MEC ele com sua equipe organiza o currículo pra uma escola, pra um nível e naquela época, o currículo era, era ditado pelo, era Ditadura, né, então existia um, vamos dizer um MEC, mas um MEC assim, de viseira, que só fazia o que o governo queria. Então o estudo de Moral e Cívica era assim. Mas a gente gostava porque era dinâmico. Eu tinha uma professora, não aqui no colégio, mas no outro, por isso que quando cheguei aqui era mais fácil, porque eu tinha uma professora que ela botou pra decorar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira, o Hino da Independência, a gente decorou. Decorou porque achava que tinha que decorar. Hoje a gente acha ignorância, você chegar, ficar a professora assim, você botar a mão pra trás e dizer em forma de poema: Ouviram do Ipiranga, as margens, até o final e ela escutava e isso era na sexta-feira tinha que fazer. Aí na outra semana o Hino da Bandeira, na outra o Hino da Proclamação da República, noutra semana o da Independência e assim a gente ia fazendo. Quer dizer, era obrigado a gente fazer isso, né. Era obrigado a gente cantar o Hino Nacional todos os dias antes de entrar em sala de aula. Fazia a fila fora da sala, ainda hoje me lembro, né e cantava pra poder entrar, porque isso fazia parte do... do dia a dia da escola. Hoje não, hoje os meninos nem sabe o Hino Nacional, porque a gente pejeja pra colocar na cabeça e não bota, porque não querem aprender. Dificilmente, porque a gente não vai obrigar, né, pra obrigar hoje a gente precisar ter muita coisa pra obrigar os meninos, o rapazinho de oitavo ano, nono ano querer aprender o Hino Nacional. Só se ele quiser, gostar muito de jogo de futebol, ele dizer: eu vou ser jogador de futebol, aí ele aprende, mas se não for, ele não aprende.

42. Quem eram os professores da disciplina de Educação Moral e Cívica? Era as mães?

**Mangueira:** Não, deixe me ver... na época... tinha só uma que foi no, eu, eu peguei só no segundo ano, no terceiro já não tinha, que era só metodologia. Era irmã... irmã Luzia, daqui era irmã Luzia. Pronto, aí depois de muitos anos, aí já passou pra é, Educação Religiosa. Aí é, a Moral e Cívica saiu e ficou só Educação Religiosa, aí era, adotava o livro bom, que não dizia que era tal religião, ou dizendo católica, não. Aí no Ensino Religiosa ela era, vamos dizer, eclético, pegava qualquer, era de um modo geral. Não ensinava oração, não ensinava mandamento, essas coisas não. Era uma coisa mais ampla.

43. Com relação a esse período da Ditadura Militar, houve uma influência desse período dentro da escola? Dentro do colégio assim de ser, de ficar mais rígido, porque tava no período da Ditadura Militar?

**Mangueira:** Eu não notava, porque eu nasci praticamente, quer dizer dentro do período, aí a gente não tinha noção do que era outra experiência. Pra mim era normal, né, pra

gente, pra minha família era normal uma escola exigir isso e aquilo, né, porque a sociedade em si já era assim. Ela já tinha aquele costume. Aí eu não sei te dizer assim, se houve alguma a... né, porque eu não experimentei antes as escolas, quando eu comecei a estudar, já era um Regime assim né, bem mais fechado. Agora, aí depois quando eu comecei já a trabalhar, que a gente já foi vendo né as melhoras, umas aberturas, né, aí a gente vai: ah, como naquela época era rígido, era, assim é, aí a gente já nota, certo. Mas na época pra gente era normal, era natural. Eu achava natural.

44. Então a senhora não percebia enquanto estudante a falta de liberdade, a censura?

**Mangueira:** Não, a gente não tinha muito isso... é claro que assim, por exemplo, sempre houve épocas, ou em alguma escola, ou em alguma sala, vamos dizer, uma aluna ou um aluno chegar com uma revista proibida. Antigamente, tinha uma história de umas revistas proibidas, só podia ler aquela revista se tivesse dezoito anos. Mas eu como estudante do pedagógico dizia assim: Meu Deus, uma pessoa que ler isso aqui proibido para menores de dezoito anos, é claro que quando tem isso a pessoa tem curiosidade de ver, né. Eu já tinha, eu já pensava nisso... aí então assim, umas coisas que a gente é... um ou outro, por exemplo, não podia ler, tinha um livro proibido, vamos dizer. Eu não lembro nem da época tinha o livro que não era pra ler, que não podia. Mas tinha alguém que carregava esse livro escondido assim na bolsa, mostrava alguma colega, algum colega. Tinha dessas coisas, como hoje ainda tem, porque os meninos pega o celular pra mostrar coisa que não é pra ver, e aí eles ficam mostrando escondido, né? Quer dizer, eu acho que hoje também é a mesma coisa de proibição. Mas não era muito influente não, notava diferença não.

45. E hoje atualmente, como a senhora entende o período da Ditadura Militar?

**Mangueira:** Eu acho assim, que foi um período muito triste, trágico, que não precisava o Brasil ter passado por essa, por essa época, esse período. Porque eu acho assim, muita gente foi banido com essa... com esse, nesse sistema. Banido mesmo, assim, claro que podia ser, a pessoa podia ser punida de uma forma, né. Vamos dizer... fez algo de errado, tivesse que punir, punisse. Mas foi muito, muito cruel. A Ditadura foi muito cruel e assim, parece que até, não sei, casos mais pessoais, pegava assim, era mais cruel com algumas pessoas, alguns grupos políticos. Eu acho que, assim, melhorou muito né, melhorou muito. A gente ainda tem muitas coisas, a escravidão assim do povo... eu acho ainda pesada, mas... eu acho cruel, assim. Eu já ensinei história, aqui eu ensinei uns dez anos história e geografia. Mas assim, esse período eu, eu sempre... claro, a gente sempre procurava é, estudar os conteúdos que vinha nos, nos livros. Mais a gente sempre procurava assim, ver uma forma mais maleável. Porque tem muito depoimento triste, muita coisa que aluno assim, os alunos de hoje não querem. É como estudar o período né, Hitler, da Segunda Guerra Mundial, né. Eu sempre pegava essa parte da história botava só uma coisa mais dinâmica pra eles entenderem. Então assim, da Segunda Guerra Mundial, eu pegava, vamos dizer, muitos ex-combatentes daqui de Sousa, que quando eu comecei a ensinar história, a gente conheceu muitos ex-combatentes na, na cidade. Então eu fazia entrevista, eu mandava os alunos trazerem pra sala de aula deles, até pra valorizar. Então a gente, eles contavam alguma coisa do sofrimento deles, mas a gente contava mais a parte do heroísmo. Assim, a força, a coragem que eles tiveram de fazer isso, isso e aquilo, certo. Então na, na, nesse período da Ditadura também a gente fazia isso pra não ficar muito marcado, porque eu acho que, ver só casos isolados da Ditadura, é muito cruel... cruel mesmo. Pra quem pesquisa, pra quem estuda assim, essa

parte, que eu acredito que você como aluna de história deve ter aprofundado e tem muito exagero assim, nas, nas punições, né? Gente que as vezes nem merecia e entrava no embalo, né. E assim, aquela liberdade que a pessoa não tinha, por exemplo, um grupo jovem, não tinha liberdade de se reunir, de trabalhar. No meu tempo aqui, já existiu o grupo jovem da escola. Mais aí tinha, tudo tem seu limite né, a gente conversava, a gente discutia tudo, mas assim, levar as ideias lá pra fora, isso era mais difícil. Porque aí entra de, né, ia bater de frente numa sociedade que não... tinha nem condição, porque já tava com a cabeça já derrotada com tanta coisa, né?

46. Quando eu fiz a entrevista com a Madre, ela falava, ela falou que os padres eram perseguidos, daqui da cidade de Sousa, porque eles eram relacionados com os movimentos sindicais dos operários.

**Mangueira:** Era, era, era.

47. Aí ela disse que muitos padres que se hospedavam no colégio a noite.

**Mangueira:** É, as vezes vinha até escondido, porque não podia entrar livremente. Chegava aqui, elas acolhiam, mas assim, foi muito, muito duro, né.

48. Vocês percebiam esses padres aqui?

**Mangueira:** Não, não. Eu nunca percebi não. Só sabia assim, que as vezes elas comentavam: olhe padre tal, porque isso era passageiro. As vezes chegava de noite, saía de madrugada, porque também não podia passar muito tempo, porque isso na Ditadura existia muitos olhos. Então, principalmente colégio de freira. A própria igreja, que não podia ter grupos, como hoje que a gente tem pastorais pra trabalhar em tudo, antes não tinha. Por quê? Porque era muito vigiado, porque onde tivesse duas ou três pessoas conversando, não podia, porque ali estava tramando contra o governo. Tava tramando contra a Ditadura. Então isso era o medo que tinha, né? E isso aconteceu muito aqui em Sousa, tem muitos. Tinha movimentos aqui em Sousa, com muita gente que era contra a Ditadura, como todo tempo teve e todo canto teve, né... presos políticos né, eu acho que até Mariz foi um dos presos políticos daqui, não foi? Mas assim, não, não como, né, foi exilado. Mas tem os presos da época.

49. Ela disse que foi um período muito difícil, esse período da Ditadura Militar e o colégio conseguiu se sair bem durante esse período, porque eles não batiam de frente. O colégio respeitava muito as ideias que vinha lá de cima e que era pra fazer.

**Mangueira:** É, as ideias... é, cumpria, né? Tinha que cumprir. Tinha aquela história, a história, os deveres, então tinha que cumprir os deveres.

50. Ela disse que fazia isso justamente por que tinha medo de acontecer alguma coisa com aluno, com pais de alunos.

**Mangueira:** É... a gente tinha, eu tinha uma professora na época, mas só depois que ela se revelou. Ela é bem petista agora, aí então ela uma revolucionária. Se fosse na época da Ditadura eu acho que ela tinha... mas ela era comportada na época que eu estudava. Depois foi que ela foi embora pra... é... Crateus, que ela é de lá, aí, aí ela se candidatou vereadora, aí é petista. Mais ela sofreu muito, foi presa, ela foi, foi bem cruel assim a

prisão dela. Ela conta, hoje ela relata, ela tem um livro muito bom, mas assim na época, claro, Madre Aurélia disse certo, ela procurava assim, como diretora da escola e as irmãs todas, elas procuravam, tinha que obedecer né, assim, cumprir aquela, aquelas metas.

51. Com relação a relação dos pais da senhora com as madres. Era, como era essa relação? Boa, amistosa?

**Mangueira:** Era, era muito boa. Meu pai era mais fechado assim, minha mãe que era mais presente aqui, né. Meu pai era mais assim isolado, mas ele sempre assim que precisava ele vinha. A colação de grau da gente ele vinha, participava de tudo do que era necessário. Mais assim, ele era mais fechado, porque ele, é esse pessoal assim mais que não tem muita cultura, tem vergonha. Mãe era mais saliente. Eu não tenho mais pai, mas hoje, ainda hoje a minha mãe, por exemplo, é, há vinte anos atrás foi criado aqui dentro da escola um grupo chamado Família Teresiana, Madre Aurélia é quem dirige, ainda hoje ela é presidente do grupo. Aí dá assistência ao Conjunto Frei Damião, ao José Lins do Rego e aqui no Alto do Cruzeiro. E desde essa época nós fazemos parte, eu e minha mãe desse grupo, sabe. Eu, ela e aí tem mais umas doze pessoas, e desde esse tempo que a gente tem um trabalho assim voluntário, né. Minha mãe deu cursos lá no Conjunto Frei Damião, que lá tem um prédio que é, a Madre construiu e a gente sempre fez. Era um trabalho que quando a gente chegou lá todo mundo dizia: cê tem coragem de entrar aqui dentro com sua mãe? Mas tinha outras meninas que entravam com a gente. Porque aqui é um covil de disso e daquilo. E a gente com Madre Aurélia e o grupo todinho, a gente é, como se diz, bombou praticamente. E hoje é todo mundo louco por a gente. Minha mãe deixou de dá curso, porque ela é, é ela tem oitenta e seis anos, mas ainda hoje ela, ela ainda vem pras reuniões, que é no segundo sábado do mês. Pronto, a gente tem uma relação muito boa com Madre Aurélia. Todo mundo é louco por ela, pela minha mãe. Até, até essas novas de hoje. Que as mais antigas foi do meu tempo, tempo de Maria do Carmo. Mas até as de hoje gostam, porque criou esse vinculo de amizade, quase como uma família.

52. Na casa da senhora havia essa extensão do ensinamento religioso?

**Mangueira:** Havia, sempre houve. A gente sempre teve essa ligação com padre Mangueira, então eu digo que estava sempre participando, né, da, das coisas. Então estamos dentro de tudo.

53. Os pais da senhora concordavam com as regras do colégio?

**Mangueira:** Concordavam. Concordavam plenamente.

54. Com relação a esse período da Ditadura, havia alguma relação, alguma orientação desse sistema político durante as aulas? Se havia alguma forma de questionar? Se algum professor reclamava ou defendia?

**Mangueira:** Não, eu não lembro não, até porque assim, não podia muito questionar não, nera? Sabia que era daquele jeito, mas eu não lembro não.

55. Quais as profissões que a senhora tinha em mente?

**Mangueira:** Eu? Eu sou professora, fiquei em sala de aula 27 anos. Eu já comecei em sala de aula, no terceiro pedagógico, eu já comecei a ensinar como eu disse a você. Aí de lá pra cá eu trabalhei vinte e sete anos em sala de aula. Em paralelo a isso, eu passei oito anos como diretora numa escola do estado, porque eu fiz o concurso, passei como professora, trabalhei dois anos em Marizópolis, aí lá no Bento Freire, trabalhei oito anos como diretora. Aí depois, aí eu vim pra cá, fiquei trabalhando nessa escolinha, que é uma escola de voluntários assim. Aí eu fiquei trabalhando pelo estado para atender essas crianças no caso como professora. Pronto, aí depois eu me aposentei, me aposentei, aí fiquei aqui como... mais como supervisora do pedagógico, aí eu ganho do particular, porque da aposentaria já é... então professora e diretora da escola.